Amor de Mãe

PARCERIA A. M. PEREIRA
EDITORA



AMOR DE MÃE

Amor de Mãe

Scenas da vida moderna de Lisboa

POR

Julio de Castilho

LISBOA
Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria editora
50, 52, Rua Augusta, 52, 54
1900

Typographia da Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
Beco dos Apostolos, 11, 1.º — LISBOA

Ao seu querido amigo
e quasi parente por affinidade,
o Illmo e Exmo Snr.

Visconde de Sanches de Baêna

em testemunho de muita consideração, muita amisade,
e muito agradecimento

dedica este livro

o autor.

I

A senhora D. Maria do Rosario de Miranda e Vasconcellos Reymão Coutinho tinha um nome muito maior do que a pessoa; e ainda talvez eu o não saiba todo; é difficillimo decorar certos nomes peninsulares. Era pequenina e miudinha de corpo, mas grande de alma, como espero evidenciar no correr d'estas paginas.

Não me chamem indiscreto, se me atrevo a contar certos pormenores do seu viver; conheci-a muito bem, respeitei-a sempre affectuosamente, como antiga amiga dos meus; mas estou (em nome da litteratura) auctorisado a commetter certas indiscreções; e ninguem m'as ha-de levar a mal; são quadros de uma Lisboa que desappareceu.

Filha de familia provinciana, hoje de todo

extincta, habituára-se desde creança á vida energica da administração rural. Seus paes, morgados sertanejos nos arredores de Miranda do Douro, nunca tinham visto uma cidade, e só sahiam annualmente das suas terras para alguma praia de banhos, nas longas cavalgadas que eram os meios de locomoção no Portugal velho. Viviam, como tinham vivido seus sextos avós, sem tirar nem pôr. Alfaias, ideias, linguagem, tudo era o mesmo.

Esta menina tinha sido por muitos annos a herdeira do vinculo, até que o nascimento de um irmão a viera esbulhar dos direitos da primogenitura. Nos seus annos de presumptiva morgada habituaram-n-a os paes a penetrar nos segredos da administração da casa. O capellão e administrador, seu professor primario, tomava-lhe contas em orthographia, calligraphia, e doutrina christan, mas prestava-lhe contas a ella, até mesmo depois de nascido o morgadinho seu irmão.

Era engraçadissimo ver como a pequenota sabia tomar a serio o seu papel de dona de casa; com grande gaudio do morgado velho, vigiava toda a faina domestica por seus olhos; sahia a cavallo no seu manço jumentinho, acompanhada de um escudeiro e duas creadas, ver as mulheres na apanha da azeitona; de manhan vigiava a amassadura do pão, e atirava por suas mãos o milho ao farto gallinhame que enchia

um pateo interior do palacete. Depois tecia e fiava com sua mãe, rodeada das moças, ou executava saborosos pratos de doce para a sobremeza do pae. A' noite, com grande gosto e admiração de todos, tomava contas ao feitor e ao capellão, e entregava ao morgado o rendimento dos cereaes vendidos.

Elle, intelligencia limitada e indolente, folgava, por egoismo, de ver as altas disposições administrativas da menina dos seus olhos; e ás vezes, quando, no fim de uma desabrida tarde de outomno, voltava da caça estafado, e achava a brazeira acceza e o jantar fumegante, exclamava abraçando-a:

— Feliz quem levar por mulher esta joia!

N'um tal viver, pautado e exacto, dominador e passivo ao mesmo tempo, habituara-se Maria a uma ingerencia constante nos pormenores caseiros, e assumia, quando era preciso, um ar auctoritario, que difficilmente admittia replica. Passava por avarenta, só porque não era perdularia.

*

Casaram-n-a aos dezanove annos com Roque de Sousa Teixeira, brilhante official da cavallaria miguelista aboletado umas semanas em casa do morgado de Miranda do Douro. Era um bom homem, sociavel e alegre, natural de

Lisboa, e filho de um Desembargador da Casa da Supplicação, Fidalgo da Casa Real.

Possuia Roque de Sousa, além do seu soldo, limitados haveres: pouco mais que um palacete no nosso Bairro-alto, e uma quinta e hortas na Paian, no fresquissimo valle de Odivellas, que já provinham de seu avô, Roque Teixeira, Familiar do Santo Officio, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Desembargador dos Aggravos, filho de um rico moleiro do sitio.

Sobre ser pouca a herança que chegára a Roque de Sousa, o genio largo e indifferente do militar, e, mais que tudo, as desgraças politicas de 1820 a 34, tinham-n-a empenhado por fórma, que elle proprio se dava já por inhabil para desembaraçar a meada da sua má administração. Um gatinho n'um cesto de costura não causava maior desordem nos novellos.

Vieram os noivos morar para Lisboa, aqui passaram calamitosos dias, assistiram com grande dor á derrota do partido realista, e conformados com a sua sorte, que podia ter sido bem peor, viviam em relativo isolamento.

II

Em 1851 habitava este casal de alta classe media o seu palacete, que ainda lá está, no coração do Bairro-alto, parecido com alguns ou-

tros, e conservando o cunho de uma Lisboa desapparecida quasi de todo. Tinham um filho, o galante e sympathico João de Sousa, rapaz perdido de mimos pelo pae, e que até então só dera mostras de sizudez.

*

Roque de Sousa, creado á lei da nobreza, era um sujeito bem apessoado, expressão fina e agradavel, cara rapada, sempre risonho para todos, mas, desde a queda do senhor D. Miguel, inteiramente indifferente a toda a casta de politicas. No seu sorriso de apparente socego havia, para quem bem observasse, o que quer que fosse de uma ironia vaga, e um desconsolo profundo. Contribuia, sim, com todo o dinheiro de que dispunha, para os jornaes realistas, mas não deixava de dar-se com alguns constitucionaes. Para elle a boa-fé era tudo; em os achando de boa-fé, abria-lhes as portas, e admittia-os aos segredos e malicias do voltarete. De politica, não falava com os adversarios, como homem perfeitamente educado, visto que isso lhes seria desagradavel. Apesar da sua indifferença ostensiva, o que é certo é que a sahida da fragata «*Stag*» levando a bordo o desthronado Rei, fôra para Roque de Sousa um golpe serio. Quebrada a espada com que pelejára na Asseiceira entre os dragões miguelistas, ficára muito tempo

doente. Era um cardiaco, e o seu mal exacerbara-se com os desenganos. Sem ser um typo sublime de partidario do senhor D. Miguel, era um dedicado e correctissimo adepto do regimen velho. A sua serenidade era feita de abnegação, esperança no futuro, perguiça, e affecto aos seus.

Como tinha sido sempre homem sociavel, para quem a solidão seria o peor dos males, recebia na sua sala duas vezes por semana; nas outras, frequentava algum theatro, ou lares amigos. Ao principio, só entravam em casa d'elle realistas; depois, a pouco e pouco, a sua tolerancia crescêra; relações com constitucionaes, antigos amigos desde as escolas, ou parentes, ou bairristas, mesclaram a sua sociedade, aliás sempre culta e escolhida.

*

Aquellas reuniões semanaes do palacete da rua da Rosa das partilhas eram caracteristicas. Muito bem as conheci na minha meninice; e se as podesse pintar com toda a exacção, tinha quadros preciosos do viver de Lisboa. Ainda hoje as estou vendo no espelho negro da memoria, quando me concentro a recordal-as. Já não ha d'aquillo; o teor da vida lisbonense mudou immenso de cincoenta annos para cá. A antiga Lisboa, sem americanos, sem elevadores, sem caminhos de ferro de cintura, sem tantas

carroagens, e sem tantos jornaes, era, por assim dizer, silenciosa, estagnada. Cada freguezia vivia sobre si. Comtudo Roque de Sousa tinha, como era de ver, algumas casas amigas, e quasi parentas, no bairro aristocratico de S. Vicente.

Na casa d'elle, n'aquelle Bairro-alto outr'ora tão illustre, tudo era modesto e cordeal. Passavam-se alli umas horas desenfastiadas, sem má lingua, e sem estas gymnasticas modernas, que a final de contas acabrunham e arruinam as familias, na faina de treparem á porfia pelo mastro de cocanha do luxo. Agora (triste verdade!) todos querem ser ricos, ou parecel-o; n'aquellas edades pre-historicas, não; cada qual era o que era. Querem vêr?

III

O Bairro-alto de Lisboa, devido á civilisadora iniciativa da Companhia de Jesus, e rasgado pelo seculo XVI nas terras lavradias dos Alteros de Andrada, tinha então (em 1851) uma feição muito mais pronunciadamente caracteristica do que tem hoje; e era diversissimo de Buenos-Ayres, da Cotovia, da Baixa pombalina, de Alfama e de S. Vicente. E' singular como n'uma só cidade se estabelecem demarcações tão accentuadas! e ainda ha mais: essas varias regiões do grande todo desconheciam-se entre si.

. . . .

Conheci eu uma boa velhinha moradora na Baixa, e que nunca sahia do arruamento; casa, na rua dos Fanqueiros; Missa, em S. Nicolau; víveres, na Praça da Figueira; banhos, na barca dos tonéis; passeio e frescura, no Terreiro do Paço. Falei-lhe, por acaso, da rua de S. João da Matta, onde eu então morava.

— Não sei onde é.

— Não sabe?

— Não, meu senhor.

— A Santos-o-Velho.

— Ah! sim senhor, Santos-o-Velho; agora sei; casou lá minha avó; em pequena fui uma vez ahi algures, á rua do Chinello, visitar meu padrinho (Deus lhe fale n'alma!) que era embarcadiço d'isto de navios.

Lisboa era assim ha cincoenta annos, ha quarenta, ha trinta.

*

Mas voltando ao Bairro-alto.

O predio por fóra, n'aquella paragem ainda então meio mortiça da capital, não se alindára, não poséra platibandas de barro, nem azulejos de estrellinhas, nem vidraças á moderna, nem vazos com piteiras de folha; não; conservava o ar sereno das casas seiscentistas, com as suas pilastras de lioz, o seu beiral ressahido, as suas sacadas grandes com gradaria singela e forte.



VOLTARETE

O portal, adornado de cornija grosseira, abria o batente almofadado de madeira do Brazil para uma loja empedrada, no tecto da qual pendia somnolento um lampião de folha. A' esquerda subia a escada larga de pedra, perpendicular á linha da rua, caiada até ao tecto acima do azulejo, e com o competente granadeiro pintado fazendo sentinella no topo inferior.

Ao chegar ao alto do patamar, o visitante nocturno via na parede uma lanterna pequena, que o ajudava a descobrir o cordão da campainha, de som fraco e agudo. Penetrando, quando um creado velho de casaca descerrava a porta da direita, achava-se n'uma saleta esteirada, azulejada, mobilada sem luxo com trastes do tempo do Imperio. Logo adiante, as grossas hombreiras de pedra abriam para o primeiro e unico salão, bella peça de tres sacadas sobre a rua da Rosa, quadrado, de tecto de cupola, com uns estuques parietaes pintados de silvas, passarinhos symetricos a beberem n'umas conchas, e medalhões de heroes romanos. Sobre o fundo verde desmaiado do estuque, cinco ou seis retratos de familia, um desembargador com a sua becca, uma senhora de cintura muito curta, um militar, um paisano de casaca de seda côr de pulga, e não sei que outros, impunham certo respeito a quem chegava. A esteira do chão conservava o delicioso cheiro da palha nova. Erguiam-se em volta uns tremós de polimento

muito esguios, um sofá grande de clina preta, cadeiras análogas, e um consolo com as caixas de xarão das fichas do voltarete e castiçaes de prata com a competente *espivitadeira*. O *bibelot*, a bugiganga de sala, essas ninharias, eram coisas desconhecidas por cá.

N'este salão agazalhado e commodo passava-se bem; armavam-se mezas de jogo; e quem não jogava, conversava. Piano não havia, felizmente. A's 9 horas ouvia-se lá dentro, muito longe, raspar torradas e traquinar chicaras; ás 9 e meia vinha o chá, deliciosa bebida, e depois d'elle até ás 11 e meia retomava o jogo o seu papel.

E nada senão isso.

Assim, pouco mais ou menos, passavam nossos paes o seu tempo na mais inoffensiva, na mais modesta, das ociosidades.

— Quem ia ali? — pergunta o leitor. — Quem frequentava essas reuniões?

Responderei o que souber

*

Ia um Conego velho da Sé, sujeito formado em Theologia, agradavel, obsequiador, e nada avaro do seu bellissimo tabaco *reserva de mestre* e *cruz de Malta*, que elle affirmava ser a melhor mistura conhecida. Entrava cedo, e sa-

hia ás 11 horas com um creado armado de um lampião; protesto contra a pessima illuminação municipal, ou recordação de uma civilisação desapparecida. Chamavam-lhe o snr. Conego Netto de Macedo.

*

Iam muita vez umas grandes amigas da snr.ª D. Maria do Rosario, e grandes senhoras do bairro realista de S. Vicente, as senhoras Lancastres, D. Maria Victoria, e sua filha D. Maria do Patrocinio. Eram pelo seu nascimento, pelo seu falar, pelas suas maneiras, pela sua educação religiosa, e pela sua bondade, dois genuinos typos de um Portugal de outr'ora, quasi de todo subvertido pela revolução. Pessoas de alta distincção, e de relativa fortuna, que dispendiam-á farta em obras de caridade. Da sociedade viva e moderna, quasi que só frequentavam S. Carlos, porque a filha era muito musica, tocava excellentemente, era discipula de Manuel Innocencio, e adorava Bellini e Rossini. Appareciam no Bairro-alto na sua traquitana de machos armorejada, quasi sempre depois de terem visitado o Lausperenne, onde quer que se achasse. As relações entre essas senhoras e a snr.ª D. Maria do Rosario tinham se estreitado pela visinhança das suas quintas, ambas no risonho valle de Odivellas.

Esta senhora D. Maria Victoria de Lancastre era pessoa muito fidalga, como indicava o seu appellido, muito parenta das casas de Abrantes, das Alcáçovas, e da Louzan, os tres ramos em que se dividiu o tronco plantado pelo Duque de Coimbra. Deixo aos nossos historiadores e genealogistas o encargo de averiguarem em que ramada da arvore se filiava esta neta do senhor D. Jorge. Era viuva de um Coronel realista de egual estofo, e cujo appellido me não occorre; mas (á moda antiga, tão reprovada por D. Antonio Caetano de Sousa) a filha, a snr.ª D. Maria do Patrocinio, usava só o appellido da mãe, como quem dissesse tacitamente:

— Junto d'este appellido Real... os mais são zero.

Viviam n'um palacio vetusto, n'uma das ruas legendarias do bairro mais antiquado de Lisboa, S. Vicente, e recebiam a melhor sociedade realista, todos os nomes historicos da tradicional cohorte, tão respeitavel, tão honesta, tão grande, no seu ostracismo voluntario! Aquellas salas foram primeiro um como baluarte de protesto pacifico, erguido nas barbas do constitucionalismo vencedor, que tão maus fructos deu. E no emtanto, como tudo são Portuguezes, muitos constitucionaes de alta classe as frequentavam por fim.

*

Ao Bairro-alto ia tambem um sujeito, a quem nunca soube o nome todo, um d'estes oito-e-noves que ha em toda a parte, serviçal, humilde, e de boas contas. Sobrecasaca sempre abotoada, ar fradesco, e poucas falas. Dir-se-hia um seminarista gorado. Encarregava-se dos recados da dona da casa, não se lhe dava a mão, elle cortejava fundo, e sentava-se n'alguma cadeira mais para o canto. Chamava-se singelamente o snr. Isidoro, e era empregado muito honrado do Banco de Portugal.

*

Ia, entrando sempre tarde, vindo do Gremio, ou de algum theatro, ou de alguma reunião politica, um Deputado talentoso, o conhecido D. Antonio de Castro e Vasconcellos, saldanhista acerrimo, orador, litterato fino, jornalista escutado. Tinham-n-o n'aquella tertulia como oraculo, graças ao seu falar alto e distincto, aos seus meneios de perfeito *grand seigneur*, e ao desempenado da sua bem vestida figura, das suas cortesias protectoras, e do seu pisar cortesão. Dominava os grupos no Gremio e na Camara, conciliava opiniões adversas com duas palavras, ostentava preponderancia irrecusavel

no sexo fraco, e mostrava-se informado de todos os projectos do Duque de Saldanha. Era parente das senhoras Lancastres, como de muitos outros morgádos de provincia.

*

Ia o Conselheiro Azevedo não sei de quê, um aranhiço de edade, muito magrinho, muito cortez, muito apurado no trajo, parecendo ter sempre pressa, de suissasinha grizalha muito aparada, oculos de oiro, beiços de Metternick da rua das Flores, onde morava, chefe de uma repartição qualquer no Ministerio da Fazenda, muito cabralista, mas sem quebrar lanças.

*

Iam as senhoras Refoyos, das Escolas geraes, parentas da casa em trigesimo grau, tres irmans sem edade reconhecivel, muito faladoras, com uma melopêa aristocratica de duas ou tres notas apenas, e começando quasi todas as phrases por *ai*. Eram muito ciosas dos seus pergaminhos, que, se lhes dessemos credito, remontavam a D. Pelayo das Asturias. Escolhiam termos quando se achava na sociedade o talentoso D. Antonio de Castro, e tinham o culto do

senhor D. Miguel, de quem o pae fôra Ajudante de ordens. No todo excellentes pessoas, de optima companhia, e gostando immenso de tiroteios sobre sentimentalismo com D. Antonio. Quando ellas tres e elle discutiam, quem subisse a escada dizia:

— Estão cá as senhoras Refoyos.

*

O pae, que as acompanhava quasi sempre, quando o seu rheumatismo gottoso permittia, era Luiz Antonio Caetano de Refoyos de Sousa d'Eça Maldonado Pereira, Morgado de Santa Suzana d'Evora, e antigo Alcaide mór não sei d'onde; sujeito baixo, atarracado, com ar, cara, e barba, de Vice-Rei da India. Poucas falas, entremeadas de um *Caspitè*, mas muita cortesia e honradez. Santo homem, e bom typo. Affirmam autores de inteiro credito, que se achava, desde seculos, inventada a polvora quando elle nasceu.

*

Ia um Barão alemtejano, ainda Barão por el-Rei D. João VI, homem velho bastante, lavrador nobre, intelligencia curta mas bom senso pratico. Usava gravata muito alta de setim

preto, sobre a qual despontavam os dois bicos do collarinho; suissa grizalha atravessando por baixo do queixo, sobrecasaca muito ampla e com roda, um grande botão de oiro (ourivezaria do Porto) no peitilho da camisa, e um falar grave semeado de archaïsmos. Tinha de seu um pigarro especial, que o denunciava ainda antes de ser avistado.

*

Tudo gente bem educada, como se está vendo, respeitosa, as senhoras sempre amaveis, os homens comprimentado-as com cortesias de quarenta e cinco graus, e não fumando diante d'ellas.

*

Resta-me falar de uma figura que me ia escapando, e não consinto que me escape: João de Sousa, o filho da casa, ou o Joãosinho, como lhe chamavam. Interessante rapaz, com distincção natural, adorado dos paes, e sabendo que o era. Espigado e moreno, como o pae; um tanto auctoritario, como a mãe; não brilharia pelo talento, mas attrahia pelo porte senhoril. Com o buço castanho que lhe concediam a custo as suas dezanove primaveras, com o seu chapeo do Grezielle, e o seu bonito ponche,

capinha curta e de muita roda que então se usava, era um typo de moço-fidalgo d'el-Rei D. João III. As raparigas em geral achavam-n-o sympathico, mas elle a nenhuma distinguia; nunca se lhe tinha conhecido uma paixão.

— E' um santo este nosso filho! — dizia a mãe, quasi com as lagrimas nos olhos.

— Esperem-lhe pela pancada! — dizia o pae com uma gargalhada alegre.

Que devo dizer mais de João de Sousa? não sei; os acontecimentos que vou narrar falarão melhor do que eu.

Era o companheiro constante do pae, quando ás tardes, depois de jantar, este sahia até ao largo das Chagas a ver o Tejo, a observar alguma nau estrangeira recem-fundeada, ou a explicar ao pequeno o que vinha a ser cada uma das varias torres e casas grandes que se avistavam.

Lisboa não tinha então outro desafogo senão estes altos, onde por noites calmosas se reuniam passeantes, e onde ás vezes alguma guitarrada ao luar servia de acepipe á mortiça existencia da Capital.

IV

Era curioso observar como mirone um d'aquelles serões da rua da Rosa das partilhas.

Dizia-me uma vez Duarte de Sá, a proposito

nào sei de quê, com aquello chiste que o caracterisava:

— Nada mais semsabor que uma reunião, para quem não a saiba ler nas entrelinhas; nada mais curioso, porém, para quem lhe saiba o enredo.

— O enredo?

— Sim; uma reunião, uma sociedade, uma assembléa, uma companhia, uma funcção, uma tertulia, uma *soirée* (como hoje se diz) é uma comedia, em que todos representam papeis; perceber os porquês de tudo que ali passa, é estudo interessantissimo. Ha affeições, ha odios, ha pirraças, ha ironias, ha declarações de amor, n'aquellas phrases, que parecem anodynas, n'aquelles dialogos, que parecem casuaes. Repare, informe-se, e verá.

E é assim.

Na casa da rua da Rosa, quem pela primeira vez chegasse via apenas uns poucos de parceiros, gastando umas horas de vida a observar umas pintas vermelhas e negras, em volta de umas vellas de stearina, resguardada cada uma por um pequenino quebra-luz de cartão verde. Ou calados, ou disputando-se urbanamente sobre uma puchada de cassino ou sobre uma vaza de voltarete, aquelles parceiros pareciam mais ou menos indifferentes entre si.

Quem reparasse, veria coisas bem diversas da indifferença.

*

O bom Conego adorava Roque de Sousa. Ter pelejado, ser miguelista, e ser vencido, eram aos olhos d'elles tres corôas de gloria. Netto achára-se envolvido na ressaca da onda nova; devia favores ao Governo do senhor D. Pedro IV, e ao da Rainha; era todo tolerancia para com os adversarios; por isso, apesar de discordar de muita reforma que via, não vociferava, e só desabafava com os intimos. A sua tecla falha eram umas certas preterições que o agoniavam. Imaginava ter direito a ser eleito Bispo de Leiria, só porque era natural de lá. Os outros, por mança caturreira, alimentavam-lhe as lamentações.

*

A snr.ª D. Maria Victoria de Lancastre, com o seu grande ar, não perdia ensejo de exhibir as recordações de uma viagem que fizera a París em 1828, narrando a vida de algumas casas que lá tratára no *faubourg Saint Germain*, os Condes de Castellane, os Condes de la Ferronnaye, os Viscondes de Chateaubriand, e outros. Quem mais a attendia era D. Antonio de Castro, ainda seu parente, que esse conhecia como os seus dedos a París dos Bourbons e a dos Orléans.

. . . .

*

A filha, a snr.ª D. Maria do Patrocinio, creada de pequena com João de Sousa, amava-o em segredo, tinha-lhe entranhado affecto, a que elle, que nada sentia, correspondia com um *flirt* semsabor e forçado.

Esta gentil menina, com ter nascido no antiquado gremio realista, sacrificava já um tanto nos altares do mundo moderno, não pelas ideias, mas pelo trajo, pelas maneiras, pelos penteados parisienses, que lhe adornavam a gentil cabecinha tão bonita e bem posta sobre um collo de garça. Creada entre meninas *modernas* no respeitavel mosteiro das Salesias, contava amigas muito intimas nas réprobas phalanges constitucionaes, visitava-se com ellas, recebia-as, imitava-as. Fundiam-se já os dois mundos oppostos. Sem alta intelligencia, tinha o sexto sentido que vem da educação e do instincto de muitas gerações polídas.

Dizem os Inglezes, que são indispensaveis tres gerações de *gentlemen* para produzir um *gentleman* completo. Ora esta graciosa legitimista não contava tres, mas dez gerações nobres e fidalgas.

Valsava na perfeição. Quando ella deslizava, como uma penna, amparada por qualquer valsista eximio, e que o vestido rodopiava serenamente no compassado ondular sobre o chão dos

seus salões, dando movimento, aroma, e côr, ás melodias de Strauss ou Mosart, a sua figura tomava não sei que proporções sobrehumanas; esquecia-se a mulher, para contemplar uma sylphide.

Devotissimas ambas, mãe e filha, não perdiam festa de egreja. S. Vicente que o diga, onde as encontrei muita vez.

*

O snr. Isidoro observava lá do seu canto. Não gostava de jogar, porque perdia. Amava em segredo, com o mais respeitoso dos affectos, a dona da casa, a snr.ª D. Maria do Rosario, a quem servia quasi como um escudeiro, e que nunca déra por semelhante affeição intempestiva.

*

D. Antonio de Castro e Vasconcellos inclinava-se a sua priminha Maria do Patrocinio; mas como era muito mais velho, pouca farinha fazia, por mais que a deslumbrasse com a sua eloquencia. De mais a mais, dizia-se em segredo que era espirito forte, o que no *meio* em que ella vivia era pequena recommendação.

*

As senhoras Refoyos, das Escolas-geraes, odiavam mellifluamente a sua amiga D. Maria Victoria; porquê? porque a viam inclinar-se a D. Antonio, que ellas todas tres endeusavam, fascinadas por aquella personalidade, em quem o talento espalhava desusado brilho, e a quem tudo presagiava elevado futuro na politica partidaria ou na diplomacia.

*

Em summa, e para abreviar: todas as phrases, todos os remoques, todas as perguntas, obedeciam mais ou menos a estes cordeis, que moviam aquellas figuras como títeres do antigo theatro do Bairro-alto.

V

N'uma noite dos fins de Abril de 1851 esperava-se na rua da Rosa a companhia. Tinha vindo, antes de ninguem, logo ao cahir da noite, conforme o costume, o Conego Netto mais o escudeiro velho, meio creado meio sacristão, que ficava lá dentro a contar aos outros creados a

vida e os altos crimes dos meninos do côro, maceiros, altareiros, sineiros, etc. da Sé (assumpto que mediocremente interessava o auditorio); depois escabeceava, e dormia.

Tinha entrado, como disse, o Conego, e entretinha-se a passear no salão com Roque de Sousa, tomando pitadas, e lamentando, em tom mavioso e sem fel, umas nomeações ultimamente feitas para tabelliães n'umas comarcas de Leiria, pelo Ministro da Justiça, em jacobinos — dizia elle — em jacobinos!

Porque é preciso que se saiba: o D.or Netto de Macedo era constitucional, como creio ter notado, mas pendia muito para o regimen velho. Padre em toda a accepção da palavra, padre na virtude, que foi sempre immaculada, nas falas, no trajo, não transigia com certos abusos, que via, ou suppunha, infiltrarem-se na sociedade portugueza.

Tinham chegado depois os outros frequentadores habituaes da reunião; o Vicente tinha accendido as vellas; tinha trazido para cima de um tremó o grande carcél de globo, com a competente phrase inaugural, já hoje desusada, — Muito boas noites a Vossas Excellencias. O carcél ficava-se mirando no espelho, em quanto se armavam as mezas de jogo, e principiava a conversação technica:

— Perdôe-me, snr. Conego, o trunfo é espadas.

— Bem sei; mas bem vê, que tendo eu jo-

gado isto e o parceiro ist'outro, devia agora esta puchada.

— Não senhor; estava um rei sccco sobre a meza; vindo este cortal-o...

— Mas é que não cortava, por este e aquelle motivo.

E continuavam muito accezos, parecendo que se queriam engulir.

O Conego, santo homem fora do jogo, tinha ás vezes uns accessos de rabinice, que faziam as delicias da companhia; depois, como era fundamentalmente bom, cahia em si. D'essa vez, exhausta a paciencia contra uma terrivel mão de voltarete, atira as cartas ao chão n'um assomo de furia. Todos riram, parou o jogo, e Roque de Sousa, ás gargalhadas, puchou o cordão da campainha. Appareceu o Vicente.

— Vicente, faze favor, levanta estas cartas ao snr. Conego.

— Quê? — interrompe este — levantar as minhas cartas? Perdôe-me, snr. Roque de Sousa; quem as ha-de levantar sou eu; quem fez a má creação é que tem de reparal-a.

E luctando com os outros, e de rastos, e n'um reboliço indescriptivel, apanhou tudo.

E observou Roque de Sousa:

— Em elle sendo Bispo de Leiria, se alguma vez chega a zangar-se, faz á torre de menagem do castello o mesmo que fez a essas cartas. Tenho medo do Conego.

Todos riram, a começar pelo proprio criminoso, e recomeçaram a tarefa.

A snr.ª D. Maria Victoria, sempre serena, sorria; e conversando com a dona da casa dizia lhe:

— Em 1828, quando estive em Paris, conheci em casa do Conde de la Ferronnaye um homem como este; era *Monsieur l'Abbé de Glatigny*; muito mau genio com as cartas na mão, e excellente pessoa em todas as outras occasiões. Galantissimo, o nosso Conego! Imagina tu, filha, que...

Entre parenthesis; em quanto Suas Ex.as conversam, deixem-me notar uma coisa: uma das graças da snr.ª D. Maria Victoria era o modo como arrastava no *r*. Ha uns arrastados quezilentissimos, e que fazem encanitar o ouvinte; este cá era fino, leve, e dizia com o timbre harmonioso da sua voz. Quando eu a escutava falar, todas as outras lettras me eram indifferentes; o *r* (lettra terrivel dos estudantes) era para mim de um encanto indizivel! E note-se que eu era ainda estudante.

*

No meio do serão entrou D. Antonio.

Fazia sempre sensação aquella grande figura desempenada e diplomatica. Tendo comprimentado profundamente a dona da casa e as demais

senhoras, ia acceitar carta, quando, antes de se sentar, perguntou em tom mysterioso:

— Então ainda por cá se não sabe o que succedeu?

Como havia de saber-se? não existia o *supprimento a 10 reis á ultima da hora,* as poucas lojas da rua da Rosa tinham fechado, tudo lá fora jazia em silencio, e apenas se ouvia no escuro o uivar guttural dos aguadeiros, e n'uma travessa ali perto o pregão sinistro de uma marisqueira de burrié.

— Não senhor; e que succedeu? — perguntaram todos a um tempo interrompendo a jogatina, porque a voz e a auctoridade de D. Antonio, Deputado da minoria, assim o impunha.

— Acaba no fim da tarde o telegrapho tabular da Penha de França de transmittir uma grande noticia: o Marechal levantou se no Porto; ha lá uma revolução medonha.

— Sim? e como? e porquê? e em que termos? — perguntavam todos, levantando-se tambem n'uma especie de revolução de sala.

— O Marechal está senhor da situação, e encarregado de formar gabinete.

E contou, com os possiveis pormenores, a revolta saldanhista denominada depois a *Regeneração.*

Pararam as vasas, e todos commentaram como souberam o grande acontecimento. Até o snr. Isidoro sahiu do seu canto, e disse:

— Credo! é da pelle do inimigo!

As senhoras Refoyos descoraram; e observava uma:

— Ai! o tio Saldanha não pode estar quieto.

E a outra:

— Ai! é verdade: o tio Saldanha ha-de ser sempre rapaz.

E a terceira:

— Ai! galantissimo! mas para que é tudo isto? ficâmos sempre na mesma. Ai! se não fosse o tio Saldanha, não tinha o senhor D. Miguel perdido a sua causa.

Esta aristocratica *sobrinhice* com o grande homem, tão apetecida até dos seus adversarios, provinha de não sei que parentesco, em quarto grau, de uma bisavó dos Refoyos com a mulher de um filho-segundo de um antigo Morgado de Oliveira, da Annunciada. O barro humano é sempre o mesmo.

E ponderou Roque de Sousa:

— Nova revolução! triste paiz! o seu estado normal são as revoluções!...

Abaixou meditativo a cabeça.

— Se ao menos o systema mudasse... — dizia o Conego.

— Não — volveu D. Antonio; — o systema não muda, snr. Conego; não muda; mas a mão poderosa do Marechal ha-de incutir-lhe vida nova. Quando se tem o nome e o prestigio do Duque de Saldanha, pode-se fazer muito em favor de

Portugal. Bem sabem Vossas Ex.as que eu, provinciano nascido no gremio realista, conservo amisade aos paladins do senhor D. Miguel, mas tenho confiança no progresso e na civilisação.

D'estas duas enganosas palavras fazia-se um gasto enorme em 1851; serviam para arredondar os periodos oratorios.

Houve um silencio, depois recomeçou o jogo.

Luiz de Refoyos, o convencionado de Evoramonte, e um dos mais assiduos e fieis partidarios do seu Real Amo, ficou branco como a sua barba; e, continuando silencioso a deitar as cartas, repetia de vez em quando, com ironia feroz, como respondendo a pensamentos que o pungiam:

— Caspitè!

Roque de Sousa proseguia tristonho, e mais calado que de costume.

*

— Que tens tu, Roque? — interrogava suavemente D. Maria do Rosario passando por traz da cadeira de seu marido, e agarrando-lhe na cabeça com affecto. — Acho-te hoje triste desde pela manhan.

— Eu, minha filha? não tenho nada; bem vês; não tenho nada.

Acabava de entrar o Vicente acompanhado

do sacristão, trazendo uma salva com o magnifico chá em chicaras da India, e o seu acolyto as fatias e os biscoitos, quando, de repente, Roque de Sousa extremamente pallido, offegante, levando as mãos ao peito, soltou um grande grito, e só disse:

— Oh! que dor! valha-me a Virgem Santissima! ai!...

Ergueram-se todos, que é isto? que tem? D. Antonio, como mais robusto, agarrou-o, as senhoras correram de tropel, D. Maria do Rosario enleou-se no marido, este cambaleou, e cahiu.

Estava morto.

Faz-se ideia do reboliço. Nem eu tenho penna para descrever uma scena d'estas, nem que a tivesse a descreveria. Foram lagrimas, observações, lamentações horrorosas, conselhos desencontrados, uma confusão tristissima. Chamado um medico da travessa da Espera, confirmou o obito, e seguiram-se as scenas que todos imaginam.

*

No dia seguinte, um numeroso cortejo de seges e traquitanas conduzia á sua derradeira morada no Alto de S. João o cadaver do honrado realista.

. . . .

VI

. . . .

E' preciso reconhecer que um dos que mais tinham sentido a morte de Roque de Sousa fôra o bom Conego Netto. Era um d'aquelles homens, que se habituam á amisade, e a quem a falta de um amigo velho deixa mancos.

Agora, que se tinham acabado para sempre as reuniões da rua da Rosa, quando lhe lembravam, ao pobre Conego, as tardes com Roque tão conversadas no Passeio publico, um celebre caffé que ambos iam tomar, de vez em quando, ao Grego do Caes do Sodré, as idas até á feira das Amoreiras, onde iam comprar tambores e gaitinhas para o João, as festas de egreja, a que ambos assistiam, na Sé, ou nos Anjos (outro cóio de realistas), ou as eternas ralhações do seu parceiro de tantos annos, e as brincadeiras com que elle o atormentava tanta vez a respeito do Bispado, sentia uma profunda ternura de saudade do amigo, e como que lhe offerecia o coração lá para o outro mundo.

Excellente caracter o nosso Conego! homem de austéra probidade, escravo das religiões augustas da crença, dos deveres sociaes, dos deveres civís.

Na politica... era mais resvaladío. Formava, como indiquei, uma especie de transição entre

os dois partidos em que se dividia o Reino: era absolutista, auctoritario, partidario do regimen velho, em quasi tudo; e ao mesmo tempo partidario da Rainha, que representava aos seus olhos a legitimidade.

Dera-se tão bem com Roque de Sousa, porque as crenças de ambos eram identicas quanto a systema; e no ponto dynastico, em que divergiam, nunca elles se atreviam a bulir.

Conheciam-se de rapazes. Roque tinha sido um buliçoso militar, valente e elegante official de cavallaria, dedicado cultor do sexo fraco. O bom Netto de Macedo fôra sempre um manço, ordeiro, sem grandes ousadias, e sem ambições (a não ser a tal do Bispado); n'essa tecla desafinava; todos desafinam.

Em 1828 desacompanhára o movimento absolutista, e protestára como podéra, sem odios, largando serenamente uma prebenda que tinha, sahindo de uma freguesia rendosa que pastoreava na provincia, e, sem emigrar, comêra em Portugal um pão mais amargo que o de muitos emigrados.

A morte subita do amigo foi para elle um grande e indelevel desgosto. Adoeceu de dor, offereceu á viuva todo o seu prestimo, com a naturalidade com que offereceria a qualquer collega a caixa do tabaco (*reserva de mestre* e *cruz de Malta*), e poude valer-lhe, com a influencia dos seus amigos, e os alvitres do Con-

selheiro Azevedo, para obter umas moratorias indispensaveis. D'esse triste praso em diante nunca a desamparou.

Verdade verdade: nenhum dos amigos das reuniões do Bairro-alto a tinham desamparado tambem; quem ali costumava ir, ia por amisade; eram todos gente de sentimentos escolhidos; e á parte as pequices sociaes de cada um, era tudo gente de confiança.

VII

D. Maria do Rosario, viuva, e João de Sousa, orphão de um pae que o adorava, ficaram aniquilados.

Aquella morada, até ali tão feliz quanto possivel, tornou-se um tumulo.

Passados os primeiros dias, tomou a viuva contas á fazenda da casa, e viu-a arruinadissima. Para pagar o funeral, foi até necessario vender as pratas, e empenhar umas joias de familia.

Como era caracter tenaz e varonil, acceitou D. Maria do Rosario com todo o seu valor habitual a sua situação nova; e um bello dia chamou o filho ao seu quarto:

—João, estamos pobres; teu excellente pae, que era, pelos seus desgostos antigos, e pela sua confiança em todos, incapaz de se demorar dois

minutos com a administração da sua casa, empenhou-se pelo seu partido, e não poude pensar na familia. Vamos fazer vida nova, meu filho; e eu, lembrada ainda do meu papel de administradora em Miranda do Douro, cá estou para te guiar, com o auxilio do snr. Conego.

— O que minha mãe fizer, está muito bem feito. Nada mais tenho, que obedecer. Sou menor, e hei-de sel-o sempre diante de minha mãe.

*

As finanças da casa achavam-se com effeito em estado pouco prospero. Vejamos.

Roque de Sousa gastava com os jornaes absolutistas de Lisboa, de Braga, do Porto; dava-lhes tudo que podia; e quando se lhe exhauria a bolsa, pedia aos agiotas. O seu modesto viver social não tinha grandes adejos, em verdade, mas levava-lhe quasi tudo quanto recebia, e encalacrava-o cada vez mais de anno para anno. O seu rendimento cifrava-se nas terras da Paian, n'uns pinhaes por aquelles arredores, e n'umas hortas. Tudo isso, depreciado, poderia render, em globo, uns setecentos ou oitocentos mil réis; bem pouco! e ainda menos, se considerarmos que as dividas levavam boa parte do capital em juros.

A viuva percebeu que, alugando o palacete

da rua da Rosa, poderia receber uns cento e oitenta mil réis; indo habitar a arruinada quinta da Paian, economisaria a renda da casa. Resolveu portanto restringir-se, dar cabo do *deficit*, acabar com os juros, e ver se podia equilibrar-se, e capitalisar. Difficil empreza, mas não impossivel.

*

N'uma linda manhan do meio de Junho partiram, mãe e filho, n'uma sege de boleia com direcção a Carnide. D'ahi tomaram a estrada do Casal-novo, direitos ao valle. Lá muito a diante, como não podessem facilmente atravessar o riacho, que ainda ia grosso, apearam-se; e entre hortas, e sobre caminhos de pé posto, entre as peças da mais esplendida hortaliça que ha na Europa, chegaram á sua quinta de Santo Antonio, onde tinham até então habitado só por excepção, vista a antipathia de Roque de Sousa a tudo quanto era campo. Elle dizia muita vez:

— Quem me tira Lisboa, e o meu querido Bairro-alto, tira-me tudo. Eu quero-me com os pregões das ruas onde nasci, e que sei de cór. Posso acertar o relogio por certos pregões.

Não ha motivo para rir. Os pregões de Lisboa teem uma singular e saudosa musica. Apegam-se aos sitios, e dizem com o variar das estações, e com os diversos estados de alma de

cada um de nós. Este Roque de Sousa, lisboeta do coração da Capital, entendia-os; falavam-lhe da sua infancia, das suas tribulações, das suas saudades mortas.

D. Maria do Rosario não era assim, mas conformava-se com os preconceitos do marido; e por isso a quinta, entregue em parte a caseiros, emprestada em parte a rendeiros, não primava pelo alinho. A casa então estava inhospita. Que tristeza! tudo ermo, e desmobilado. Tinha ido de vespera o velho Vicente, tinha aberto as janellas, limpado a maior poeira; e quando os patrões chegaram, já os caseiros, prevenidos por elle, os tinham vindo esperar á porta do pateo, com as festas singelas e timidas de quem receia sempre intrometter-se.

D. Maria do Rosario não proferia palavra; de vez em quando lagrimas e suspiros eram a linguagem com que saudava aquelles sitios, onde em pequenino brincára João.

Perguntou por varias camponezas suas conhecidas, e disse:

— Como está a Maria da Graça, dos Pombaes?

Era uma rendeira sua, camponeza de edade, de quem foi sempre amicissima.

— Muito bem, minha senhora. A filha, a Beatriz, que V. Ex.ª viu nascer, está uma moça como um castello! e linda como as que o são.

— E sériasinha?

....

— Muita séria; é, a bem dizer, a flor do sitio; com ella, como o outro que diz, ninguem mette dente. Tem dezasseis annos, e nunca se lhe conheceu conversado.

VIII

O primeiro acto da administração da nobre viuva foi, como creio ter já dito, arrendar, não sei a quem, o palacete da rua da Rosa. Acabou assim de todo aquelle centro; as reuniões, tanto á portugueza, e tanto do gosto de todos, resvalaram para o rol das coisas esquecidas; e mãe e filho passaram a habitar na quinta de Santo Antonio do valle de Paian, um pouco aperfeiçoada, e adaptada sem grande dispendio para residencia effectiva.

Nas faldas da costa da Luz, sitio muito ermo, campo em toda a sua liberdade, e em todo o seu esplendor nativo, erguia-se este predio, rez do chão para a banda da montanha, andar para a banda do valle. Tinha um ar quasi monastico este edificio, com a sua capella sobre o pateo da entrada, e a sua renque de janellas de peitos muito eguaes. O que lhe apalaçava o aspecto, e lhe communicava certo ar quasi fidalguesco, era um torreão acoruchado, a uma esquina, e de cujo piso superior a vista era deslumbrante, dominando o extenso e fresquissimo valle até Odivellas. Do pateo subia-se

para as salas por uma escada de pedra com seu *cabido* em cima, á antiga; e o verde escuro do pomar, e as renques dos parreiraes a subirem pela encosta, faziam fundo admiravelmente artistico ao grosso do edificio amarello ennegrecido da chuva.

Construida nos principios do seculo XVIII, tinha esta bonita vivenda rural nas suas tradições algumas historias de familia, como um livro póde conter bellas gravuras que o realçam: o casamento do avô, a morte de alguns outros parentes, as festas de Santo Antonio e S. João com danças das raparigas no pateo, e modernamente o forçado homizío ali de Roque de Sousa, quando em 1834 a sanha dos constitucionaes exercera em Lisboa, nos realistas vencidos, desbragadas represalias. Tudo falava; eram tristezas, e eram alegrias; no actual estado de alma de D. Maria do Rosario as melancolias dominavam.

*

João de Sousa, ou o snr. Joãosinho, como por ali lhe chamavam, era em 1852, quando começa esta historia, um moço de dezanove annos, bem educado, submisso, mas, em realidade, muito inutil n'este mundo. Devia agradecer isso ao pae, que sempre o amára a seu modo, entendêra que o amor paternal ha-de manifestar-se em

indulgencias perennes. O pae refugira sempre a dar carreira publica a este rapaz, por não querer que elle servisse o novo regimen. Assim o entretivera, assim o creára, esperando não sabia bem o quê, mas julgando talvez offerecer aquella ociosidade senhoril em holocausto ao seu partido.

João de Sousa era um caracter passivo e indolente; os mimos do pae alimentavam-lhe a indolencia.

Entrar em carreira publica!?—perguntava elle ás vezes a si mesmo.—Mas para quê? Não tinha seu pae dado o sangue, a fortuna, a vida, por uma causa que reputava a mais pura, e não tinham sido em vão todos os seus trabalhos e desgostos, todas as suas fadigas e dedicações? A causa vencedora, por isso que era vencedora seria acaso a melhor? Quem lh'o podia affirmar? João inclinára-se desde creança, por imitação infantil, aos principios apresentados por seu pae; na adolescencia sentira fraquejar-lhe um tanto a fé politica; mas como vivia ouvindo as pessoas intimas falarem-lhe sempre do regimen absolutista, e lamentarem as miserias a que a Maria da Fonte arrastára Portugal, *ferrava sobre o velho*, segundo a concisa e energica expressão de Gil Vicente; isto é: sentia-se attrahido para o systema antigo. Não sei, repito, se as suas descrenças sociaes de moço inexperiente eram, ou não, até certo ponto, um vago

pretexto com que elle cohonestava a sua inacção; mas isso importa pouco.

No seu nôvo viver campestre, o seu quas horror ao trabalho requintou Por commodidade, e só para não ser obrigado a pensar, recebia ordens de sua mãe, que elle adorava, e tinha-a sempre por administradora effectiva da casa. Rarás vezes ia a Lisboa, e preferia á casaca o jaquetão, calça justa, bota, e chapeo desabado. Possuia um cavallo preto, que não era positivamente uma estampa, e que o transportava ligeiro a uma banda e outra, sempre que era necessario ir ver plantar uma bacellada na encosta, fingir que presidia á abertura de uma picota nas courellas do valle, ou que dirigia um corte de madeiras nos seus pequenos pinhaes de Caneças ou Aguas-livres.

Desejar mais? para quê? N'isto de desejar o que não temos, é que vai o perigo; contentar-se cada qual com o que possue, pouco ou muito, é a verdadeira sciencia, ou antes sapiencia. Creio que já o diria antes de mim algum sabio na Grecia, ou algum Seneca ou Cicero em Roma; não importa averiguar quem fosse; agora disse o eu, humilde como sou, e é o que basta para o caso.

João de Sousa achava-se n'um estagnamento moral, que mal condizia com a sua edade. Adormecêra n'elle o mancebo, o homem moço e buliçoso que os seus poucos annos deviam ne-

cessariamente conter. Ha d'isso muita vez: temos latentes em nós sentimentos, affectos impetuosos, que nem suspeitamos, e quc um bello dia acordam quando menos se espera. Entretinha-se João apenas nos pormenores do governo do seu resumido mundo rural, porque a alta administração (chamemos-lhe assim), essa pertencia á mâe.

Quanta vez os magros rendimentos de tal ou tal operação desappareciam na mão d'ellà, e eram entregues com todo o segredo ao honrado snr. Isidoro! E que fazia elle? feliz de collaborar em tão boa obra, ia collocal-os onde lhe parecia mais acertado: ou n'um monte-pio rico, ou n'algum banco seguro, sem que o moço se lembrasse sequer de perguntar que feito era d'elles. E quanta vez, n'um anniversario de familia, esses rendimentos appareciam transformados nos titulos de umas pobres vinhas, ou de umas courellas de matto na costa da Paian! Ao sentar-se á meza para almoçar, topava o moço com esses titulos no seu guardanapo, abraçava e beijava sua mãe, e via assim accrescida, a muito pouco e pouco, a sua mediocre fazenda.

Uma parte das dividas ia sendo paga; os juros iam respondendo pelo que ainda faltava; a isso, e a uma gradual amortisação do capital em divida, ia sendo applicada a renda que pagava o inquelino da rua da Rosa. O equilibrio esta-

vel ainda não viera; entretanto, começava a sorrir uma certa esperança de melhores dias.

N'estas coisas tudo está em principiar... e continuar.

IX

Tinham já os mezes produzido o seu effeito; tinham serenado os animos da mãe e do filho.

Dizem que é um crime esquecer os nossos mortos; oh! mas não esquecem nunca; a dor muda de forma, e não passa. Os nossos mortos acompanham-nos; aquellas sombras queridas, evocadas pela nossa amarga saudade, trazemnos ellas proprias a resignação, a conformidade, que é o melhor preito que lhes podemos dar, até á hora dos supremos encontros de alémmundo.

Na solidão da quinta de Santo Antonio varias circumstancias propicias serviam de distracção áquella mãe e áquelle filho, orphanados de um grande amor irreparavel; entre ellas figurava a temporaria residencia, ali perto, das senhoras Lancastres, que por costume passavam os mezes da calma na sua proxima quinta da Ponte. Duas vezes por semana vinham a Santo Antonio, e outras duas recebiam os seus antigos amigos do Bairro-alto.

Além d'isto, havia tambem, para suave diversão, a convivencia de camponezes amigos

dedicados, rendeiros alguns, de D. Maria do Rosario, por exemplo a Maria da Graça, da horta dos Pombaes, que tinha vindo uma vez ver a sua senhora; e, mais talvez que tudo, havia as festas religiosas no mosteiro de Odivellas, e as romarias populares a algumas capellas do arredor.

*

N'este verão de 1852 celebrou a quinta de Santo Antonio a vespera do seu orago; sabbado 12 de Junho.

Veio dizer Missa na capella um capellão das Theresinhas de Carnide; tudo correu muito bem; e á noite reuniram-se no pateo as raparigas e os rapazes de Odivellas, dos Pombaes, da Azenha-velha, e da Urmeira, celebrando com guitarras e danças o grande Santo peninsular. Depois da Ladainha cantada em côro na capella adornada de buxos, flores, e luzes, era aquillo o entretenimento mais agradavel que se pode conceber.

Vieram pífanos e violas, e toda aquella mocidade, dançando no terreiro por baixo do *cabido,* ou terraço coberto, alegrava ao longe e ao perto os sitios campestres da alegrissima Paian.

*

Desde o principio da tarde de 12 de Junho, tinham chegado á quinta algumas seges, e umas modestas burricadas, levando gente amiga.

Appareceu o bom Conego Netto de Macedo, de sege com D. Antonio de Castro. Vinham muito bem dispostos. Reparem n'uma coisa: a gente do campo ás vezes pode achar-se triste na cidade; o contrario nunca se dá: o lisboeta transplantado para o campo deita logo flores de alegria, e a sua pena é não deitar raizes.

Ha excepções; uma senhora conheci eu, e muito intelligente, e muito estimavel, que no seu trajar nunca admittia a côr verde, porque (dizia ella) lhe lembrava as semsaborias da solidão rural.

Vinham muito bem dispostos, o Conego e o seu companheiro, contaram peripecias da jornada, como se viessem da Prussia: um grande rebanho de carneiros entre os quaes tinham tido que cortar, como as prôas de Vasco da Gama cortavam as ondas do Tormentorio; uma levada, ao Senhor roubado, onde lhes custou a passar; um engano que tinha havido na estrada...

— Perdão, — notava o Conego — o engano foi de V. Ex.ª...

— Meu? essa é galante! — atalhava D. An-

tonio — Pois o Conego não me dizia que sabia muito bem?

— Sabia, sim, e sei.

— Sabe, mas ia-nos levando para Telheiras. Ora essa! que homem este!... Ainda se fosse para o seu Bispado de Leiria!...

— E se assim fosse? — interrompia o outro apanhado, sorrindo, e batendo na caixa para tomar uma pitada. — E se assim fosse? Telheiras, ou Leiria, é alguma terra de pretos? não ha lá gente baptisada? não se joga lá o voltarete e o cassino? Sempre tem coisas!!... é Deputado, e basta.

E todos riam, com bonhomia portugueza, d'estas infantilidades de gente grande.

*

Vieram, em burrinhos seus muito nédios, acompanhadas de um creado de libré, as senhoras Lancastres, que se achavam, como disse, a ares na sua quinta do outro lado do valle.

*

Vieram as senhoras Refoyos com o pae, então a ares no Campo-pequeno; tambem, á moda do tempo, cavalgavam jumentos de aluguer com

cadeirinha; chegavam atarefadas e cançadas, como se tivessem feito a jornada de Vianna do Lima.

—Ai, filha! não imaginas —dizia uma;— que secca! uma poeira! um horror!

—Ora, então! escovas-te; está uma tarde linda.

—Ai, esta Rosario é galantissima; nada lhe mette medo; ó filha, quem te não fez assentar praça nos dragões de Chaves!...

—O quê, joia? pois achas grande valentia vir do Campo-pequeno?

—Eu acho um horror! uma secca! E se não fosse o gosto de te ver... Ai, para mim... quem me tira das Escolas-geraes e do Salvador, tira-me tudo.

Entre outras banalidades do mesmo jaez, em quanto tiravam os chapeus de palha, e sacudiam a poeira, trocavam repenicados beijos, que se ouviam de certo em Caneças.

*

Appareceu o snr. Isidoro desde pela manhan á hora do almoço; correu a quinta, examinou, e prestou, com a melhor vontade, certos pequenos serviços, rever umas contas, encarregar-se do dinheiro de umas decimas, etc. Empregarem-n-o em qualquer coisa, util á snr.ª D. Maria do Rosario, era para elle a ventura suprema.

*

Appareceu tambem o Barão. Como bom cavalgador provinciano, vinha segundo costumava andar em Lisboa: no seu magnifico ginete de marca, e com um creado de farda tambem a cavallo; meneava-se como um Marialva ou um Galvão de Andrade. Tinha toda a linha (expressão de hoje). Já da quinta se lhe escutava o sentencioso pigarro, ao atravessar a calçada de Carriche, creio eu. Os seus apertos de mão, á chegada, tinham o que quer que fosse de metallico; sacudiam o parceiro como mollas de aço.

— Caspitè! — rugia com o seu modo ferozmente amavel Luiz de Refoyos — Vens optimo, ó Barão. Minhas senhoras, isto é o ultimo dos Marialvas. Ó Barão, lembras-te do Sedvem?

— Se lembro! e tu, Luiz, lembras-te d'aquella nossa toirada com el-Rei, então senhor Infante D. Miguel, na tapada de Alcantara? Bons tempos!

— Bons tempos! — confirmava o outro com um triste aceno de cabeça.

*

Toda a companhia apreciou a vista, fez oração na ermida, e pelas 9 horas veio o chá. De-

pois, com uma temperatura deliciosa, um ceo esplendido, e uma aragem perfumada do matto da serra, assistiram todos ás bichas de rabiar, aos valverdes, e ao rodopío das raparigas no pateo.

Patrocinio *taquinava* João de Sousa, que brincando respondia.

—Ó João, por que não vai dançar ali no pateo com as *cachopas* do sitio?

—A menina tem coisas!

—Porquê? ande, vá; eu já o tenho visto valsar; agora, visto que diz que está saloio, gostava de o ver fazer aquelles sapateados. Havia de ter immensa graça!

—Só se fôr com a menina; venha lá para baixo, e comece. A Patrocinio a dançar a canninha verde, de mãos da cintura, deve ser um apetite.

—Ó João, que secca!

*

As senhoras Refoyos interpellavam sempre D. Antonio, principalmente sobre questões de sentimentalismo dignas do *Hotel Rambouillet*.

—Excusa de estar com coisas, primo Antonio; a maior dedicação é a do amor.

—Não me falem Vossas Ex.as no amor; é o mais feroz dos egoismos.

—Ai não diga tal; é cheio de sacrificios o amor.

—Oh! se digo! o homem ama, dedica-se, sacrifica-se, porque n'isso acha praser e doçura; logo, satisfaz o seu egoismo. O proprio amor materno é um egoismo.

—Ai que blasphemia! ó primo Antonio! não diga tal! Jesus!

E outras coisas assim.

Depois, este mesmo D. Antonio, furioso com os desdens da linda Patrocinio, de quem elle gostava immenso, extravasava o seu mau humor sobre João de Sousa com ares protectores. João não o comprehendia.

X

Entre as moças mais vistosas d'aquelles contornos figurava a gentilissima Beatriz, uma verdadeira estrella no rosto e na figura.

Branca, alta, com uma pelle de setim, com um porte que estava a pedir corôa, com uma voz crystallina e juvenil, que fazia da *Mariannita* e do *Passarinho trigueiro* verdadeiras ariettas de Bellini, Beatriz, filha da Maria da Graça e de um vaqueiro dos Pombaes, levava os olhos a todos os moços e moças que acertassem de vel-a ou ouvil-a.

Joãosinho, que a tinha conhecido em pequena,

e a quem ella tinha sido sempre indifferentissima, reparava agora em que os dezasseis annos da gentil moça rutilavam desusado esplendor. Todos falavam d'ella; as senhoras principalmente seguiam-n-a com os olhos, pasmadas de que em tão baixa esphera se encontrasse tanta grandeza, tanta aristocracia natural. Loira, com um ar soberano, com uns ademanes desdenhosos, dominava aquellas phalanges de casaleiras mais ou menos bonitas, mais ou menos feias.

No pateo havia apenas dois lampiões, que deixavam o recinto em relativa escuridade; da pequena porta da ermida illuminada sahia um jorro maior de luz, que dardejava sobre os grupos na dança de roda. Sempre que a moça, ao passar, de mãos dadas ás companheiras, se via a subitas banhada na luz da ermida, sentia João de Sousa uma singular commoção, que nunca tinha sentido; seguia absorto e enlevado a graciosa rapariga, que, requebrandose, passava a subitas, para tornar a eclypsarse, e d'ahi a segundos tornava a passar, e de novo se illuminava. Dir-se-hia a orbita de um planeta vivo tocado da luz do sol. Elle seguia-a com a vista, e admirava-a, ora sumida, ora inundada de luz. Aquella dança voluptuosa. aquelle rythmo certo, aquellas melopêas aldeans de pifanos, guitarra, e vozes montanhezas, trouxeram-lhe ao espirito um arroubamento inexplicavel. Não despregava de

Beatriz os seus olhos de rapaz noviço, e contava as apparições d'ella pelas pulsações do seu proprio coração.

Mais se lhe exacerbava o enthusiasmo com as admirações que ella acordava em todos.

O velho Barão, com os seus ares de maganão descascado, dizia para Luiz de Refoyos:

—Já reparaste, ó meu rico amigo? o Joãosinho não tira os olhos d'aquella loira. Segue-a por toda a parte.

As senhoras Refoyos diziam a D. Maria Victoria:

— Ai, menina, o João parece que anda doido por aquella saloia bonita.

— Ai! o João anda allucinado; ella realmente é de apetite!

— Ai, como anda o João esta noite! não tira os olhos da loirinha.

Quando uma d'estas tres senhoras falava, seguiam-se invariavelmente as outras duas, dizendo a mesma coisa por diversos termos. Era já sabido.

D. Antonio de Castro percebia o enthusiasmo do mancebo, e exultava.

D. Maria Victoria, olhando para a rapariga lá do alto dos seus pincaros aristocraticos, não lhe fazia a honra de a temer.

*

E assim correu esta vespera de Santo Antonio.

Depois do fogo desfez-se a companhia, e retiraram-se os convidados. O pateo, a quinta, o valle, tornaram á sua serenidade e ao seu silencio.

Abeirado ao peitoril da varanda do seu quarto, esteve João largo tempo a olhar para o escuro do campo, a ver apagarem-se, lá muito por longe, as ultimas fogueirinhas dos casaes, e a ouvir o estrallar das bombas repercutidas no ecco da serra da Luz.

De noite pensou muito em Beatriz, e fez logo tenção de procurar tornar a vel-a.

XI

Sabendo que a moça costumava ir lavar ali perto, ao rio, junto aos Pombaes, foi-se até lá no correr de uma linda manhan, d'ahi a dois ou tres dias.

Ia a avisinhar-se do rio, como um malfeitor que vai commetter um crime. Um crime? porquê?

Ao aproximar-se, tomou para dentro de uma terra de milho, que sobre um muro de pedra

sôlta dominava a repreza das lavadeiras; mais perto, ouviu distinctamente a voz de Beatriz, misturando-se-lhe o marulho da repreza. Parou a escutar; affoitou-se; tornou a andar; afastou umas ramadas de sabugueiros, e espreitou.

Estava ella só, lavando; a um lado, sobre a relva, dormia n'uma cesta uma creança de mama, filha de uma visinha, e guardada por outra creança de quatro annos, que brincava com um cãosinho preto. Beatriz cantava:

— *Manhans frescas de Setembro,*
quando orvalho está a cahir...

Descalça e arregaçada, erguia-se n'agua, que a encobria até pouco a cima do joelho; encobria, não; a agua corrente acariciava-a, mas deixava contemplar a forma graciosa e a mimosa côr d'aquelles pés juvenís, e das torneadas columnas de alabastro, a cima das quaes a saia meio encharcada ligava a parte inferior da estatua com o seu troço superior. Graciosamente curvada sobre a pedra de bater, estremeceu Beatriz quando a restolhada dos sabugueiros, que João afastava para penetrar, denunciou ali a presença de alguem extranho. Olhou, córou quando reconheceu o snr. Joãosinho, e com um movimento inconsciente procurou esconder-lhe aquellas castas nudezes, que os puros crystaes do rio não conseguiam, ou não queriam, furtar

a olhos profanos. Mais formosa ainda se tornava, na indecisão com que ora tentava sahir das aguas, ora abaixar-se para ellas, com o enleio em que a Venus de Canova se recurva sobre si mesma, envergonhada do crime de ser tão linda.

João contemplava-a com avidez; até que, vencendo a timidez natural, perguntou a medo:

— Estás lavando, Beatriz?

— Está visto que estou, snr. Joãosinho — respondeu a moça desenlaçando a saia, e deixando-a cahir, sem reparar em que a molhava toda; e corada como uma roman, continuou, por compostura, a bater uma camisa.

— Pois bem, continúa — volveu o moço; — eu não te quero interromper, nem te quero fazer mal. Incommodo-te estando aqui?

— A mim não me incommóda — tornou ella sem olhar; — tanto se me dá que esteja, como que não.

E pegou a cantar:

> — *Manhans frescas de Setembro,*
> *quando orvalho está a cahir,*
> *frescas manhans de Setembro,*
> *quem n-as podera dormir!*

E nem mais olhou para o mancebo, que de todo desnorteado se sumiu, ao cabo de alguns instantes de silencio.

....

*

Sumiu-se, sim; mas como elle pensava n'ella! as arvores, o sol, a serra, tudo lhe parecia outro. O que elle mais temia n'esse momento... era ter começado mal.

Mas começado mal o quê? que desejava elle? as graciosas esquivanças da moça, aquelles pés de Nympha, brancos de neve, aquelle ar soberbo, o lenço amarello e vermelho atado na nuca, o seu meneio camponez e senhoril, os seus olhos limpidos e honestos, que eram duas saphyras, tudo lhe bailava n'alma em turbilhão.

Chegou a casa, fechou-se no seu quarto, e deitado sobre a cama desatou a chorar. Amava pela primeira vez. Era um renascer para a vida. Quanto não daria elle por poder desabafar com sua mãe! sua mãe era justamente a ultima pessoa a quem elle se atreveria jamais a contar o occorrido.

*

Mas...—lhe segredava a consciencia—o occorrido é tão pouco! tão puro! tão innocente!

A verdade é que muita vez, aos vinte annos, ainda um rapaz não conhece o verdadeiro amor. Concentrado na sua educação caseira, afastado, com cautela, de más companhias que o pervertessem, conservava João intactos os seus senti-

mentos infantís, como a borboleta recem-liberta do casulo conserva toda a pennugem, toda a poeira virginal das suas azitas brancas. As meninas da sociedade, com quem tinha trato em Lisboa, nada lhe *diziam*. Disse-lhe muito (e de que modo!) aquella ingenua moça de Odivellas.

O maior encanto de Beatriz, para uma natureza timida e passiva como a d'elle, era o seu ar naturalmente imperioso e dominador. Se Beatriz o tivesse recebido com menos recato e seccura, talvez lhe houvesse causado menos impressão. No seu modo aspero, e na pressa com que recatou aos olhos d'elle as nudezes que nem sonharia encobrir ás vistas de outros, revelou-lhe não sei que intenção directa, que o repassou.

Bem; mas que fazer? como continuar? como vencer a sua timidez, acercar-se outra vez da moça, e dizer-lhe...

Dizer-lhe o quê?—perguntava elle aterrado a si proprio.

....

XII

A mãe extranhou o filho; com a sua finura de mãe, notou-lhe o que quer que fosse; mas disfarçou, e pôz-se de atalaya.

— Gostará elle emfim da Patrocinio? — meditava a boa D. Maria do Rosario, para quem

um enlace de João com a graciosa e nobre neta dos Lancastres seria verdadeira ventura, desde muito acariciada por ella e pelo pae.

Depois do jantar, d'ahi a uns dias, sahiram os dois, a mãe no burrinho do caseiro, João ao lado, a pé. Atravessaram o valle até á quinta da Ponte, residencia estiva das suas boas amigas. Tomavam estas o seu caffé n'um terraço sobre a estrada, contiguo á sala de jantar, quando avistaram as visitas. Expansões alegres, saudações, D. Maria do Rozario apeou-se, e subia a escadaria de pedra, quando D. Maria Victoria e a filha correram a abraçal-a.

— Como estás, Rosario?

— Eu? já tinha tantas saudades, que vim ver-te. Ha quatro dias que te não via, sabes?

— Tens rasão; estavamos para ir lá hoje a Santo Antonio passar a noite; mas como vieram, a *soirée* de hoje é na quinta da Ponte.

— Com muito gosto, filha, com muito gosto. Patrocinio, como estás linda com esse vestido! dá cá outro beijo. Ó Victoria, que bem lhe fica este corpete!

— Não achas? — dizia a snr.ª D. Maria Victoria — E olha que esta moda é renovada; isto assim já se usou em París em 1828.

E continuou por muito tempo a gralhada feminina, sempre tão engraçada em certas classes.

— O teu filho está doente? acho-lhe um ar...

— Não minha senhora, obrigado a V. Ex.ª; não estou.

— Mas o menino tem uma tristeza e uma pallidez...

— Eu? não sei...

— Sei eu, que me interesso sempre em vel-o bem — continuava Patrocinio; — o menino não sente nada?

— Ora que ideia! não pense a menina que eu esteja para morrer.

— Que enguiçadeira João! — atalhava D. Maria Victoria — não diga coisas d'essas, que até offende a Nosso Senhor. Que escrupulo!...

— Não; que elle tem alguma coisa, é certo; mas não disse ainda nada á sua mãe — respondia D. Maria do Rosario.

— Precisa confessado? para isso cá estou eu — observava a filha da casa. — Ó João, dê cá o braço, e venha dar um passeio no jardim com esta sua velha amiga de infancia.

E com a casta e graciosa desenvoltura da familiaridade mais elegante, enfiava-lhe o braço, e sahiam ambos para o jardim contiguo ao terracinho. João, visivelmente melancolico, sorria indifferente, e deixava-se levar. E em quanto as mães conversavam, as duas creanças, elle de dezanove annos ella de dezoito, disputavam e passeavam de braço dado entre as ruas de buxo, em volta do tanque dos peixinhos encarnados.

. . . .

O certo é que nada se apurou. Ou porque a affectuosa menina tivesse fraco geito para confessora, ou porque o seu penitente se fechasse a cadeado, nada se descobriu.

A sociedade installou-se na sallinha verde, em redor de um candieiro grande, sob a protectora sombra de um enorme *abat-jour* de rosas de papel de seda. Patrocinio chegou a um ponto, em que entendeu dever finalisar as suas pesquizas; sentou se ao piano; e quem passasse na estrada, no amoroso silencio d'aquella linda noite de Junho, ouviria as melodias apaixonadas da *Norma* de Bellini desferindo vôo atravez do escuro das hortas e arvoredos do valle da Paian.

*

Em quanto as mães conversavam, e a filha tocava, sem nunca mais dirigir a palavra a João de Sousa, elle, acabrunhado de melancolia, deixava-se quasi adormecer, a um canto, n'uma poltrona, a olhar para o campo, e a estender nas trevas os olhos, em direcção ao logarejo dos Pombaes!...

XIII

Na tarde seguinte a snr.ª D. Maria do Rosario e seu filho sahiram de passeio, entre as hor-

tas, e, por innocente iniciativa d'ella, foram aos Pombaes visitar uma das suas rendeiras, a boa e virtuosa Maria da Graça, mãe de Beatriz.

A aldeóla dos Pombaes, a cinco minutos de Odivellas, compõe-se de poucas casas, nenhuma grande, e conserva, hoje ainda, o ar casaleiro que sempre teve. Ali esquece-se o mundo, para se ouvir apenas o silvo dos moinhos no alto da serra da Luz, e as vozes longinquas das camponezas lavando e batendo por aquelles pégos e levadas.

*

Maria da Graça, filha do sitio, ali creada, ali casada, condizia no seu aspecto, no seu viver, nas suas ideias sans, com tudo que a rodeava. Não sabia ler sequer; mas, dotada de natural talento, geria o seu pequenino mundo familiar com um acerto e uma honradez, que eram o espanto de quantos a conheciam. O marido, saloio chapado, figurava como um nullo ao-pé d'ella. A alma da casa, o pensamento, o conselho, o poder legislativo, o poder executivo, o poder moderador, era aquella mulher unica. Muito bem a conheci; muitas tardes passei ali, na sua horta, a conversar com ella, a sentir-me repassar na sua virtude, e a admirar o bom senso e a cordura, que, se lhe não minguasse a educa-

ção apropriada, teriam feito d'aquella mãe exemplar uma preceptora sublime, um chefe de familias fora do commum nas mais altas classes Para ser a mãe dos Gracchos... só lhe faltavam os Gracchos.

D. Maria do Rosario gostava immenso d'ella, desde raparigas; e mais de uma vez tinham mutuamente desabafado angustias intimas.

*

Entraram, mãe e filho, no pateo; e em quanto uns magros cães, que fingiam de terriveis, arrancavam investidas inuteis na curta alçada das correntes do canil, D. Maria do Rosario ia caminhando, e chamando:

— O' Maria da Graça! ó Maria da Graça!

— Olha a minha rica senhora! — respondeu a voz energica da boa mulher; e apparecia logo, de dentro da arribana, onde estava a dar palha de milho aos vitellos.

Era uma formosa velha, ou quasi velha, feições lindas, estatura ainda firme e graciosa, cabello grizalho, cujas madeixas assomavam debaixo do seu lenço de chita encarnado e sarapantão.

— Sou eu, e o meu filho.

— Então não entram? viva! bem sabe Sua Ex.ª que esta casa é sua.

— Entramos, sim, cá vamos entrando. E como estás tu, Maria?

As duas, beijando-se com affecto, deram largas ás suas expansões meridionaes, e penetraram todos tres ao longo de um grande tanque de regar o pomar e a horta, no qual boiavam hortaliças, que na madrugada seguinte haviam de ir abastecer e honrar a Praça da Figueira.

— Teus filhos, Maria?

— Estão além na serra; não vê Sua Ex.ª, ali ao-pé d'aquelle matto aquelles dois vultos? é o meu José, mail'o meu Jacintho; o meu Agusto anda a sachar o milho; e a minha Beatriz anda ali n'aquelles feijoeiros a apanhar feijão. Olhe, minha senhora, não n-a ouve cantar? parece mesmo um raxinol.

E com o seu gesto largo suspendia as falas, e, olhando para os dois visitantes, apontava-lhes as renques dos riquissimos feijoaes de regadío que faziam fundo á quintinha.

João, sem proferir palavra, olhou, avido de curiosidade, e viu, com effeito, ao longe, o vulto esbelto de Beatriz, de costas para elles, umas vezes curvada, outras erguendo-se, a devastar os feijoaes, e a cantar, com o seu timbre argentino e infantil:

— Quem tem meninos pequenos
por força lhe ha de cantar.
Quantas vezes canta a mãe
com vontade de chorar!

. . . .

A melopêa melancolica da redondilha, e a tristeza da lettra, composta de certo por um grande poeta, desafinavam extraordinariamente da alegre claridade d'aquella tarde, e da petulante garridice d'aquelle lenço amarello e dos cabellos loiros da chistosa adolescente. N'esse contraste havia uma profunda dissonancia moral, que o tornava encantador.

Em quanto as duas mulheres entravam na pobre casa-de-fora da mesquinha habitação da rendeira, João, de olhos fitos na moça, que nem dera por elle, ficava estatico, e a contemplal-a!

Depois entrou tambem, e sentou-se calado ao-pé de sua mãe, ouvindo, sem ouvir, a conversação.

— Senta-te, Maria; por que estás em pé?

— Não faz mingua, minha senhora.

— Senta-te, mando eu.

— Então lá vai, minha senhora — respondia a camponeza puchando um moxo de pau preto.

— Que faz tua filha?

— Saberá Sua Ex.ª que é a alma da casa; é a segunda mãe dos irmãos; ella é que os cose, ella é que os remenda; com ella é que elles se entendem; e se eu ralho, ou o pae, logo ella vem com a bandeira da Misericordia. Boa até ali! E séria? n'isso não falemos; chega-me a metter raiva. E é para tudo; tem o seu corpinho e o seu fatinho tão limpinho sempre, que nem uma fidalga; ella arranja a lavadura dos por-

cos, com sua licença, ella trata das vaccas, dos cães, das pombas, eu sei lá! é a alegria da casa.

João escutava attento. D. Maria do Rosario accrescentou:

— A ti o deve, que lhe deste o sangue e a educação.

*

Pouco tardou, que a voz de Beatriz a aproximar-se, sempre com a mesma cantilena, viesse trazer ao coração de João de Sousa um indizivel aperto. Verdade verdade: elle queria muito tornar a vel-a; mas, se se consultasse bem, preferia não a ver tão cedo. Tinha-lhe medo, pela triste figura que julgava ter feito sahindo do massiço de sabugueiros, quasi á ordem da seccura e do desprezo da rapariga; havia n'aquella sua fuga uma especie de cobardia, que chegava a humilhal-o.

N'estas e n'outras considerações estava, quando assomou de repente á porta, com um cabaz de vagens á cabeça, e segurando-o com o braço esquerdo, como certas estatuas antigas, a graciosa figura de Beatriz. Lenço artisticamente amarrado na nuca, lenço muito alvo cruzado castamente sobre o peito, e deixando apenas entrever o jaspe da garganta, saia curta de lan vermelha, e saia de cima apanhada atraz, bota

muito branca de carneira. Cessou abruptamente a cantiga quando viu gente, e parou no limiar.

— Cá vem a minha lindeza, que eu conheci tão pequenina! — exclamou D. Maria.

— Ai, é V. Ex.ª? — murmurou a rapariga.

— Sou eu, sou; parece que te metto medo; mas olha que não sou nenhum bicho. E é meu filho. E quero um beijo, filha, ouviste? não me dás um beijo?

A pequena não achava resposta; sorriu; collocando no chão o cabaz aproximou-se respeitosa da senhora, e, de olhos baixos, e quasi ajoelhando, deu-lhe com timidez a testa, que ella beijou, fazendo-lhe uma festa na bochecha. E vendo o silencio de Beatriz, que estacára, de olhos no chão, perguntou D. Maria sorrindo:

— Então tu não falas ao menino João? estás mal com elle?

Beatriz, muito seria, disse apenas, sem olhar:

— Como está, meu senhor?

— Obrigado, pequena, estou bom — volveu João de Sousa fitando n'ella os olhos.

— E' muito vergonhosa a minha cachopa — explicou Maria da Graça; — eu até tenho desconsolação e arrelia com isto. Sua Ex.ª desculpe, minha senhora; é de não ver gente. Bem sabe que nascer e viver nos Pombaes é, a bem dizer, como estar n'uma cova. A Lisboa só foi uma vez em pequenina. Lá é que ha polítega.

— Sim, sim, coitadinha; mas não importa;

não lhe quero mal por isso; gosto mais de ver uma creança como ella (porque isto, a final, é uma creança) assim vergonhosa, do que desenvôlta.

—Desenvôlta? comigo se havéra de haver, se o fosse; migava-lhe os ossos — observou Graça com voz severa, e franzindo o formoso sobrolho.

Todos sabiam como ella era. Graça reinava em casa com governo absoluto; queria ser respeitada, e conseguia sel-o.

— Não era preciso tanto; nem ella o mereceria nunca; é uma moça de juizo, segundo tenho ouvido a todos. Em todo o caso, é preciso que tome modos de gente; amanhan quero-a lá em casa, ouviste? para me fazer umas costuras; ficam sabendo?

—Sua Ex.ª manda.

Giraram, D. Rosario, Graça, e Joãosinho pela horta, sem que Beatriz acompanhasse o rancho; foram á arribana, ouviram, mãe e filho, com muita paciencia, mil pormenores sobre a apanha dos nabos, a compra recente de uma vacca na feira do Campo-grande, a morte de um cavallo da nora o qual tinha sido vendido pelo compadre da Charneca, e muitas outras coisas egualmente importantes; comeram damascos apanhados junto á meza de pedra, e era noitinha, davam Trindades na torre das freiras de Odivellas, quando, por entre o estendal immenso das hortas, chegaram a Santo Antonio.

*

E havêr quem prefira as Escolas-geraes, o Salvador, o Bairro-alto, á linha grandiosa do valle da Paian!...

XIV

Quem não estava muito contente era Patrocinio. Gostava de João, e achava-o insensivel. O affecto d'elle tinha tomado desde a infancia de ambos uma feição fraternal, que matava todas as ternuras. Para elle não passava de uma irman aquella gentil menina, com o seu ar meigo e seraphico, e os seus sorrisos reveladores de consciencia tranquilla e benevolencia sem limites. Ás vezes o pobre rapaz tinha-se posto a considerar, que realmente a sua companheira de meninice era linda, boa, adoravel; mas não o attrahia.

Quando a via, como varias vezes succedeu, em S. Vicente, por exemplo, achava-a um typo de doçura. No meio d'aquella nave severa, entre tanta gente devota, perante aquelles arcos sombrios, tinha desusado encanto o vulto gracioso de Maria, quando entrava com sua mãe para assistir á Missa. Vestida de preto, singelamente adornada, com os seus *bandós* emmoldurando-lhe o rosto de Madonna, deslizava como uma

apparição; tinha o que quer que fosse das Santas, que ali, d'aquelles altares vetustos, entre luzes e flores, olhavam para o povo com os seus olhinhos de esmalte, e o abençoavam com os seus dedos de encarnação.

Maria era uma caridosa e excellente rapariga, educada na antiga polidez de nossos maiores, na pratica do culto externo, e no amor do proximo. Tudo qualidades solidas, que falavam por si mesmas, e se impunham á consideração alheia; mas o amor, o mais caprichoso dos sentimentos, não raciocina; quer o que não possue; despreza o bem, para ás vezes lhe preferir o mal.

João de Sousa não amava Maria de Lancastre, com quanto a estremecesse e respeitasse como ninguem.

Surprehendêra-se João, em varias occasiões, olhando para ella com muita attenção, quando, modesta e recolhida, ajoelhava de mãos postas e olhos baixos ante a capella da Eucharistia; ou quando, á sahida, dava esmola aos pobres, e se detinha a trocar phrases compassivas com alguma velha mendiga conhecida sua, e lhe dava a mão com uma affabilidade enternecedora em senhora de tal cathegoria. Outras vezes, quando a via ao piano, absôrta na interpretação da *Casta diva* ou do *Ultimo pensamento de Weber*, tinha pena de não poder retratar aquella figurinha esbelta e intelligente, que ao som da musica parecia assumir proporções de

verdadeiro Archanjo. Tudo isto assim é; mas essas sensações passageiras, fugazes, nunca tomavam a fórma do desejo. Maria era para elle uma irman, nada mais. Não basta.

Ella, com o sentido apurado que tem toda a mulher amante, percebia o que passava na alma de João de Sousa, e lá por dentro sentia uma dor parecida com uma viuvez precoce. Amar, e não ser amada, era quasi uma humilhação.

Por isso, as pequeninas finezas que ella lhe dedicava, o interesse sincero que tomava quando o via doente, quando o sabia triste, os bordados e desenhos que lhe offerecia no dia de annos, o gosto que tinha de se tornar bonita quando havia de encontral-o, tudo se lhe transformava em decepções.

Como muito senhora que era, conservava sempre a sua affeição occulta em modestia. O seu maior resguardo era a sua timidez senhoril e a sua educação religiosa.

Quando, na noite da visita da mãe e do filho á quinta da Ponte, ella percebeu que no coração do mancebo alguma ideia extranha se aninhára, deu-se a trabalhos insanos para penetrar o segredo; n'essa pesquiza não entrava só a curiosidade feminina; entrava o despeito de namorada. Nada ter conseguido, não ter podido consolal-o na melancolia em que o via abysmado, dera-lhe um amargor de tal ordem, que toda a noite passou em claro a pensar n'elle.

A mãe, D. Maria Victoria, como experiente, julgava adivinhar o estado de alma de sua filha, mas não se atrevia a *confessal-a;* observava-a com todo o affecto, quasi humilhada tambem com as repulsas do rapaz. Limitava-se á medicina espectante, e não ousava encetar qualquer tratamento energico. O estado de alma de qualquer das duas era lamentavel, força é dizel-o.

XV

N'isto se estava, quando, dois dias depois da visita que descrevi, chegou á quinta da Ponte o primo Antonio de Castro.

Era sempre agradavel a sua presença, a súa conversação; eram sempre bemvindas as noticias que trazia de pessoas conhecidas, e da chronica elegante da Capital. D'esta vez vinha com ar serio, e quasi preoccupado. Recebido pela snr.ª D. Maria Victoria n'um gabinete chamado um pouco pomposamente a sala verde, disse, depois dos primeiros comprimentos de sociedade:

— Prima, não me agradeça a visita.

— Agradeço-a sempre.

— E' que hoje venho por negocio inteiramente meu.

— Diga, primo.

Sentada n'um cadeirão de braços seiscentista

de coiro de Cordova com pregaria amarella, esta senhora, ainda tão formosa nos seus quarenta e quatro outomnos, parecia o bellissimo original de algum grande quadro de Pellegrini. O seu gesto especial de erguer, com mais dignidade do que orgulho, a nobre cabeça, onde a prata começava a misturar alguns fios entre o acastanhado dos bandós, a maneira peculiar e altiva, com que lançava de vez em quando um rapido olhar para o chão sem mover a fronte, o apertado d'aquelles beiços finos e expressivos, que pareciam compensar, com um geito severo, o aberto e franco de uns olhos peninsulares, o allongado, emfim, d'aquelle pallido rosto fatigado, tudo dava a impressão completa de um typo de alta aristocrata. A mão magra e finissima sahia de uns tufos de rendas adornada de anneis de preço, e poisava ao desdem sobre um livro, que em cima da meza achou a geito. D. Maria escutava, toda attenção, com o seu sorriso de côrte. O primo falou a meia voz:

— Minha senhora, o que vou dizer a V. Ex.ª é muito serio; trata-se de nada menos, que da minha futura felicidade.

— Que prologo, primo! que prologo! Vamos a ver se a opera condiz com a symphonia de abertura.

E sorria anciosa. Elle muito grave continuou, sempre com o pé no pedal abafador:

— Eu digo a V. Ex.ª: ha muito tempo que

tenho a mais entranhada affeição a sua filha; V. Ex.ª conhece-me; sabe quem eu sou por sangue; sabe que temos bisavós communs; sabe o futuro que me espera; não é assim? Negar-me-ha por acaso a mão de sua filha?

A sua interlocutora sentiu-se commovida; descorou um pouco, mas não pestanejou; com o grande uso do mundo, que era um dos seus encantos, disfarçava.

— Disfarçava o quê? — pergunta o leitor.

Eu explico em duas palavras: da parte da snr.ª D. Maria Victoria existia para com D. Antonio de Castro uma funda sympathia. Apesar de mais velha do que elle uns dois annos, alimentava no coração certas ideias, que suppunha poderiam vir a realisar-se, de passar com esse elegante, bem digno d'ella, a segundas nupcias. Vendo desmuronar-se inesperadamente o seu sonho... estremeceu; mas, como digo, disfarçou. Acabou-se a minha confidencia (de que tenho quasi remorso); nunca mais falaremos em tal materia.

Com uma voz suave e lenta, em que sabia esconder qualquer turbação, respondeu a graciosa senhora:

— Não, primo; eu não lhe nego a mão da Patrocinio; só lhe digo: resolvi, cá de mim para mim, não a forçar na escolha que ella quizer fazer.

— Perfeitamente; nem eu desejaria que V. Ex.ª a constrangesse; queria apenas saber...

— Se ella acceita a V. Ex.ª por marido, não é assim? bem vê: é o essencial.

— De certo; mas a prima não se oppõe?...

— Ai, não; não me opponho. Digo-lhe então francamente: não vejo no meu partido, no partido realista, nenhum rapaz que podesse fazer a felicidade de uma filha que é o meu encanto; e sei bem que o primo saberá avaliar aquella joia; mas...

— Mas quê?

— Mas é tão nova!...

— Prima, — atalhou D. Antonio inclinando-se, com um sorriso quasi amarello — não ha maneira mais elegante de chamar velho a um homem.

— Perdão, primo, — redarguiu ella corando ao de leve — não o chamo velho, e não o é. Só digo...

— E eu só digo a V. Ex.ª que os meus quarenta e dois annos, não de todo desaproveitados, e cheios de ambições, não teem maior ambição do que esta: ser genro de V. Ex.ª...

— Muito obrigada primo; o seu nascimento, a sua posição, o seu talento, o seu futuro, são garantias; e apesar d'isso...

— Apesar d'isso?... diga V. Ex.ª.

— Sim, ella é que ha-de decidir.

— De accordo; plenamente de accordo. Quer consultal-a já?

— Já, não. Eu me encarrego de a sondar.

— E depois escreve-me?

— Escrevo.

— Sua filha é a mais virtuosa, a mais completa, das mulheres da nossa sociedade; sou, creio eu, digno de receber d'aquellas mãos a felicidade que sonhei.

— E' de certo; o caso está em que ella queira tomar esse papel. Eu tratarei de tudo. Tenha paciencia, e espere. Olhe, ella ahi vem; não falemos mais no assumpto por em quanto; quer?

— Ai, é o primo Antonio de Castro? — dizia a gentil Patrocinio entrando. — Como está?

— Como está V. Ex.ª, priminha? — volvia D. Antonio em voz muito alta, pondo-se em pé, apertando-lhe a mão todo risonho, e não dando a perceber o seu estado de alma, senão na attenção affectuosa com que a mirava. — Como ella está bonita! com essa flor no cabello! Galantissima esta prima!...

— Ora! uma flor do campo! — atalhava a nobre donzella passando diante de um espelho, e affeiçoando melhor a flor com a ponta dos dedos. Depois sentou-se n'uma poltrona.

— Sim, uma flor do campo enfeitada pela mais linda das flores da cidade — ponderou elle inclinando-se.

— Ai, como vem galanteador! Chega de París?

— Com V. Ex.ª os galanteios são sempre verdades, priminha; já o deve saber.

— Pois não sabia, não. Diga-me, que tem feito?

— Eu? sempre a mesma coisa. Lisboa é de nma monotonia atroz no verão. Fui a Cintra ver o Marechal, e estive lá uns dias com elle.

— Foi ver a Rosario?

— Á quinta de Santo Antonio? não fui; hoje foi só para aqui a minha jornada.

— Que amavel que elle está!

A conversação continuou por minutos. A mãe conservava-se calada. O primo levantou-se para sahir. Perguntou Patrocinio:

— O quê? não janta comnosco?

— Hoje não, prima; perdôem-me V.V. Ex.as; tenho immenso que fazer.

— Jantava, e ia depois — observou a mãe.

— Os politicos são todos assim; muita pressa, muito que fazer, e para quê? isso é que eu não sei — disse a filha; e continuou:— Eu não queria para marido um politico, sabe?

D. Antonio estremeceu. A mãe olhou para elle com attenção um pouco ironica.

— Não? e porquê, priminha? — perguntava elle sempre de pé, brincando com a cadeia do relogio, e engatilhando outro dos sorrisos amarellos de que parece trazia provimento.

— Porque já não fazem caso das senhoras; a politica é uma rival; eu havia de ter immenso ciume das Camaras, dos Ministros...

— Não, não é uma rival; é apenas um entre-

tenimento de quem não tem outro; é um jogo de pião para gente grande. A politica fez-se para os solitarios, como eu, que não teem lar, que não teem familia. As nossas familias são os partidos.

— Familias muito desunidas; não gósto.

— Pois tambem eu não, se quer que lhe fale com franqueza; mas quem não tem outra coisa...

— E por que não tem outra coisa?

— Ah! se a prima me fallasse a serio!...

— A serio como? não percebo mesmo nada, sabe?

— Não percebe? — dizia elle aquecendo de tom — Sua mãe que lh'o explique.

— O' maman, explique faz favor?

— Eu? — dizia a mãe sorrindo — Que hei-de eu explicar?

— Eu explico então — disse D. Antonio tornando a sentar-se mais junto de Patrocinio. — Eu acabava de dizer a sua mãe, priminha... que.. Mas não me leva a mal?

— Levar a mal o quê, se lhe estou dizendo que tudo isto me parece uma charada?

— Eu acabava de pedir a mão de V. Ex.ª.

— Como?!!!? Não percebi; ou então... não ouvi bem...

D. Antonio continuou:

— V. Ex.ª sabe (ou não sabe) quanto eu a amo. Estou com vontade de ir fazer uma via-

gem ao estrangeiro; se V. Ex.ª annue a ser minha, enche-me de felicidade, e não vou. Fico para realisar o meu sonho; senão... parto.

— O seu sonho?— perguntou ella fria e muito séria.

— Sim, o meu sonho: ter a V. Ex.ª por mulher, ser todo seu, dar-lhe o meu nome... Que me diz?

Patrocinio, muito confusa, não respondia. A mãe, querendo auxilial-a, interveio:

— Diga, filha, com toda a franqueza; como se trata da menina, não decidi nada sem a ouvir; quero ouvil-a.

— Sem me ouvir? quer-me ouvir?— E bailavam-lhe as lagrimas nos olhos.

— Que me responde, prima?— volvia elle no auge da commoção.

Longo silencio. A snr.ª D. Maria Victoria animou-a:

—Vamos, mas diga alguma coisa, minha filha!

— Eu?— murmurava Patrocinio a meia voz, lentamente, sem levantar os olhos — digo que por muita pena que me faça vel-o afastar-se da nossa colonia, estimarei... que seja muito feliz na sua viagem.

Outro silencio. Todos olhavam uns para os outros.

Passado tempo elle levantou se, e inclinando-se profundamente, com o seu ar diplomatico, só achou para dizer:

— Passem V.V. Ex.as muito bem. Tenho entendido.

D'ahi a pouco ouvia-se o rodar da sege pela estrada de Odivellas a caminho de Lisboa.

XVI

As duas ficaram em longo silencio.

Patrocinio enxugava os olhos; nem ella sabia bem por que chorava (o leitor talvez entenda). A mãe, sem olhar para ella, tinha agarrado n'um livro, e lia sem saber o quê. De repente fechou o livro, e disse:

— Não sei se a menina fez bem, se mal; o que queria é que me dissesse, francamente, por que recusou a mão do primo Antonio.

— Nem eu sei, maman; uma coisa tão inesperada! valha-me Deus!

— Sim, mas a menina conhece-o a fundo, sabe o que elle é, o que vale, o que pode, sabe o talento d'elle, sabe que tem um futuro muito brilhante...

— Sei, maman; sei, mas...

E não passava de umas evasivas, de umas reticencias...

— Patrocinio, — volveu a mãe, — pondo o livro em cima da meza, e tomando um ar serio — diga-me a menina uma coisa: gosta de alguem? Tome conta: eu não quero obrigal-a a

casar contra sua vontade; mas saiba que não consentiria nunca uma escolha menos... digna, ouviu?

Esta especie de ameaça, ou reprehensão, era dita n'um tom sereno e maternal.

— Socegue, minha adorada mãe! V. Ex.ª sabe que a sua vontade é lei para mim; não lhe hei-de dar desgosto nenhum n'esse genero; nenhum. — E levantando-se da cadeira, cahia aos pés de sua mãe, enlaçando-a pela cintura, em quanto ella lhe agarrava na cabeça, cobrindo-lhe de beijos a testa e o cabello. — Eu posso ter affeição a algum rapaz da sociedade; mas se minha mãe me prohibir, nem casarei com elle, nem lhe darei a conhecer a minha inclinação. Socegue V. Ex.ª

— Mas oiça, filha; ha muito tempo que eu suspeito...

— Suspeita o quê, maman? — perguntou a donzella aterrada.

— Suspeito... quer-me parecer...

Pausa. Esta sala dava de plano para o terraço sobre a estrada. Ouviu-se de repente galopar um cavallo, e a voz sonora de João chamando por um dos seus dois cães, que se afastára:

— Dick! ó Dick! venha cá! venha!

E continuava a galopar.

Ella, nos braços da mãe fez-se muito pallida, depois corou, e olhando para a estrada disse, toda a tremer:

— E' este, maman! é elle! é o João.

E escondia o rosto entre as mãos, e aninhava-se de mimosa no seio da sua maior amiga.

— Sim, filha; ora ahi está; eu bem o sabia! — respondeu esta commovida.

Maria de Lancastre desembaraçou-se de repente d'entre os braços da mãe, e com um salto de gazella correu á borda do terraço. Elle viu-a, e disse de lá:

— Adeus, Patrocinio.

— João, como está o menino?

— Optimo.

A mãe apparecia tambem; o rapaz parou, e comprimentou-a respeitoso, soffreando a custo o cavallo, que fazia curvetas, impaciente por lhe terem embargado o passo.

— O' João, então não me traz aquellas flores?

— Quaes flores, menina?

— As que lhe pedi do tal jardim muito bonito do seu conhecido de Caneças...

— Trago, trago. Snr.ª D. Maria Victoria, V. Ex.ª não manda nada de mim?

— Mando que faça boa jornada — volveu a senhora.

— Passe V. Ex.ª muito bem. Adeus, Patrocinio.

— Adeus, João — responderam as duas.

Deu de esporas, metteu a trote, e desappareceu.

A mãe, tornando a agarrar a filha, perguntava com meiguice:

— Mas elle?

— Elle, maman! é tão arisco! e nunca me diz nada. Não gosta nada de mim, e eu vivo n'um tormento.

— Pois bem, minha filha, o futuro a Deus pertence. Tenha animo, tenha fé, e quem sabe?... O que eu mais desejava era vel-a casada antes de morrer.

— Que enguiçadeira, maman! falar em morrer! não se trata d'isso. Vamos a ver: se o João me traz logo as flores que me prometteu, e de que se tem sempre esquecido... é bom signal, não é?

— Certamente; mas socego, prudencia. Em tendo qualquer coisa, desabafe comigo, ouviu?

....

*

Quando ao fim da tarde tornou João de Sousa a passar, na volta de Caneças, estavam as duas senhoras no terraço a gosar a frescura do valle, a ouvir os ralos e os moinhos. Elle parou, e chamou:

— O' Patrocinio!

— Ah! é o João? e então as flores?

— Isso é que eu vinha dizer á menina; com a pressa esqueceram-me.

— Esqueceram-lhe? paciencia! — respondeu ella com uma expressão de tristeza immensa.

— A menina desculpe, sim? E adeus.

— Adeus! — volveu a donzella retomando a cadeira de verga — Vê, maman? sempre assim! nunca de mim se lembra! Mas por que anda elle tão triste? por quê? por quem?...

XVII

Na manhan seguinte á visita de D. Maria do Rosario aos Pombaes, appareceu Beatriz na quinta de Santo Antonio. Mal a viu, disse-lhe a dona da casa:

— Ora muito bem apparecida, minha pequenota! Hoje é que tu vais trabalhar como uma moira. Dize-me cá: já resaste?

— Réso todos os dias, ao levantar, e ao deitar.

— Eu sei que tua mãe é boa mãe; e á Missa vais sempre, já se vê.

— Sim, minha senhora; vamos sempre á Missa das 7 ás Freiras, ao domingo.

— Nós vamos á freguesia, por ser mais tarde. Olha, o que eu de ti quero, antes de mais, é que me sejas uma rapariga exemplar; ser trabalhadeira e cuidadosa vem depois.

Deu-lhe conselhos sãos, começando a domesticar pela brandura aquella indole, que parecia um tanto aspera, e installou esta sua nova pro-

tegida n'um pequenino gabinete da torre, á altura do primeiro andar, sobre o pateo. Ali ficou a moça, com as suas costuras e a sua linda voz, que de vez em quando, como rouxinol apaixonado, desferia aquellas arietas campestres tão saudosas!

*

Depois do almoço sahiu João a cavallo. Emquanto encavalgava e assobiava aos cães, sentiu Beatriz, ao pressentil-o, uma enorme curiosidade de o ver. João, sabendo bem onde ella estava, não fazia senão olhar-lhe para a janella; mas não a via.

Ao sahir o pateo, voltou-se para traz, e lobrigou uma carinha loira a espreital-o. Disse-lhe adeus com a mão, mas ella sumiu-se de repente. O peor foi, que de uma varanda do seu quarto D. Maria do Rosario tambem tinha enxergado a tal carinha loira!...

Todo o dia, entre os trabalhadores, pensou João n'aquella apparição inesperada. Quando tornou para casa olhou muito para a mesma janella, mas não viu ninguem.

*

No dia seguinte, querendo um botão pregado

n'uma das suas luvas grossas de cavalgador... (Deus me perdôe se o botão não seria arrancado de proposito), premeditou ir pedir esse serviço a Beatriz. Esperou a occasião em que a mãe estava na capella orando, e encaminhou-se para a torre. Entrou no quarto de costura.

De costas voltadas para a porta, estava Beatriz costurando; elle, que ia pé ante pé, sem ser pressentido, parou no limiar. A moça, ouvindo tropear o cavallo no pateo á espera do dono, levantou-se leve como um passaro, e espreitou para fora. João perguntou em voz trémula:

— Que estás a ver, Beatriz?

Ella sobresaltada e corando voltou a sentar-se, dizendo em tom secco:

— Ai que susto, menino João! isso não se faz.

— Não se faz o quê?! vinha pedir-te um favor.

— A mim?

— A ti, sim: se me pregavas um botão que me cahiu aqui d'esta luva.

— Dê cá — respondeu ella sem olhar.

Deu-lhe a luva, ella coseu o botão, e em quanto cosia disse elle:

— Estás aqui tão sosinha!

— Estou muito bem. Aqui tem a sua luva.

— Obrigado, filha; como te hei-de agradecer?...

Beatriz retomou a costura, e nada disse.

....

— Adeus, Beatriz — volveu elle depois de segundos.

— Adeus, menino João.

Sahiu. No corredor encontrou João de Sousa sua mãe, que perguntou:

— Por aqui. João?

E este com o modo mais natural:

— Sim, minha mãe; vim pedir á Beatriz para me pregar um botão n'uma luva.

— Está bem.

Logo que Beatriz cahiu em si, sentiu-se humilhada por ter sido colhida a espreitar, e os olhos humedeceram-se-lhe de lagrimas de raiva concentrada.

*

Quando d'ahi a pedaço entrou a snr.ª D. Maria do Rosario, notou a tristeza da moça, e interrogou-a com carinho.

— Que tens tu, Beatriz? choraste? que temos?

— Eu, minha senhora, não tenho nada.

— Mas estavas chorando?!

— Eu?

— Saudades de tua mãe?

— Talvez, minha senhora.

— Ora, minha tonta! não chores — accrescentava a senhora acariciando-a. — Bem certo é o rifão: gallinha de campo não quer capoeira,

não é assim? tens saudades da tua horta? que será quando eu te levar para Lisboa!

Beatriz sorriu-se sem responder, e continuou costurando.

Horas depois, sentiu entrar João no pateo; corou sosinha, mas não espreitou, nem se levantou.

Assim passaram semanas, sem que os dois trocassem duas palavras.

*

N'este meio tempo, em fins de Agosto, as senhoras Lancastres, cuja convivencia com a quinta de Santo Antonio era frequente, sahiram para Lisboa a fim de passarem o resto da estação calmosa em Pedroiços. Não sirva isto de extranheza á geração actual. Cascaes e o Estoril, com os seus *chalets* e as suas alamedas, esses não existiam. Os modernos caminhos de ferro é que fizeram com que as familias se espalhassem; antigamente a gente mais abastada só conhecia Pedroiços, a Cruz-quebrada, Paço d'Arcos, Campolide, Bemfica, e outros logarejos proximos; quando muito, Cintra.

*

A' quinta de Santo Antonio iam habitual-

mente muito poucas visitas, a não ser o sr. Isidoro, que apparecia todos os domingos. Sahia do Pelourinho no primeiro carrão do Lumiar, e d'ahi seguia a pé pelo Senhor-roubado. Sempre calado e respeitoso, alimentando a sua paixão silenciosa pelos quarenta annos de D. Maria do Rosario, era de veras prestadio o pobre do homem, e commodo.

— O' snr. Isidoro, faz favor, deita-me amanhan estas cartas no Correio geral do Calhariz?

— O' snr. Isidoro, faz favor de pagar amanhan esta contribuição? aqui está o dinheiro.

— O' snr. Isidoro, faz favor de me procurar na rua Augusta, ou na rua dos Fanqueiros, linho como este para lençoes?

— O' snr. Isidoro, faz favor de encommendar no sapateiro do João, na travessa de Santa Justa, umas botas de montar?

E mil recados assim.

O homem sentia-se feliz, e respondia:

— Sim, minha senhora; V. Ex.ª manda.

Com a ausencia das senhoras Lancastres ficou o sitio ainda muito mais ermo, e as faculdades affectivas de João sentiram desusado abalo; aproximou-se mais de Beatriz aquelle coração virgem sequioso de amor; mas a boa sombra protectora de sua querida mãe impedia-o de dar largas ao ardente desejo de tornar a falar á rapariga.

Ella continuava a vir todas as manhans, e

João nem sequer a avistava; ás vezes, quando muito, sentia-a, lá do quarto, passar pelo corredor; conhecia-lhe tão bem os passos! outras vezes, ouvia-a cantar alguma trova casaleira, que o repassava de ternura.

Nada mais do que isto.

XIII

Uma noite de luar, o nosso esplendidissimo luar de Agosto, que deixa ver esvoaçar mosquitos na Outra-banda, tinha João andado a passear á ventura, como ás vezes costumava, pela costa da Luz. Lá em baixo appareciam-lhe, banhadas de claridade, as casas brancas da aldeóla dos Pombaes, e entre todas ellas destacava-se a frontaria posterior do predio de Beatriz, com a sua parreira, as suas janellas deseguaes, a sua escada por fora, a sua trapeira sombreada de *bougainvillia.* Viam-se muito bem os tanques, os ulmeiros, e ouviam-se ladrar os cães. Socego profundo em toda a paizagem.

Os olhos embevecidos e attentos do mancebo perceberam que junto á nora andava alguem; affirmou-se; era uma mulher; reconheceu distinctamente Beatriz, e até lhe pareceu ouvir lhe a voz de vez em quando.

Veio descendo a encosta, e attrahido de uma força occulta aproximou-se da quintarola.

. . . .

Sobre um caminho de azinhaga, ao fim da horta, arenoso como leito de riacho, cahia um parapeito grosseiro com seus poiaes de lioz, entre massiços de piteiras encanastradas com trepadeiras bravas e *alegra campo;* sitio muito conhecido de João em pequenino. Ali, em tardes de dias de festa, iam muita vez a boa Maria da Graça e os filhos sentar se, a espreitar ao longe as cavalgadas que subiam ou desciam a serra, em demanda da feira de Nossa Senhora da Luz, ou da romaria da Senhora dos enfermos, em Montemór. João percebeu, da distancia em que se achava ainda, que ao tal peitoril tinha ido abeirar-se a figurinha; amiudou cauteloso os passos, ensurdecidos pela areia, e chegou. Em cima, a quatro braças de altura, Beatriz, sem dar por elle, triste, muito triste, inundada de luar, scismava. João contemplou-a alguns instantes; e de repente, enchendo-se de animo, disse:

— Boa noite, Beatriz.

Um passaro poisado n'um ramo, sentindo um tiro a pouca distancia, não estremecia tanto como ella estremeceu ao ouvir aquelle timbre de voz tão seu conhecido. Olhou, e só disse:

— Credo! que susto!

— Já eu te metto tanto medo? porquê?

— O menino João não me mette medo; mas como eu não o esperava, nem o senti chegar...

— E que estás ahi fazendo?

— Ora o que estou fazendo! nem eu sei; estive a apanhar serralha para os coelhos, tirei dois baldes de agua do poço, e como estava cançada, e a noite está tão bonita, estava aqui á espera que me chamassem para a ceia. Agora vou-me embora.

— Espera um bocadinho; por que te vais embora?

— E para que hei-de eu esperar?

— Para conversar um pouco comigo; gosto tanto!...

— O menino não tem que conversar comigo.

— Oh! se tenho!

— E d'ahi talvez tenha; eu é que não tenho que lhe dizer.

— Isso é que tu não sabes.

— Sei; sou uma pobre moça casaleira; e o menino João...

— E eu só tenho pena de não ser tambem um casaleiro.

— Porquê?

— Porque então não tinhas tanto medo de mim.

— Adeus, menino; vou-me para dentro.

— Olha lá; se eu não estivesse aqui, tu ainda ficavas.

— Talvez; mas está; e não parece bem...

— Não quero cá saber o que parece; sei o que é; não venho aqui por mal.

— Então avie; que me queria dizer?

— Eu? que está uma noite linda, quasi tão linda como tu.

— Muito obrigada. Adeus.

— Adeus.

E sumiu-se a graciosa rapariga, e ouviu-lhe João os passos muito tempo ao longo da quinta, no vasto silencio d'aquella amorosa noite de verão.

Quando Beatriz entrava na cosinha, perguntou a mãe:

— Com quem falavas agora? ouvi a modo a tua voz; a noite está tão serena!

— Eu? ah! era o menino João, que ia passando na azinhaga.

— Está bom.

*

Ao voltar á quinta, achou João sua mãe no gabinete de trabalho, occupada em rever contas, em arrumar documentos; percebeu-lhe um modo serio. Beijou-a, e sentou-se á mesma banca.

— D'onde vens tu, João? — perguntou ella em voz meiga.

— Eu, minha mãe? de passear por ahi — respondeu elle em tom intencionalmente natural.

— Pois bem; seja assim; senta-te; quero falar comtigo.

— Aqui estou para a ouvir, com o maior gosto, e o maior respeito, minha mãe.

— O' João, — continuou ella pondo a penna no prato do tinteiro, e fechando o livro das contas. — Bem sabes o que eu tenho feito para desempenhar e accrescentar a nossa casa. Graças ao meu trabalho, em que tu, apesar de tão novo, me tens auxiliado muito bem, estamos quasi desempenhados, talvez, e agora só nos resta continuar, e accumular algum capital; quero arredondar a pequenina fortuna que te hei-de entregar quando chegares á maioridade. Mas sabes qual é o meu sonho?

— Qual é, minha mãe?

— E' ver-te casado. Um rapaz quasi ocioso e sem carreira, como tu, anda n'um perigo. Dize-me: tu não gostas da Patrocinio?

— Eu, minha mãe? — respondeu elle sobresaltado; — gosto immenso d'ella, como de uma irman.

— Mas se se offerecesse occasião de casares com ella?

— Isso não, minha mãe; nunca pensei em tal; não me attrai...

— Mas porquê? não é uma rapariga linda, fidalga, prendada, seriissima?

— Oh! certamente, mas...

— Era o sonho doirado de teu pae, sabes, e é o meu.

— Oh! minha querida mãe! mas se eu não sinto nada por ella! Pois pode-se casar com uma irman?...

. . . .

D. Maria do Rosario calou-se; depois de longa pausa accrescentou:

—Bem; pensa n'esta ideia, sem pressa, e vamos a ver. Agora ouve isto, que é muito serio: toma conta comtigo, meu filho; lembra-te de quem és.

Disse estas breves palavras n'um tom tão firme e significativo, que João estremeceu.

— Mas porquê, minha mãe? — aventurou estas palavras a custo, e com timidez.

— Por nada, filho. Toma conta comtigo; porta-te como homem de bem, e de nascimento, que és; ouviste?

— Sim, minha senhora; hei-de sempre fazer a diligencia; e se eu podesse gostar da Patrocinio...

Silencio.

D'ahi a pouco tomavam juntos o seu chá com torradas, despediam-se amigavelmente, e o palacete e a quinta recahiam na sua pacatez habitual.

*

João dormiu somnos agitados, entrecortados. As palavras de sua adorada mãe, a ideia luminosa de Beatriz, a consciencia que o accusava de perseguir aquella moça pobre, tudo se lhe agitava em tropel dentro n'alma, e o enchia de terrores quasi supersticiosos.

Passou dias sem tentar sequer ver Beatriz outra vez. Resou muito, pediu a Santo Antonio que lhe valesse, e fez proposito firme de se portar bem.

XIX

Certa manhan de cutubro d'este anno de 1852, percebeu João, penetrando no quarto da costura com um pretexto qualquer, que Beatriz já não ia costurar a Santo Antonio. Extranhou o caso, e indagando subtilmente pelas outras creadas, soube que a snr.ª D. Maria do Rosario tinha dispensado o serviço d'ella. Foi isto para João um golpe inesperado, que provocou, por assim dizer, na sua alma fogosa e concentrada, a reacção soberba dos anjos maus. Tornou-se mau n'aquelle instante.

Como poude, conseguiu ir aos Pombaes n'essa tarde, fingindo andar á caça das pombas bravas.

Topou a moça quando ella chegava do rio.

Com uma pequena trouxa de roupa muito branca sobre a cabeça, subia a passo lento, e descalça, a ladeirinha de lageas que levava ao logarejo; é indescriptivel o aspecto melancolico d'aquelle formoso rosto, e a tristeza funda que se lhe lia no olhar, no porte indolente e fatigado. Pallida, muito pallida, estremeceu quando deu pelo mancebo; soltou um grito surdo de

ave colhida na rede. João deteve-se, e, tão perturbado como ella, disse:

— Beatriz!...

Ella não respondeu, e parou. Cobrando animo, ia tornar a caminhar, quando elle a susteve, pondo-lhe suavemente a mão no hombro, e perguntou com amargura:

— Aonde vais?

— Aonde vou? bem vê; para casa.

— Espera, sim?

— Para quê?

— Queria fazer-te uma pergunta.

— Que pergunta?

— Dize-me, Beatriz: já lá não vais costurar a casa?

— Não, meu senhor.

— E porquê?

— Não sei; foi sua mãe que me disse, ha muitos dias, que já não tinha costuras que me dar.

— Sim?!...

— Está visto que sim.

— Mas disse-te isso zangada?

— Não senhor; disse-me isto a bem; pagou-me mais do que eu merecia, e deu-me uma medalhinha de prata, de Nossa Senhora do Amparo, para eu trazer sempre ao pescoço.

— E trazes?

— Está bem de ver que trago.

— E tu? não tiveste pena de deixar de lá ir?

— Eu tive, sim senhor; mas então? que lhe havia de fazer?

— Tiveste pena, Beatriz? tiveste? dize.

— Tive, porque...

— Porquê? acaba!

— Que pergunta! porque... sou muito amiga da senhora, e...

— Mas, então, minha mãe não se mostrou zangada comtigo?

— Não senhor; eu tambem, não tinha feito mal nenhum.

Ficaram ambos calados.

— Adeus, menino João.

E custava-lhe a reprimir as lagrimas. Caminhou, e sumiu-se.

João, parado, encostado á caçadeira, seguiu-a com a vista, e viu-a debulhada em lagrimas ao voltar a esquina do muro velho.

De uma janella, aonde por acaso assomava n'esse momento, tinha Graça muito ao longe lobrigado o rapido colloquio dos dois. Quando viu chegar a filha, com os olhos ainda pisados e humidos, nada disse, e disfarçou.

João tornou-se á quinta aniquilado, quasi feroz. Não dirigiu palavra a sua mãe; o jantar correu silencioso; João não sahiu, e passou a tarde no quarto.

....

*

Ao cahir da noite, escoou-se de mansinho pela janella, coisa que nunca fizera. Até então os seus actos tinham sido sempre leaes, e a descoberto; agora começava a achar alçapões na sua vida. Achou-se fora, e, por um pendor irresistivel, tomou para a banda da horta da Maria da Graça. N'esse seu caminhar de filho desobediente, sentia o que nunca sentira: um remorso amargo, que o acabrunhava. Comtudo, não desamparou a tenção que formára.

Chegou.

Como visse entreaberto o portão do pateo do casal, entrou, e, com modo fingidamente prasenteiro e despreoccupado, penetrou na casa pela porta da cosinha. Era um casarão terreo, com o aspecto avelhentado das propriedades muitos annos em mãos de rendeiros. A uma banda uma enorme chaminé, onde ardia lume; pelas paredes afumadas, caiadas de oca, esboroadas, pendiam crivos, cestos, enxadas, e outras *apeirias* da faina agricola. A um canto duas espingardas de pedreneira, e umas saxolas. Ao centro uma meza grande, em volta da qual a pobre familia, pae, mãe, tres filhos, e a filha, tomavam a refeição da noite.

— Olé! — exclamou do limiar João de Sousa — encontro-os á ceia; bella occasião de entrar, não é assim?

— O menino Joãosinho? por aqui? a esta hora? — respondeu Graça. — Pode entrar, menino; e é servido das nossas magras sopas? olhe, é um caldo verde; quer?

— Não, não, obrigado, Maria; mas vejo que os venho incommodar; isso é que eu não queria.

Todos, n'um certo reboliço amavel, se tinham levantado; o marido, e os rapazes, bisonhos, timidos, não articulavam palavra; Graça, com a sua intelligencia, que valia pela de todos, fazia, como sabia, as honras da casa. Beatriz, em pé, fez-se extremamente pallida, e ficou se, olhando indifferentemente para cima da mesa.

— Então, snr. Joãosinho, faz favor de se mandar sentar?

— Sim, cá estou, cá estou; adeus, Matheus, adeus, rapazes, boa noite, Beatriz.

— Guarde Deus a V. S.ª — respondia o dono da casa.

Sentaram-se todos.

João, arrependido já de ter entrado, e protestando comsigo occultar tudo isto a sua mãe, não sabia que dizer, mas dava talvez por bem empregados todos os sacrificios, visto ter conseguido ver Beatriz; ficou sentado ao lado de Graça. Certo é que sobre aquella sociedade saloia correu um frio, com a presença inesperada do nobre e gentil lisboeta; elle forcejava tornar-se menos pesado do que estava sendo, e

para começar sahiu-se com uma banalidade, d'estas que em occasiões criticas occorrem sem se saber como:

— Não a via ha muitos dias, Maria da Graça.

— O mesmo digo eu; o menino anda sempre a correr secca e mecca — volveu ella.

— Eu? ando na minha faina.

— E eu na minha, menino; e por isso não tenho ido ha tanto tempo ver a minha rica senhora; amanhan, se Deus quizer, hei-de ver se furto um bocadinho para ir lá á quinta ter com a mãesinha; preciso falar-lhe.

Arripiou-se João com a ideia de que Maria da Graça lá fosse contar esta inexplicavel e intempestiva visita, e atalhou, sem notar que mentia:

— Sim? mas olhe, não vá por ora; minha mãe anda agora muito atarefada; e amanhan, se não me engano, creio que talvez vamos a Lisboa...

— Pois então, será outro dia.

— Minha mãe é muito sua amiga.

— Isso sei eu; não me dá novidade nenhuma; inda o menino não sonhava em nascer, já eramos amigas, desde quando a mãesinha para cá principiou a vir mail'o paesinho, logo depois de casarem. Que elle, a bem dizer, o snr. Roque, gostava tanto de campo, como o judeu de toicinho.

— E' verdade, meu pae quem lhe tirava Lisboa tirava-lhe tudo.

— Já seu avô, que Deus tem, não era assim, vê? esse é que muito gostava d'estas quintas! Ainda me alembro a modos de o ver quando era pequerrucha. Era muito alto, com um modo assim, como o outro que diz, de quem tem o Rei na barriga. Usava rabicho; d'isso ainda me alembro bem. Esse senhor vinha a ser Desembargador da Casa da Implicação; e creio que por isso é que lhe pertencia rabicho; não sei. Em achando léo, safava-se lá dos negocios do Rei, e por aqui me sirvo; mettia-se na sege, e roda para a sua quinta.

— Não sabia, Graça, que ainda tivesse conhecido meu avô.

— Ainda, sim senhor. Vai elle então morreu, o paesinho casou lá em Miranda do Douro, e vieram ambos os noivos para Lisboa morar no palacete da rua da Rosa. E eu então, que n'esse tempo adregava de ser rapariga nova, eu é que ia então lá á rua da Rosa levar hortaliça, figos, de que elle gostava tanto, pecegos, amendoas cá das amendoeiras, e tudo mais. Sou muito obrigada áquelle senhor, Deus lhe fale n'alma! Isto foi ha já bem annos, ainda era nosso Rei o senhor D. Miguel, antes de para ahi vir esta gente. Então o que o traz por aqui ao menino a esta hora? ha alguma novidade?

— Não; não ha novidade. O que me trouxe, nem eu sei, Maria; andava a passear, vi o portão aberto, entrei.

O pae e os rapazes levantaram-se, deram boas noites, e sahiram encolhidos. Ficaram só as duas, e João.

A situação era difficil. Dizer o quê? aquella visita não se explicava bem; que diria elle, se sua mãe viesse a interpellal-o? Começou a ver a imprudencia commettida, e perdeu a força moral.

Beatriz, que nem tinha olhado para elle, levantou-se, dizendo, ao beijar a mão de Maria da Graça:

— Sua benção, mãe.

— Deus te faça uma Santa; assim nos deixas? Mas vae, vae, que tens de te levantar ás 5 horas, para levar sem falta ao convento aquellas alvas... Sim, vae. O menino desculpe; mas isto aqui n'esta casa, tudo, como o outro que diz, se deita com as gallinhas; eu é que fico ás vezes até á meia noite.

— Não quero incommodar mais; tambem, estava já para me ir embora.

Levantou-se, e pegou no chapeo desabado.

— Boa noite, menino João.

— Adeus, Beatriz.

Poucos segundos se demorou João de Sousa depois da sahida da moça, e voltou a casa n'um estado de alma incommodissimo, e na mais falsa das posições.

Antes de adormecer quiz resar.... e não poude.

XX

Entrou na alma de João um pensamento maligno.

Na madrugada seguinte tornou a sahir, abrindo o portão com o maior cuidado, e dirigiu-se para a banda de Odivellas.

Era ainda noite; começava apenas, lá da banda do nascente, a clarear o céo; as grandes massas de sombra, pezadas e duras, principiavam a tocar-se de claridade vaga; soprava uma levissima aragem, cheirosa ao matto da serra. O silencio enorme de todo o valle repassava a alma com um socego restaurador.

Sim, socego restaurador para todos, menos para João, que allucinado, exhausto de insomnia, e ralado de remorso, julgava, por uma illusão psychologica muito explicavel, ter perdido sua mãe. Sua mãe, aquella Santa, aquella verdadeira amiga, aquella guia indulgente dos verdes annos do orphão, tinha-a a propria maldade d'elle transformado agora barbaramente n'uma creatura inhospita, que lhe queria mal, e o perseguia. Perseguil-o! ella! tristes miragens d'este miseravel coração humano! São as anamorphoses da alma.

João caminhava entre as hortas, como um ladrão, como um assassino. Atropellavam-se-lhe no espirito visões de funeraes, tochas acce-

zas, sangue, infortunios de todo o genero. Os seus instinctos bons queriam reagir, os seus instinctos maus prevaleciam. Sentia nas costas uma especie de mão invisivel, diabolica e possante, que o empurrava. Ia andando. Se por acaso percebia o bater de azas de alguma ave espavorida, que levantava vôo d'entre os canniços, estremecia. Se ouvia, na sombra, a buzina de algum maioral, por aquellas quintas, chamando a malta, estremecia. Via começarem os primeiros clarões da madrugada, e tinha-lhes medo; o que lhe agradava eram as trevas; a sua obra era de trevas; a sua alma era em trevas; a sua orgulhosa desobediencia aos conselhos maternos sepultava-o nas trevas. E caminhava. Para onde?

Encontrou um rapaz com quatro ou cinco cabrinhas; não quiz ser visto; escondeu-se atraz de uns milhos.

Encontrou na estrada um leiteiro, que do alto dos ceirões do seu cavallo carregados de bilhas que chocalhavam, lhe disse, sem aliás o conhecer:

— Salve-o Deus.

Não lhe respondeu. Seguiu.

Ao passar nos Pombaes, viu n'uma janella da casa da Graça uma luz lá no interior. Calculou seria o quarto de Beatriz; imaginou vel-a, meio despida, erguer-se, vestir-se. Passou a mão pela testa abrazada.

. . . .

Seguiu sempre. Antes de chegar a Odivellas, tomou á esquerda um caminho escuzo, que dominando um riacho que ali corre conduz ao couto do mosteiro.

Parou; escondeu-se atraz de umas moitas, sentado no declivio da lomba.

Esperou. Graça, na vespera, tinha falado nas 5 horas da manhan. A manhan crescia; abria a claridade; o valle acordava; aqui, além, fumegavam as chaminés dos casaes; chilreavam nas balsas os passaros; os rumores longinquos do trabalho rural que recomeçava, escutava-os elle quasi em delirio. Sem querer, no meio d'aquillo tudo via sua mãe. Esperou; esperou muito. Era quasi dia claro, mas não tinha rompido o sol, quando sentiu passos; prestou o ouvido; conheceu-os logo, aquelles passinhos certos, leves, compassados, da formosa Beatriz. Sentiu o que quer que fosse, que lhe tomou de subito a respiração. Olhou, e viu... subindo o declivio, e apparecendo a pouco e pouco, a figura esbelta e graciosa da rapariga projectada por escuro sobre o fundo opalino do nascente. Levantou-se, e aproximou-se. Ella vinha calada, com uma trouxa pequena á cabeça.

*

. . . .

— O quê!? por aqui, menino?!!! Que faz aqui?

— bradou Beatriz em voz surda, e em tom mais lastimoso que reprehensivo.

— Sim, filha, sou eu; então que tem? ando a passear.

— Ai, menino João! não minta! o menino não anda a passear, não; anda a perseguir-me. Pela vida de sua santa mãe lhe peço! — (e punha as mãos n'um arranco de supplica) — menino João! não me comprometta! não me perca! tenha dó de mim! mas que mal lhe fiz eu? ai! que estou perdida!...

E cobria o rosto com os dedos n'um impeto de pudor infantil.

— Perder-te eu, Beatriz!? comprometter-te eu?! não digas isso. Eu dava a minha vida, só por te arrancar qualquer espinho debaixo dos pés, qualquer pedra que te magoasse. Perder-te eu?! Não sabes como gósto de ti? não sabes que desde que te vi não penso senão em ti, Beatriz da minha alma?!...

— O' menino João! deixe-se d'essas coisas que eu não entendo. Vamos, deixe-me passar, fuja, não o veja alguem!

— Fugir eu? depois de te ter aqui?!... Bem sabes: por aqui ninguem passa por ora; não ha perigo; eu de ti nada quero...

— Fuja!...

— ... senão falar-te, ouvir-te, dizer-te que nunca amei ninguem n'este mundo senão a ti! Beatriz, não me fujas!

E atravessava-se-lhe diante dos passos, sem a deixar andar...

— Oh! que negra falsidade a sua! Pois então eu não sei que está para casar com a fidalguinha da Ponte, a snr.ª D. Patrocinio? Quem sou eu? pensa talvez que...

— Filha! Beatriz! juro-te: não gósto da Patrocinio; querem-me casar com ella, sim, mas eu não quero; não quero senão a ti, linda Beatriz do meu coração! acredita-me!

E as palavras d'elle eram ditas n'um tom de verdade tal, que se tornavam irresistiveis. E allucinado segurava João nas brancas mãos de Beatriz, e beijava-lh'as.

— Ai, meu Deus da minh'alma! — dizia ella fugindo-lhe com os braços — Eu bem sei quem sou, menino; bem sei quem sou: eu não posso gostar do menino; sou uma pobre, uma triste saloia; o menino João quer-me para me desgraçar; oh! mãe! oh! minha rica mãe!

E soluçava.

— Beatriz, tu matas-me. Por alma de meu pae te juro, que te amo mais do que te sei dizer.

— E' para me desgraçar!...

— Que me importa a mim que tu sejas uma saloia? és um Anjo do Ceo, e appareceste-me.

— E', é para me desgraçar!... — continuava ella quasi sem ouvir, soluçando, e cobrindo o rosto com as palmas das mãos ambas.

— Tu é que não gostas de mim, e gostas de algum outro; mas, aqui te protesto, seja quem fôr, hei-de matal-o!...

— Menino, fuja! — João de Sousa tornou a agarrar-lhe nos pulsos. — E' dia! fuja! olhe não o vejam! Que afflicção! Jesus! Valha-me Nossa Senhora do Amparo que sua mãe me deu!

E mettendo de repente a mão no seio, tirou n'um prompto a medalhinha, e mostrou-a a João pondo-lh'a diante do rosto.

Elle recuou, com os cabellos em pé.

A moça passou, e seguiu o seu caminho. O sol acabava de romper, e illuminava de um tom purpurino as paredes negras do mosteiro. Lá dentro ouvia-se, muito vago, o som do orgam. Eram as freiras cantando matinas.

Beatriz continuou caminhando, e sumiu-se no estreito corredor abobadado, que leva ao couto do mosteiro de S. Diniz.

XXI

A sr.ª D. Maria do Rosario via João acabrunhado de uma grande dor, fosse ella qual fosse, que lhe tirava o comer, e o tornava indifferente a tudo. Applicando a attenção, e cotejando symptomas, percebeu a causa do mal, e começou por dispensar o trabalho de Beatriz. Com o seu

coração de mãe extremosa, convenceu-se de que era indispensavel tomar alguma providencia; com o seu caracter energico. tomou a logo. Em quanto, como vimos, a indole mais inerte da snr.ª D. Maria Victoria de Lancastre, em situação analoga, se não resolvia a empregar tratamento na enfermidade moral da filha, e se limitava, segundo apontei, á medicina espectante, esta provinciana forte lançava mão de meios fortes.

Em grande segredo escreveu ao amigo certo da familia, o bom Conego Netto de Macedo, e no domingo entregou a carta ao snr. Isidoro, a occultas, pedindo-lhe a fosse levar em mão propria. Era isto nos ultimos dias de Outubro.

N'essa carta a boa senhora dizia pouco mais ou menos isto assim: que pressentia um estado anormal no espirito do filho; que a vida indolente, e quasi ociosa, de meio lavrador senhoril o matava; que suspeitava, com fundamento, que uma affeição baixa e inconfessavel a uma camponeza do sitio o estava dominando; que era indispensavel distrahir aquelle coração enfermo; que ella, a mãe, na sua actual situação, pouco podia por si; que se lembrava pois de pedir ao Conego, por grande esmola, quizesse entrar com ella n'uma conspiração; que lhe rogava, com o maior empenho, e em nome das cinzas do marido, quizesse receber João algum tempo em sua casa, obrigal-o a entrar n'uma

vida activa, de sociedade, a ver gente, a frequentar a sua classe em Lisboa, a aproximar-se, emfim, de Patrocinio; dizia mais, que, fiada em que elle, Conego, se não offenderia, propunha dar ao filho uma mezada, pedindo para elle n'esta crise a hospitalidade de algumas semanas, no lar honesto e amigo de um tão provado protector de todos os seus: ponderava por fim o seguinte n'estes termos:

«Bem sabe, nosso bom amigo, as minhas ideias, e as do meu saudoso marido. Eu não gostaria de ver João servindo os constitucionaes, mas resignava-me se isso fosse para bem d'elle.

«Se se lhe podesse obter uma collocação como addido n'alguma Legação lá fora, mettendo n'isso o Saldanha, por intermedio do Antonio de Castro, não ha sacrificio de saudade a que o meu coração de mãe se não submettesse; assim como não ha sacrificio financeiro que eu não acceitasse, para dar ao Joãosinho uma boa mezada. Pense n'isto, e responda, sim?»

*

Não se fez esperar a resposta.

Netto estava por tudo, punha a casa ás ordens da mãe e do filho, e agradecia muito a lembrança, porque a boa companhia do rapaz

o alegrava de veras. Isto era confidencial. Ao mesmo tempo escrevia outra carta ostensiva, em que pedia a João, por muito favor, fosse para casa d'elle algum tempo, porque se sentia velho e solitario; concluia dizendo que a um rapaz do seu nascimento convinha aproveitar as distracções artisticas e sociaes, que Lisboa offerecia no inverno com os seus theatros e as suas reuniões.

Esta segunda missiva, unica lida por João, pareceu encantal-o. No estado desorientado da sua alma, tudo se lhe figurava uma taboa de salvação. Serio e honesto no fundo, elle proprio reconhecia, lá no seu intimo, que sahir do valle da Paian n'aquella conjunctura se tornava necessario. Acceitou, e beijando a mãe respondeu:

— Custa me muitissimo separar-me da minha mãe; mas, se isso é do seu agrado, vou para Lisboa.

— De mais a mais, meu rico filho, — dizia ella — tu não vais para a China; a distancia não é tão grande, que não possas aqui vir algumas vezes ver tua pobre mãe, que tão tua amiga é.

— Certamente; estou ás suas ordens, minha querida mãe Mas verdade verdade: muito nosso amigo é o snr. Conego! este seu offerecimento, tão espontaneo, penhora immenso.

A mãe, que temia alguma recusa da parte de

João, exultou de praser. João escreveu logo ao bom Netto de Macedo, agradecendo, e promettendo ir breve. A mãe transformou o *breve* em *brevissimo,* aprompou tudo, e avisado o Conego por um proprio, logo na tarde seguinte chegava o momento da separação.

*

Foi triste esse momento. D. Maria do Rosario abraçou e beijou muito o filho, amigavelmente enganado por ella, fez-lhe mil recommendações, deu-lhe o pouco dinheiro que poude, occultou a sua commoção, e deixou-o abalar.

João encavalgou no seu bucéphalo, e, acompanhado de um creado, encarregado de trazer o animal para a quinta, partiu por Carnide com direcção á rua do Barão, junto á Sé, onde morava o D.or Netto.

A boa mãe subiu á torre, e ainda teve o gosto de ver o rapaz pela serra acima, dizendo adeus com a mão e com o lenço de quando em quando. Com que saudade trepava elle a serra, de olhos longos no valle, mirando ora o palacete da quinta de Santo Antonio, ora as casinhas brancas dos Pombaes! Deixou-se ir, sem pressa, e chegou á rua do Barão no fim do dia.

*

A residencia do Conego prestava-se para o caso. Elle, sem ser rico, vivia muito bem; tinha uma velha governanta ainda muito verde e activa, que ralhava, dava sentenças, fazia doces muito bons, e adorava o snr. Doutor. Era uma velha alta, esguia, vestida sempre de escuro, com cabellos brancos, e nariz de mau genio; typo quinhentista no falar, na devoção, no affecto. Havia mais o Barnabé, meio escudeiro meio sacristão, que o leitor já conhece das reuniões da rua da Rosa; homem fiel, sério, muito miguelista, e sempre vestido de briche nacional; fazendas estrangeiras eram para elle *tentações do inimigo*, e *obras de Satanaz*. São opiniões.

Para o seu hospedesinho apromptou o Conego dois quartos quasi independentes, com porta para a escada; adornou-os como poude, sem luxo mas com a possivel commodidade, e tomou todo e qualquer sacrificio como uma homenagem prestáda de todo o coração ao seu fallecido amigo de tantos annos.

*

A' chegada de João muita festa para a festa; a governanta, que o tinha visto nascer, ferroulhe muitos beijos; o sacristão desfez-se em cor-

tezias; o gatarrão enorme, gordo como um porco do Alemtejo, veio roçar-se e dar marradinhas; o papagaio regougou *Papagaio Real para Portugal;* e emfim o Conego (que ficou para o fim por ser a figura mais importante) abraçava o seu joven amigo, e dizia:

— Foi uma bella ideia esta que tive, João, não é verdade? tua mãe, que é uma Santa, annuiu logo; pois eu estava com medo de um *não.* Tu estás um pouco estagnado, e isso não convem a um rapaz. Um rapaz da tua edade precisa entreter-se; quero que trabalhes n'alguma cousa, e que te divirtas. Vamos a ver como ha-de ser. Agora, que S. Carlos está aberto, havemos de ir lá, has-de ver gente, has-de pensar no teu futuro. Descança em mim.

— Tudo quanto V. Ex.ª me ordenar, eu o farei, snr. Conego — respondia João; — o que peço é licença para ir de quando em quando ver minha mãe, de quem tenho já muita saudade! parece-me que estou longe d'ella ha um anno.

E não disse mais, porque se lhe deu um nó na garganta, e as lagrimas embargaram-lhe a voz. N'esta commoção não ia só saudade; ia sobretudo o remorso de ter avaliado mal aquella mãe exemplar, de lhe ter sido ingrato, de a ter enganado miseravelmente.

— Vida nova! vida nova! — bradava dentro n'elle a consciencia. — O que lá vai, lá vai. Vida nova!

E elle, com a ingenuidade dos vinte annos, acreditava piamente na *vida nova* que ia encetar.

— Sim, has-de ir ver tua mãe. — dizia o Conego ;— mas por ora não ; deixa estar ; atraz de tempo tempo vem.

*

Netto de Macedo era um pacato, como o leitor sabe tão bem como eu. Depois das suas obrigações canonicaes, frequentava em Alfama e S. Vicente umas reuniões semanaes de manço voltarete até ás 11 horas ou 11 e meia ; ia duas vezes por anno para um canto de uma platêa geral ; se no theatro velho da rua dos Condes se dava algum dramalhão serio, *Trinta annos ou a vida de um jogador*, o *Alfageme de Santarem*, *O Homem da mascara negra*, ou *Os dois campeões*, ia ver ; se no theatro novo de D. Maria II subia á scena *O templo de Salomão*, *As tres cidras do amor*, ou o *Frei Luiz de Sousa*, tambem ia uma vez ; se em S Carlos se annunciava a *Norma* ou o *Roberto*, lá estava elle a ouvir. Mas agora (pensava o bom homem) precisava tambem encetar vida nova, e acompanhar o seu pupillo a algumas assemblêas de gente amiga, onde o podesse distrahir e vigiar.

O creado foi despedido por João com mil saudades para a snr.ª D. Maria do Rosario, e

uma cartinha, em que elle lhe dava parte da chegada, da optima recepção que tivera, e do seu proposito firme de obediencia.

Antes de adormecer resou muito a Santo Antonio, agradecendo-lhe a phase nova que assim tomára o temporal medonho em que se tinha visto, e continuando a pedir-lhe a sua intercessão.

XXII

Quando constou nos Pombaes a sahida de João para Lisboa, Beatriz acabou de adoecer. Doente já ella se sentia desde o verão. Julgou agora que João tinha ido de proposito insultal-a, na tal espera da madrugada, e que n'esta inesperada fuga lhe mostrava bem claro o seu insulto.

Ella, que tinha perdido desde semanas a appetencia, succumbiu á sua humilhação. Sobreveio-lhe uma febre, e deu cuidados serios.

D. Maria do Rosario, ao sabel a doente, foi aos Pombaes.

— Ai! é a minha rica senhora! — dizia Graça quando ella descavalgava no pateo — Ainda bem! estava para ir lá; estou morta por falar a Sua Ex.ª.

— Pois aqui estou, minha velha, aqui estou. Como vai a pequena?

— Vai um nadinha melhor, minha senhora,

mas ainda não está boa, nem para lá caminha. Aqui, a bem dizer, entrou o inimigo; eu ha já semanas que extranho a minha filha; parece que lhe deitaram mau olhado.

— Mas porquê? que tem ella então?

— Ora o que tem!? nem parece a mesma. Anda triste, que é um louvar a Deus. Não quer saber de nada, por mais que eu ralhe.

— Mas não ralhes...

— Não ralhe? essa é que é boa. Tenho-a topado a chorar pelos cantos; não diz palavra; não se queixa; as costuras... não faz cazo d'ellas; os porcos e os vitellos (com licença de Sua Ex.ª)... eu é que tenho de os tratar; e os irmãos... muita vez esquece-se de lhes levar o jentar quando estão, coitados, a cortar matto na serra para a cama do gado. Uma desgracia, minha rica senhora.

— Anda cá, não te apoquentes, Graça; tudo ha-de mudar; não chores.

— E diga-me Sua Ex.ª: eu vejo a pequena a descorar de dia para dia; muito fraca; sempre com frio, com palpitações, e ha dias ficou como morta. Tenho estado ha um mez para ir ter com Sua Ex.ª, e não tenho tido animo, como o outro que diz: ella fez lá alguma coisa mal feita? Sua Ex.ª que a despediu assim de repente...

— Não, mulher, não fez nada; eu é que não tinha agora que lhe dar que fazer, bem vês... Mas quando começou esta doença?

. . . .

— A bem dizer ha quatro mezes que eu extranho a minha filha. — E sorrindo um pouco, continuou: — Ja me alembrou se estaria apaixonada; bem vê Sua Ex.ª, isto de raparigas. . . .

D. Maria do Rósario estremeceu, e perguntou a medo:

— Sim, pode ser; e por quem? suspeitas de alguem?

— Suspeito, suspeito! oh! se suspeito!. . .

— Fala; mas pode ser que esse rapaz de quem ella gosta não tenha culpa nenhuma. . . — atalhou a senhora em tom timido.

— Então lá vai: sabe Sua Ex.ª de quem eu suspeito?

— Dize: de quem?

— E' do Gaspar, filho do padeiro de Odivellas.

D. Maria respirou, e sorriu satisfeita.

— Não conheço; e é bom partido?

— Bom partido! todo bello; elle predios, elle terras, elle o padejo, elle uma azenha, eu sei cá! Mas o rapaz, a bem dizer, não sei se gosta d'ella.

— Então como soubeste? por que suspeitas?

— Eu. . . saberá Sua Ex.ª que não vi nada, e nada sei; são cá suspeitas minhas, porque todas as raparigas gostam d'elle; é todo liró, sua calça de pano fino, camisa engomada, cinta, Sua Ex.ª não faz ideia!

— Ah! então não te fundas em mais do que na calça de pano fino e na camisa de gomma?

é pouco; pode ser que não seja elle. O que vale, sabes tu? é ella não saber escrever; estás livre de cartinhas...

—Quem? a minha Beatriz! não sabe escrever?!! ora essa! Com perdão de quem me ouve, escreve e lê, que é como uma pessoa fina. A não ser o irmão, o meu Zé, e ella, ninguem mais cá em casa sabe d'essas coisas. Aprenderam com a mestra de Odivellas, a D. Cotildes, Sua Ex.ª ha-de ter ouvisto allumiar...

—Sim, sim.

—Pois foi. E aqui ás noites lê ás vezes á gente coisas de pasmar! e com uma pausa!... Agora andava ella a ler, aos serões, a historia de Dona Ignez de Crasto, que, pelos modos, era uma rapariga pobre, muito linda, que se apaixonou pelo filho do Rei; e vai então o Rei que fez? foi-lhe ao gasganete, e zas! E a gente choravamos todos como Madanellas. Aquillo sempre foi certo, minha senhora?

—Eu, se queres que te diga, não sei; assim dizem.

—Credo! Ainda ha dias, antes de cá estar o menino João...

—O quê? esteve cá o João? mas eu não soube.

—Esteve, sim, minha senhora.

—Quando?

—Foi... Graça... foi, se não me engano, na quarta feira.

— Na quarta feira? espera lá.

E a bondosa senhora recorria silenciosamente á sua memoria, e via que na quarta feira... ella tinha julgado o filho recolhido já... quando agora via que andava por fora a fazer visitas suspeitas.

— Foi, foi na quarta feira — confirmava Graça.

— Então elle esteve cá? para quê?

— Isso não soube eu; disse que andava a passear, entrou, e esteve aqui com a gente. Elle não disse nada a Sua Ex.ª?

— Não; ou... talvez dissesse; sim... disse, disse, mas não me lembrava já. E então que fez?

— Não fez nada; esteve aqui a conversar comigo, mais com a minha Beatriz.

— Ah sim?

— Assim mesmo é que foi.

— Bem; isso importa pouco. Talvez eu me tivesse esquecido. Sabes? elle agora foi para Lisboa.

— Já cá se soube.

— Para se divertir.

— E perdôe-me Sua Ex.ª; sempre é certo o que se dizia este verão?

— O que é que se dizia este verão?

— Que o snr. Joãosinho está para casar com a snr.ª D. Maria do Patrocinio, da quinta da Ponte.

— Ora, historias. Por emquanto, não sei de nada.

— E' bem boa menina aquella fidalga.

— Isso é, com certeza; é uma santinha; mas bem sabes: casamento e mortalha...

— E' verdade, minha senhora. Quer então ver a minha filha?

— Se quero!

Subiram as duas ao andar de cima.

*

N'um pequenino quarto, caiado, muito limpinho, com uma cortina de cassa na janella, azulejo pombalino na parede, uns bahus com saia de chita, e uma commoda tambem resguardada n'uma ramagem de um gosto atroz, habitava a estrella dos Pombaes.

Na sua estreita barra de madeira, e presidida por um pequeno Crucifixo ordinario, e por um, registosinho de Nossa Senhora da Nazareth via-se, entre lençoes de deslumbrante alvura, o vulto gentilissimo da moça, meio deitada nas almofadas, desfeita, pallida. Tinha os olhos fechados, o cabello loiro um pouco sôlto, e as brancas mãos enlaçadas sobre o peito offegante.

— Beatriz! — disse em voz baixa e affectuosa a nobre viuva aproximando-se. — Então como vai a minha pequenina?

— Ai a minha senhora? — murmurou Beatriz abrindo os olhos, e tratando de se cobrir ainda mais, com um gesto adoravel de pudicicia.

— Sou eu, sou. E como vais? que foi isto? — disse D. Maria aconchegando-lhe o cobertor.

— Nem eu sei, minha senhora; creio que me constipei... no rio...

— Não; não digas tal — interrompeu Graça; — tu ha tempo que não andas bem.

— Eu?... nem tinha dado por isso ..

Conversaram pouco; o mais do tempo estiveram caladas todas tres. De vez em quando D. Maria do Rosario enxotava alguma mosca poisada no rosto de Beatriz, ou, passando-lhe a mão na testa, tomava-lhe o calor. No fim, disse baixinho:

— Adeus, Beatriz, até amanhan.

Sahiu pé-ante-pé dizendo á mãe:

— Isto não ha de ser nada. Faze tudo que disser o medico; e eu voltarei. Adeus, Graça.

— Deus lhe pague, minha senhora! Deus lhe pague a alegria que nos dá.

XXIII

Lisboa apresentava n'aquelle inverno desusada animação.

Ao movimento politico inaugurado por Saldanha, correspondia o movimento associativo;

associações de classe, associações de beneficencia, associações de instrucção, associações bancarias, tudo prosperava. Notou-se em todas as phalanges sociaes um augmento innegavel de vitalidade. As camaras legislavam com pontualidade e cordura. O Governo governava com prudencia. A Rainha, em todo o esplendor da mocidade, presidia no seu paço das Necessidades a este acordar de uma nação que a venerava, e ia educando na sombra do lar uma geração de Principes esperançosos.

A vida mundana das altas classes acompanhava estas expansões publicas. No seu theatro das Laranjeiras o Conde do Farrobo recebia a alta sociedade. No seu palacio do Rato o Marquez de Vianna hombreava com elle. O Club lisbonense, a Assemblêa da rua da Horta-secca, o Hotel da Peninsula, a Philarmonica da rua do Alecrim, a Thalia, no campo de Santa Clara, os bonitos bailes do Marquez de Vallada, ao Calhariz, congregavam o que havia de melhor na pléiade elegante. O proprio mortiço e antiquado bairro de S. Vicente despertava do seu lethargo habitual. As casas realistas abriam-se em lindas reuniões. Para os convencionados miguelistas de Evoramonte tinha se havia pouco celebrado um esplendido baile de subscripção no palacio do Marquez de Abrantes, a Santos-o-velho. Em summa: o paiz, representado dignamente pela sua magnifica Lisboa, confra-

ternisava com ella n'um pensamento de tolerancia e civilisação.

*

Logo na tarde seguinte á da chegada de João de Sousa á rua do Barão, depois do jantar modestamente servido pela governanta, disse o Conego:

— Meu Joãosinho, hoje vamos a S. Carlos ver a opera de Rossini, a grande *Semiramis;* queres?

— Quero, sim senhor, com muito gosto.

Tomaram bilhetes de platêa geral, e entraram.

*

O theatro de S. Carlos, em noite de enchente, offerece um espectaculo grandioso, até mesmo com o pano em baixo.

Quando os dois se sentaram, penetravam ainda muitos grupos para os seus logares; enchiam-se as platêas, como um lago enorme onde desaguasse um rio caudal. Nos camarotes as senhoras, tirando as suas capas brancas, comprimentando-se de lado a lado, a sorrir, com a fronte e com o gesto, iam-se sentando, entre um rumor confuso de muitas vozes desde as frizas até ás torrinhas, desde a ribalta do pros-

cenio até aos doirados e cortinas de velludo da tribuna Real. Os homens, pelas frizas e pela ordem nobre, quasi todos de casaca e gravata branca, sorriam, assestavam os binoculos, ou ajudavam as suas graciosas companheiras a desvestirem-se. Muitas *toilettes* claras, degotadas, muitos brilhantes, muitas flores. Ouvia-se lá fora, como um trovão longinquo, o rodar das seges e traquitanas sob o vestibulo empedrado. Ali dentro, na orchestra, ouvia-se o longo afinar dos violoncellos e rabeccas procurando o diapasão, e prestes a entrar em fogo.

João, que só estivera em S. Carlos uma vez quando era pequeno, sentia-se admirado e dominado. Era noite do beneficio da *prima-donna*; reinava certo enthusiasmo contagioso.

*

N'uma segunda ordem achavam-se as senhoras Refoyos, todas tres, com o pae, um urso branco de barba comprida, modos patriarchaes, e tez morena, antigo militar, antigo ajudante de ordens do senhor D. Miguel.

Na platêa, de costas para o palco, e percorrendo com o oculo os camarotes, avultava a nobre figura de D. Antonio de Castro; mas note-se: só as frizas e a primeira ordem. Os elegantes *pur-sang* não conhecem ninguem d'ahi

para cima; as torrinhas são como se não existissem; a não ser que ..

N'um camarote de primeira ordem viram-se entrar a snr.ª D. Maria Victoria de Lancastre, com o seu ar principesco, e sua gentil filha, trajada de seda lilaz, com umas lindissimas rosas de musgo no cabello, luva branca vestindo-lhe o braço, e na mão um binoculo de marfim.

Na platêa superior e na geral basofiava toda a cohorte elegante mais conhecida.

N'outro camarote notava-se a esbelta figura da senhora Infanta D. Anna de Jesus Maria, com suas filhas a senhora Condessa de Belmonte, e a senhora Condessa de Linhares. Com estas senhoras achava-se um seu antigo e dedicado amigo, João Caetano Pato Infante de la-Cerda, do Ministerio dos Negocios estrangeiros, Secretario de Legação.

N'outro camarote o Encarregado de negocios de Prussia, Barão d'Arnim, com umas senhoras.

N'outro o Conde de Mello, com a senhora Condessa.

N'outro, o celebre orador D. Antonio Alcalá Galiano, Ministro de Hespanha, com o Secretario D. João de Sandoval.

Um minuto antes da hora marcada no cartaz viram-se entrar, sempre ponctuaes, na sua tribuna particular, Suas Majestades, a Rainha e el-Rei D. Fernando, e no camarote ao lado uma

dama camarista, a snr.ª Condessa de Oeynhausen, e dois ajudantes, o Barão de Sarmento, e o Barão da Foz.

L'exactitude est la politesse des Rois.

Todo o theatro se levantou respeitosamente; algumas senhoras do lado fronteiro esboçaram uma mesura de côrte; os proprios realistas da platêa, sempre bem educados, descobriram-se e poseram-se em pé; as senhoras Lancastres, sem mesura, tambem se ergueram com solemnidade. E' que n'esse tempo a civilidade portugueza, a saudosa civilidade de nossos avós, ainda vivia, e não conhecia politicas O jornalzinho plebeu e insultante, esse trasgo, que, embuçado no dominó do anonymo, desnorteia e envenena o povo, e especula com a peçonha que lhe vende por uns cobres, graças á cobarde e criminosa tolerancia das auctoridades, esse iconoclasta ridiculo, ainda estava por nascer. O publico ainda, por uso e costume, respeitava todas as sumidades sociaes.

*

O regente da Orchestra deu signal com a batuta, e rompeu a symphonia de abertura.

A symphonia da *Semiramis* é um trecho lindissimo, em que os primeiros compassos, phraseados com affecto n'um unisono *crescendo* dos violinos, predispõem com muita arte ás grande-

zas da opera. A symphonia da *Semiramis* é um portico musical, bem digno de receber em triumpho a Rainha de Babylonia.

João, excitado pela musica, innebriado pela luz, deslumbrado pelo canto das actrizes, e sobretudo pelo da beneficiada, recebida em scena com uma interminavel salva de palmas, e sob uma chuva de flores, João vibrando á magistral belleza da partitura, sentia-se mesquinho diante d'aquelle quadro complexo, em que a poesia, a musica, a historia, o amor, o sentimento maternal, a pintura scenographica, e as grandezas sociaes, tinham tantos e tão brilhantes papeis.

Pensava, a furto, em que n'aquella mesma hora, lá na quinta, sua boa mãe, afastada de tudo, sepulta no lucto da sua honesta e immaculada viuvez, e nos arduos trabalhos de administradora rural, estaria por ventura absorvida em escrever roes, em enfileirar contas de sommar e diminuir, que representavam o bem-estar e o futuro de um filho idolatrado, e orphão de pae! Pensava em Beatriz, que elle não sabia doente, e suppunha-a n'esse momento ceando um pobre caldo verde e batatas, na grande cosinha fumarenta, onde elle entrára dias antes, como sorrateiro, e com intenções pouco puras! Pensava no seu quarto modesto de rapaz! na vista que descobria da sua janella! nas hortas alastradas como alcatifas verdiclaras! nos re-

banhos que via passar tintinando entre o matagal da serra! Comparava aquillo tudo com as opulencias que presenceava! achava-se felicissimo! parecia-lhe ter crescido umas polegadas! E tinha então muito dó e muita pena de sua mãe, e de Beatriz, sequestradas a tal espectaculo.

Depois, a pouco e pouco, descorava aos seus olhos a luminosa figura da moça; e o risonho passado apparecia-lhe como um carcere escuro e apertado, de que elle sahira emfim. Predominavam já n'aquelle coração virgem os egoismos humanos. Aquellas senhoras, que elle via engrinaldando como flores o salão, e destacando no fundo escarlate avelludado dos camarotes, pareciam-lhe creaturas phantasticas sahidas das *Mil e uma noites*. Rutilava em todas e em cada uma o que quer que fosse de sobrenatural.

*

No fim do primeiro acto, em quanto os grandes elegantes, o Marquez de Niza, Antonio da Cunha Souto-mayor, D. João de Meneses, Sant'Anna e Vasconcellos, D. José Coutinho, Luiz Mendes de Vasconcellos, José Vaz de Carvalho, Chico Bellas, e outros, chamavam ao proscenio com palmas e alta vozeria a *diva* heroina da noite, Italiana feita de alcorce e rosas,

rouxinol transformado em mulher .. disse o Conego:

—João, vamos visitar as senhoras Lancastres.

Marcaram com o lenço cada logar, deixaram-se levar na corrente da maré que subia para a porta da platêa, receberam a senha, e dirigiram se ao camarote n.º 29. Quando entravam, um creado de libré verde agaloada recebia respeitosamente não sei que ordens de sua ama, e sahia.

*

—Snr.ª D. Maria Victoria, minha senhora,—disse o Conego com a sua voz melliflua e arrastada —deixe-me V. Ex.ª apresentar-lhe este parisiense da Paian, que deseja dedicar-lhe as suas homenagens.

—O quê! o João? que graça! —respondia ella.—Mas que é isto? que é isto? que novidade é esta? Como está, snr. Conego?

E meio levantada na sua cadeira, estendia a mão ao velho, folgando sempre de mostrar, em particular e em publico, o seu acatamento á Egreja.

—O' João—acrescentava Patrocinio,—muito bem apparecido! já o tinha visto; e estou morta de curiosidade de saber que foi isto, que foi?

—Como está V. Ex.ª? —dizia o moço, bei-

jando, como sempre costumava, a mão da snr.ª D. Maria Victoria, e apertando a da filha. — Isto é uma surpreza para V. V. Ex.ªs, certamente, mas ainda maior para mim.

— Então, snr. Conego, não se quer sentar? — perguntava a mãe.

— Obrigado a V. Ex.ª — volvia este sentando-se, ao passo que João tambem tomava logar. — Pois saiba, minha senhora, isto tudo é obra minha; tudo que V. Ex.ª está vendo e ouvindo, é obra minha.

— O quê? a *Semiramis?* pensava que era do Rossini — tornou rindo Patrocinio.

— Sempre má, sempre má — redarguia o velho com bonhomia, batendo-lhe paternalmente com o dedo nas costas da mão. — E' do Rossini, é, a *Semiramis;* mas isto que V. V. Ex.ªs agora estão vendo, esta apparição inesperada, é obra minha, e só minha. Já percebeu?

— Já, já, esteja descançado — volvia Patrocinio com uma das suas gargalhadinhas de crystal.

O Conego continuava:

— Eu tive a ideia de pedir á nossa boa amiga a snr.ª D. Maria do Rosario o favor de me deixar cá ter o nosso Joãosinho umas semanas; não fiz bem? E elle aqui está, na grande e incomparavel Lisboa; e pode dizer, como ha pouco ali cantou o contralto:

Eccomi alfine in Babilonia! ..

—Sim, sim, diz muito bem,—accrescentava D. Maria Victoria—que Lisboa é uma Babylonia; mas como João tem muito juizo... Que graça! E quando veio?

—Ainda hontem; cá me appareceu.

—Sim? e como está sua mãe, João?

—Obrigado a V. Ex.ª; vai bem, minha senhora.

—O que elle tem que ver! como ha-de gostar d'isto tudo! não é assim, João? – disse Patrocinio.

—Immenso; gósto immenso.

—E então hoje, n'uma noite em que está tanta gente conhecida!

De vez em quando as duas senhoras olhavam com os binoculos, e comprimentavam com gentís meneios de cabeça para alguns camarotes.

—Olhe, João, lá entrou o Duque de Saldanha no camarote dos Ministros; aquelles que se poseram em pé são outros Ministros. O menino não o conhecia?

—Não, menina; mas que bello velho! parece um Rei! – respondia este examinando-o com o oculo que Patrocinio lhe emprestava. Todos os olhares se fitavam no grande Marechal, conforme o costume.

—O' Maman, muito bem está a Eugenia de Saldanha ali n'aquella friza.

—Sim, sempre bonita — respondeu D. Maria Victoria examinando-a com o oculo.

— A snr.ª Condessa de Tavarede? — disse o Conego levantando-se um pouco, e olhando tambem por traz da cabeça de D. Maria Victoria — Isso é um Anjo.

— Então diga-me, snr. Conego, está então feito agora tutor do Joãosinho? galantissimo! acho-lhe immensa graça. O que vale é que o pupillo é optimo de governar.

— Vamos a ver, vamos a ver, minha senhora; elle é que o ha-de dizer.

João sorria, e conversava com Patrocinio, que lhe ia explicando quem eram varias senhoras que elle indicava.

— Então antes de hontem, snr. Conego, demorou-se ainda muito? — perguntou a elegante dona do camarote.

— Onde, minha senhora?

— Em casa das primas Refoyos.

— Ah! sei; agora me lembro. Minha senhora, V. Ex.ª sabe: eu recolho sempre cedo; mas oiço que se passou muito bem.

— Estava, estava tudo muito em ordem; ellas festejam sempre com tanto gosto o dia de annos do pae! estava todo o bairro de S. Vicente, não é verdade?

— E' verdade. V.V. Ex.ªs sahiram cedo.

— Sim, nós demorámo-nos pouco, porque tinhamos que ir ainda ao baile do Marquez de Vianna.

— Muito bem, já se vê, não?

— Ai, o melhor possivel. Lindissimo! não faz ideia. Eu até não pude deixar de dizer á Marqueza: O' filha, os teus bailes parecem contos de fadas.

— Pois não! e V. Ex.ª é optima juiza. Eu, como não sou visita do Marquez, nem vou a bailes grandes, senão aos seus, minha senhora...

— Ora os meus! umas reuniões de familia. Teem lá comparação! O' Patrocinio, a Condessa de Farrobo tem uma romeira tal qual aquella que a Levaillant nos queria vender, não se lembra a menina?

— Lembro maman; a fita é de outra côr, pois não é?

Trabalharam os binoculos.

— O' snr. Conego, — disse Patrocinio depois de uma pequenina pausa — como gosta muito de musica, ha-de dar o maior valor á *Semiramis*, que é a rainha das musicas.

— Lindissima, minha senhora; mas eu (confesso o meu peccado) gósto mais de Meyerbeer.

— Ai não diga isso, — respondeu Patrocinio — olhe que me zango muito. Rossini é muito mais musical, e Bellini, e Donizetti. O Meyerbeer faz muita bulha.

— Mas é bulha... como direi eu? bulha... muito a compasso, e com muita novidade — observava sorrindo o velho. — Aquelle *Roberto!* aquelle *Roberto!*

— Sim, mas esta *Semiramis!* e então a dama vai na perfeição. Reparou n'aquella volata da aria?

— Pois não! o que digo é que se ella é uma grande cantora, V. Ex.ª é uma entendedora *di primo cartello*.

— Ora! não esteja com isso. O João de Menezes disse um *bravo*, não se poude conter. O' maman, lá está o primo Antonio de Castro no camarote dos Ministros.

— Podéra não! um ministerial. Lá olhou elle; oh! que grande comprimento! tão ceremonioso! a menina não reparou?

— Reparei, maman.

— Esteve hoje um dia lindo, snr. Conego, não acha? nós de dia fomos ao Lausperenne, que está no Sacramento; estava um dia de apetite.

— Lindo, minha senhora lindo. Eu depois de vir da Sé andei a passear com o João no Terreiro do Paço, e depois fui-lhe mostrar o jardim da Alfandega.

— E gostou, João?

— Gostei, sim minha senhora; mas S. Carlos... agrada-me mais.

Riram todos.

Bateu alguem com os nós dos dedos á porta do camarote. João abriu.

Era um rapaz de vinte e dois ou vinte e tres annos, magro, de monoculo, gravata branca, luva branca, olhar branco (deixem-me dizer

isto; ha olhares assim). Com o chapeo de pasta na mão esquerda, penetrou aos pulinhos, comprimentou, e n'este reboliço o Conego despedia-se.

— Então, já, snr. Conego?

— Vou tomando o meu logar, minha senhora, se V. Ex.ª me dá licença. O João, se quer, fique.

— O tutor dá licença? — perguntou Patrocinio com um serio comico.

— Dou, dou.

— Então fico um bocado.

— Passem V.V. Ex.ªs muito bem. Oh! snr. Visconde!

— Snr. Doutor...

Sahiu o Conego.

*

Antes do tal rapaz se sentar, acabados os comprimentos, fez D. Maria Victoria as apresentações.

— Não se conhecem: o snr. João de Sousa Teixeira, nosso velho amigo, se se pode dizer isto de um rapaz de vinte annos; o snr. Visconde de Alfragide, um dos primeiros elegantes de Lisboa.

Cortejaram-se os dois, tratando cada qual de ser o primeiro que proferisse n'um relance a phrase sacramental:

— Tenho muita honra em o conhecer.

Em quanto o Visconde conversava com D. Maria Victoria na sua voz dura e rouca, teve João ensejo de o examinar. Era um sujeitinho pallido, de modos rapidos e imperiosos, expressão gasta, faces macillentas, bigode ratado. Muito bem vestido, não com a elegancia que depende só do alfaiate, mas com um *quid* perfeitamente seu. Punha o monoculo com ar atrevido, e de vez em quando deixava-o cahir, com um gesto de sobrolho, que, se não era uma careta, fingia muito bem que o era.

Quando João deixou de conversar com Patrocinio, o Visconde de Alfragide apreciava o baile dos Marquezes de Vianna em voz muito alta:

—Uma secca, minha senhora, uma secca. Gente de mais. Para receber tanta gente, é melhor dar bailes no Terreiro do Paço.

— O' Viscondinho, não diga isso; eu tinha o maior escrupulo de dizer semelhante coisa, sabe? Estava tudo tanto em ordem! com tanto gosto! E aquelle jardim illuminado, que parecia enorme visto da sala da ceia! E aquelle lindissimo forro de tecido de vidro n'uma das salas! que lindeza! e que novidade!

—Perdão, minha senhora; perdôe-me V. Ex.ª; eu vi d'aquillo em París ha já bem tres annos. Com o devido respeito: novidade é que não.

— Pois sim, mas nós cá em Lisboa nunca ti-

nhamos visto — respondia a graciosa senhora sem olhar para elle, e mirando ao mesmo tempo a sala com o binoculo.

— E depois... quer V. Ex.ª saber? creados de mais, flores de mais, serviços que não acabavam nunca.

— Ai! que lingua tão má com que está, Visconde! não o posso aturar...

Dizia isto sorrindo com muita bondade.

— E' que V. Ex.ª é sempre indulgente para todos; mas eu...

— Ora, valha me Deus! pois então, se não houvesse creados, se não houvesse flores, se o serviço fosse menos escolhido, que diria o Visconde?

— Perdôe-me V. Ex.ª: ha em tudo o meio termo; a elegancia tem leis. A quem o digo eu! a V. Ex.ª, que recebe como ninguem; ali sim.

— Ora não diga isso; que secca! não queira comparar as minhas recepções com aquellas. Diga-me: que fez hoje?

— Vim de Cintra hontem, e fui hoje correr ao Campo-grande com o Vimioso; tenho um potro novo...

— Estava um dia de apetite.

— Sim? não achei, perdôe-me V. Ex.ª; muito sol, muita mosca, muita luz. Ainda hontem dizia eu ao tio Jacintho de Siqueira: Quem me dera os bonitos dias de inverno!

— Bem sei; e quando elles chegarem diz: Quem me dera os bonitos dias de outomno!

— Este senhor então, — perguntava o Alfragide olhando com ar protector para João — o snr. João de Sousa (não é isto?) é da provincia?

— Sou provinciano do coração do Bairro-alto — respondeu João seccamente, e sem olhar.

— Habita sempre com sua mãe uma quinta ahi fora — explicou D. Maria.

— Ah? — disse o Visconde.

— Sua mãe é uma das minhas melhores amigas; elle agora vem passar umas semanas de outomno e inverno em Lisboa.

O Visconde, indifferente ao que se lhe dizia, perguntou ás senhoras:

— V.V. Ex.as teem gostado do desempenho da opera?

— Muito — disse a mãe.

— Perdôe-me V. Ex.a: eu acho isto um horror. Esta dama (para mim) é detestavel.

— Ah, já percebo: o Viscondinho é do partido da outra.

— Perdôe me V. Ex.a: eu sou do partido da rasão.

— Hontem, no Marrare, já sei, discutindo estas damas, houve scenas de pugilato; não?

— Sim, minha senhora; e quer V. Ex.a saber? ainda agora, ali no salão, dizia o Bulhão Pato com muito chiste ao Conde de Carvalhal:

«O' Antonio da Camara, então já sabes? houve *illuminação* no Marrare.» — «Illuminação, como?» — perguntou o Antonio. «Sim, certamente, illuminação a fogo de Bengala.» Sempre rimos!

— Tem a maior graça! — ponderava a snr.ª D. Maria Victoria saboreando o trocadilho — fogo *de bengala*.

Riram todos.

— E passem V.V. Ex.as muito bem; vou para o meu logar.

— Adeus, Viscondinho.

— Adeus, snr. Visconde.

— Passe muito bem, snr. Visconde.

E sahiu o mentecapto.

E (coisa notavel) aquelle centro era tão profundamente bem educado, que ninguem se lembrou de cortar na casaca ao ausente.

XXIV

Mas corto eu.

O mentecapto era um morgado ahi de fora, domiciliado aqui para honrar a Capital. O titulo provinha-lhe de um tio, influente politico em 1840 e tantos, Desembargador, senhor da casa, Deputado, etc., a quem a Rainha tinha nomeado Visconde, como prova da Real munificencia.

Jogador e pessima lingua o 2.º Visconde,

dado a conquistas faceis, ignorantissimo, acreditava ingenuamente que o seu monoculo atrevido lhe dava um ar de homem perigoso. Não o era. A sua futilidade maligna, a sua intelligencia limitada, o seu espirito de constante contradicção, a sua face antipathica, os seus requebros de arlequim, grangeavam-lhe na sociedade o logar que elle merecia. Era mau; e entretanto, pertencia ao grupo de uns certos, de quem dizia um engraçado conversador:

— São muito maus, são; mas ninguem lh'o chama, porque n'elles a qualidade de tolos eclypsa todas as outras.

Estes sujeitos assim são uteis como claro-escuro; realçam os mais; quando presentes, incommodam; quando saem, a sua ausencia é favor que muito se lhes agradece.

*

Já começado o 2.º acto, entrou no camarote D. Antonio de Castro e Vasconcellos, no bico das suas botas de polimento, cauteloso, falando em voz baixa, para não interromper. Muito bem vestido, como sempre, dava com a sua personalidade grave e distincta uma impressão bem diversa da do Visconde de Alfragide. Cortejou as senhoras com o seu modo soberanamente respeitoso, em voz muito sumida para não com-

petir com as melodias rossinianas, e sentou-se.

Era a primeira vez que se avistavam desde a immortal scena da *sala verde* da quinta da Ponte. Conhecedor do mundo, entendeu que devia quebrar por si, e não accrescentar com um despeito burguez o mal da posição de repudiado em que ficára. Acceitava pois nobremente a sua situação um tanto esquerda.

Falava de vagarinho e cortez, ora de pé, ora sentado, olhando pouco para o palco, e muito para os camarotes do lado fronteiro.

—Que lindo dueto!—dizia elle em surdina, batendo levemente o compasso com o chapeo de pasta.

—E' verdade; como tudo isto é bem conduzido!—respondia D. Maria Victoria assentindo com um gesto de cabeça.

Longo silencio. N'aquelle silencio passava o genio de Rossini em toda a sua gloria.

—Não vi hontem a V.V. Ex.as no Rato. Mas sei que estiveram.

—Lá estivemos; eu tambem o não vi, primo Antonio.

—Tanta gente, prima! mas que bella festa! como tudo esta 'a afinado! desde a entrada!

—E' verdade: desde a entrada; aquella fonte! que coisa tão bonita!

—E depois a snr.ª Marqueza, e o Marquez, sempre tão amaveis!

—Eu não pude sahir de uma sala. A Patro-

cinio diz que na sala de baile dançavam não sei quantos pares.

— E que bella orchestra! aquelle Strauss, como me dizia a senhora Duqueza da Terceira, tem o don da valsa.

— Diz muito bem a Duqueza.

Acabava o acto. Descia o pano entre applausos geraes. As primeiras partes sahiram ao proscenio victoriadas.

— O' primo, olhe como applaudem! esta mulher é realmente muito boa.

— E'; e apesar de haver ahi um partido contrario...

— E' a *opposição* d'este parlamento, primo — observou Patrocinio voltando para elle a cabeça.

— Sim, priminha, é a opposição; — volveu D. Antonio rindo intencionalmente.— Mas veja se alguem se atreve a protestar. Que applauso! bravo! bravo! eu acho immensa graça a esta rapariga quando agradece.

— Sim; é muito graciosa; tem um ar fino.

E Patrocinio deitava-lhe o binoculo.

Disse a snr.ª D. Maria Victoria:

— Vi-o ainda agora no camarote dos Ministros.

— E' verdade; estive lá; o Marechal tinha-me mandado recado pelo Francisco de Almeida; queria falar-me.

— E como está o Marechal?

— Optimo; é um rapaz de vinte e cinco annos. Olhe, lá está no camarote d'elle o novo Ministro de França, o Marquez de Lisle de Siry; veja como elles riem um com o outro; é homem agradabilissimo; e sabe V. Ex.ª? morre por Lisboa; diz que, se podesse, vivia aqui toda a vida.

— Sim? é tão agradavel ouvir isso! — respondia D. Maria com a sua voz maviosa.

— O' primo Antonio — disse Patrocinio.

— Minha senhora.

— Quem é aquella rapariga loira, de vestido azul, com quem esteve falando ainda agora, ali na 4.ª frisa? é muito visitada pelo corpo diplomatico.

— E' a secretária de Inglaterra, mulher d'aquelle alto de luneta; vê?

— Ah sim?

— Então o nosso João está agora por cá? novidade! — observou D. Antonio.

— Estou; vim passar um tempo.

— Sua mãe está em Lisboa?

— Não; ficou lá na quinta.

— Está n'um hotél?

— Estou em casa do snr. Conego Netto de Macedo, que está lá em baixo.

Antes de começar o novo acto, despediu-se D. Antonio de Castro, e ia sahindo. Patrocinio perguntou com forçado interesse:

— Vai-se embora?

— Vou; tenho uma conferencia no Gremio, com uns politicos.

— Sempre a politica!

— Bem vê, prima, eu não tenho outra coisa! — respondeu elle com um sorriso ironico.

Sahiu.

*

O Conego, que tinha visto da platêa entrar D. Antonio no camarote, veio esperal-o ao corredor.

Em duas palavras, fel-o entrar na confidencia de D. Maria do Rosario, e pediu-lhe, com o maior empenho, se interessasse com o Marechal, Presidente do Conselho, para que João de Sousa fosse nomeado Addido algures.

D. Antonio de Castro approvou muito a ideia, por todos os motivos, principalmente porque esse afastamento o livraria de um rival, que elle suppunha incommodo. Vóltou logo ao camarote dos Ministros, e pediu ao Duque um instante de audiencia. O Duque, sempre amavel, passou com elle para o gabinete contiguo.

— De que se trata, meu rico Antonio?

— Tio Saldanha, — respondeu o Deputado — eu digo a V. Ex.ª: lembra-se muito bem do Roque de Sousa Teixeira, não é assim?

— Muito bem; era um honrado caracter, e um terrivel inimigo que teve a causa da Rainha.

. . . .

Bateu-se como um leão; foi ferido no Pastelleiro.

— Como V. Ex.ª se lembra! pois Roque deixou uma santa viuva, e um filho, hoje de dezanove ou vinte annos, que eu desejaria immenso V. Ex.ª tomasse debaixo da sua alta protecção, e nomeasse Addido algures.

— Estimo muito; vamos a isso; mas é preciso que o rapaz entre, por ora sem vencimento, para a Secretaria dos Negocios estrangeiros para praticar.

— Entra, se V. Ex.ª mandar.

— E tu garantes-me que é bom rapaz?

— E', Marechal, e galante, e fininho, e bem posto, e ha-de ter, segundo creio, alguma pequena fortuna.

— Está na ordem; e é, de mais a mais, filho de um adversario; protegerei a pretenção — accrescentava o magnanimo General esfregando as mãos como costumava em estando contente. — Que me appareça. Vae tu apresentar-m'o amanhan ao Ministerio da Guerra, e eu falarei ao Garrett.

— Beijo as mãos a V. Ex.ª, tio Saldanha — respondia D. Antonio abraçando com respeitoso affecto o grande Velho.

Este tornou ao camarote; D. Antonio sahiu para o corredor communicar o caso ao Conego, que exultou de praser, e disse:

— Logo, quando me tornar com o Joãosinho

para casa, conto-lhe o acontecido. Que milagre! E então V. Ex.ª manda que elle o procure amanhan, ou quando?

— Sim, amanhan pelas 11 e meia, que esteja em minha casa.

*

No fim do acto, João, que de todo ignorava se estivesse tratando do seu futuro em tão elevadas regiões, e a quem nem poderia occorrer que o Duque apadrinhava desde esse momento o filho de um encarniçado inimigo politico, pediu licença ás suas amaveis hospedeiras, e disse que ia ver as senhoras Refoyos.

— Adeus, João — disse a mãe; — e não se esqueça de nós; a casa de S. Vicente está no mesmo logar, ouviu? e quando escrever á maman, mande-lhe saudades minhas.

— Eu irei muito breve aos pés de V. Ex.ª

— E minhas tambem — disse Patrocinio.

*

Estavam no seu camarote as tres irmans, D. Maria Angelica, D. Maria do Resgate, e D. Maria do Carmo. Tambem assistia á recita o pae, o valente convencionado, Luiz de Refoyos, já muito nosso conhecido.

— V.V. Ex.as não esperam de certo esta visita — dizia o mancebo ao entrar.

— Ai o Joãosinho! — exclamava uma.

— Ai que engraçado! mas que foi? — exclamava outra.

— Ai esperava tudo, menos esta visita agora; que graça! — exclamava a terceira.

— Caspitè! — bradava com a sua voz militar o bom Luiz de Refoyos. — Cá está o homem! Então quando chegaste, João?

Estas meiguices d'elle eram ditas com ar carrancudo, e na voz cheia e forte com que diria á frente de nm regimento:

— Braço armas! meia volta á direita! marche!

— Eu? cheguei hontem.

— E demoras-te?

— Demoro, sim senhor.

— Caspitè! Apparece.

João contou tudo, e conversaram muito. Sahiu quasi ufano de ser uma especie (degenerada, se assim o quizerem) d'aquelles elegantes tão bem vestidos, que elle via borboletear pelos outros camarotes.

*

Tornou-se para o seu logar da platêa geral; mas confessemos: achava-se um tanto envergonhado de se ver de fraque e gravata escura, ao

passo que os homens da sua egualha ostentavam casacas e gravatas de cassa. Sentiu uma especie de despeito de representar tão modestamente a Paian n'aquelle congresso de elegancias. Protestou que para a outra vez não havia de ser assim, ainda que fosse preciso mandar pedir mais algum dinheiro a sua mãe. Sentia-se humilhado no meio de tanto esplendor, como um candieiro velho de tres torcidas, que se quizesse bater com dez bicos de gaz. João parecia aos seus proprios olhos uma especie de morcego n'um bando multicor de colibrís, araras e pavões. Ser raro, é desagradavel; ser unico... é tristissimo. Isso, pouco mais ou menos, experimentou a Phenix na assemblêa das aves da fabula de Florian:

> ... *Plaignez le, pauvre oiseau!*
> *Il est le seul de son espèce.*

....

*

Quando João e o velho amigo de seu pae, de volta do theatro, passavam ao Pote das almas, perguntou o D.or Netto:

— Com que então, Joãosinho, divertiste-te, hein?

— Gostei muito, snr. Conego.

Pausa.

— Que tal achas agora a tua amiguinha?

— Qual amiguinha? — interrogou o moço em tom sacudido, fingindo não perceber, mas percebendo á legua.

— Ora, qual amiguinha! a pequena, a Patrocinio de Lancastre.

— Ah, sim; acho-a o mesmo que sempre achei. Gosto d'ella... como de uma irman.

— Olha, menino, ali é que estava uma boa noiva para ti — aventurava o Padre em tom paternal e sentencioso.

— Nunca pensei n'isso — respondeu o rapaz; e disse mentalmente:

— Que grande secca! andará aqui alguma conspiração? não, não é a Patrocinio, que me ha-de arrastar.

O velho não insistiu no assumpto, e mudando as guardas á fechadura, continuou.

— Ora agora, meu João, deixa-me dar-te uma grande noticia: amanhan vais tu entrar na Secretaria dos Negocios estrangeiros, e d'aqui a pouco és nomeado Addido de Legação.

— Eu, snr. Conego? está a brincar?

— Tu, sim. São contos largos.

— Mas eu? servir os constitucionaes?!...

— Toma conta: isso são preconceitos sem base. Servir os constitucionaes é uma coisa; servir o paiz é outra. Tu vais servir a tua terra, vais ser homem util, vais dar uma grande alegria a

tua mãe, e até (deixa-me dizer-t'o) ás cinzas de teu pae. D. Antonio de Castro interessa-se por ti, e o Marechal protege-te.

— A mim, snr. Conego? se nunca me viu !! a mim? filho de um adversario?

— N'aquella alma não ha odios, João; protege-te, sim. Amanhan procurarás D. Antonio, na sua casa da rua do Alecrim, e irão juntos ao Duque. E d'ahi, não vês que já vão acabando todos os antagonismos, que d'antes, no momento agudo da lucta, eram uteis (diga-se a verdade)? Não vês como as classes fazem concessões mutuas? Não vês como se vai irmanando n'um pensamento tolerante e ordeiro a grande familia portugueza? De que servem hoje os amúos, as abstenções? Peçamos a Deus, que a mão poderosa do Duque de Saldanha consiga o que a sua larga intelligencia e o seu coração de oiro lhe estão dictando a bem d'esta gloriosa e infeliz terra de Portugal!

João não respondeu, mas sentiu lá dentro um gosto parecido com ufania. Addido de Legação! elle!!...

Dormiu bem. Lisboa, o Ministerio dos Estrangeiros, e todas as Legações e Embaixadas da Europa, agitavam-lhe n'alma luvas brancas, habitos, e fardas bordadas. Oh! mocidade!...

. . . .

XXV

No dia seguinte, pelas 11 horas, procurou João a D. Antonio, que o recebeu melhor que de costume. Sahiram juntos, desceram ao Caes do Sodré, onde, em logar do monumento do Duque da Terceira pelo nosso grande esculptor José Simões de Almeida, havia a semsaborissima meridiana. Seguiram á rua do Arsenal, ao longo da qual brilhava ainda aquella litteratura de enforcado, os folhetinhos de cordel, *As sete partidas do Infante D. Pedro*, *A Princeza Magalona*, e outros folhetos *ad usum* do povo. Hoje o povo já não lê isso, quer uns jornaes malignos e infames, que o desnorteiam e lhe arrancam as crenças religiosas. Acreditem no *progresso!*

Na Secretaria da Guerra falaram ao Marechal, que fez muita festa a João, e lhe disse com a sua franqueza senhoril:

—Vamos, rapaz; é trabalhar e ser homem. Já falei com o Ministro dos Estrangeiros; entras para lá a praticar, e passado um anno serás nomeado para fora. Como está tua santa mãe?

. . . .

*

A' tarde escrevia João a sua pobre mãe a

carta seguinte, que por acaso me chegou ás mãos:

«Minha querida mãe da minha alma.

«Como já sabe pela cartinha que lhe escrevi, logo á minha chegada, cá estou em casa do nosso bom amigo, muito bem tratado, com um carinho immenso. Elle é realmente o melhor dos homens, e não se cança de elogiar minha mãe, e as suas qualidades, e a sua dedicação; como se isso fossem novidades para mim! sabendo que eu ia escrever a minha mãe, encarrega-me de lhe apresentar os seus respeitos. Da janella do meu quarto vejo a Sé, que é onde o snr. Conego diz que hei-de ir com elle á Missa todos os domingos. Este nosso bom amigo já me levou a S. Carlos; era a *Semiramis*; gostei immenso. Vi a Rainha, que é muito bonita, com olhos azues. Encontrei as senhoras Refoyos, as senhoras Lancastres, D. Antonio de Castro, etc. A Patrocinio mostrou-me na platêa superior D. José Coutinho, que tão amigo foi de meu pae! O theatro de S. Carlos é muito grande, muito grande, maior que a egreja de Odivellas com o côro e tudo. Vi o Saldanha; que bello homem! um guerreiro com uma cara tão boa! faz impressão. Estáva de casaca, lenço branco, e uma gran-cruz azul. Disseram lá que tinha tido um jantar em casa do Ministro de Inglaterra. D. Antonio de Castro foi comigo

muito amavel, empenhou-se com o Duque, e estou nomeado (sem vencimento) amanuense supranumerario praticante, que não sei bem por ora qual é o meu titulo, no Ministerio dos Negocios estrangeiros. Veja, minha rica mãe! d'aqui a um anno estou Addido, e talvez me mandem lá para fora.

«E' verdade que tudo isto exige despezas extraordinarias; mas eu digo: é preciso semear para colher depois; não é verdade? Por ora não ganho, mas se Deus quizer hei-de ganhar depois, e muito. Como sabe, a minha guarda-roupa, muito boa para ahi, não presta para nada em Lisboa. Vou mandar fazer fato digno *da minha alta posição*, se minha mãe me der licença; e por isso venho perguntar-lhe, se, além das quatro libras que me dá de mezada, não podia mandar-me uns cem mil reis para estas despezas indispensaveis. Como posso eu apresentar-me na secretaria, e no theatro, de jaquetão, ou só com aquelle fraque azul que tenho? Não pode ser. Não imagina como os rapazes aqui andam! Veja, minha mãe, se é possivel ajudar-me agora, e estou certo de que em sendo *Ministro plenipotenciario* hei-de auxilial-a muito e muito. Não se ria, não? tudo se tem visto; e tendo, como tenho, a protecção do Duque de Saldanha, hei-de chegar a tudo. Falei-lhe hoje; tratou-me muito bem, e fez-me uma festa na cara, a rir-se; é lindo e muito dado.

. . . .

«Isto aqui é muito bonito. Lisboa hoje parece-me uma cidade melhor do que eu julgava, quando, no tempo de meu pae, só conhecia o largo das Chagas, a feira das Amoreiras, o Passeio, e a rua da Rosa; mas é muito cara; e um *janota* (como eu devo ser) tem exigencias. Eu nada tenho sabido da administração da casa, porque a sua bondade, minha mãe, me tem livrado d'essas seccas; mas estou persuadido que lhe não farão falta esses cem mil reis que peço agora; não é assim?

«Muitas saudades da snr.ª D. Maria Victoria; mando á minha rica mãe um milhão de beijos, e peço lembranças ao Vicente e á Josepha, e uma festa ao meu cavallo e aos meus cães; gostava que o Vicente sahisse de vez em quando a cavallo, para o triste bicho não entorpecer; o peor é que o pobre velho tem muito medo de montar.

«Ao jantar o snr. D.or Netto fez uma grande saude a minha mãe, á sobremeza; chorámos todos; e mandou chamar lá dentro a governanta para nos acompanhar, mais o Barnabé, na tal saude. Que saudade que isto faz!

«Quer saber uma coisa? Luiz de Refoyos, apenas me viu, disse logo *Caspitè!* Já esperava.

«Minha mãe, a governanta apresentou um doce de ovos e amendoa, coisa muito boa. Já pedi a receita para lhe mandar; não sei como se chama este pitéo, mas ha de gostar immenso.

....

A Francisquinha, que foi creada das freiras, que experimente quando ahi fôr (dirigida por minha mãe, já se vê).

«E adeus, minha mãesinha, sou sempre, com todo o respeito,

seu
filho muitissimo amigo
João.»

«P. S. — Saudades á Graça.

«Outro P. S. — Aqui vài a tal receita:

«N'um almofariz de pedra muito limpinho deita se uma mão-cheia de amendoas doces, e duas ou tres amendoas amargas, tudo isto misturado com umas gottas de leite da nossa vaquinha. Piza-se tudo muito bem, e depois deita-se-lhe para dentro uma duzia de gemmas de ovos, e pouco mais ou menos meio arratel de assucar, e algum sal; estas proporções ficam ao talento da copeira. Deita-se então leite, desfaz-se tudo, bem misturado, e quando se acha em boa consistencia juntam-se-lhe as claras bem batidas primeiro cá fora. Agarra-se n'um prato côvo de barro novo, unta-se com manteiga, e deita-se-lhe para dentro a tal massa; colloca-se em cima de brazas, cobre-se com outro prato de metal, e põem-se n'este outras brazas. Deixa-se cozer uma hora, tira-se, polvilha-se com assucar crystallisado, e dá-se-lhe uma torradella. O publico lambe os leiços.»

*

A santa mãe riu, depois chorou de alegria, e de dor ao mesmo tempo. Leu, e releu.

Cem mil reis eram tanto para ella! o anno agricola tinha corrido mal, as dividas não estavam ainda de todo pagas, e a mezada das quatro libras sobrecarregava-a. Que fazer? como havia de recusar ao filho uma coisa d'onde parecia depender o futuro d'elle?

Pensou, pensou, e resolveu-se.

No dia seguinte á recepção da carta era domingo.

Quando chegou o snr. Isidoro, encarregou-o a snr.ª D. Maria do Rosario de lhe vender em Lisboa uns brincos de brilhantes, herança de familia. Elle, pratico em avaliações, pois tinha sido ourives, disse:

— Minha senhora, V. Ex.ª quer cem mil reis, mas estes brincos não valem talvez mais de sessenta, se valerem.

— Que me diz, snr. Isidoro! valha-me Deus! Em todo o caso... venham esses sessenta.

No dia seguinte o ponctual amigo levou-os a João.

*

Não se ficou por ahi a heroica viuva.

Mandou chamar Maria da Graça, a pobre

rendeira da horta dos Pombaes, e disse-lhe:

— O' minha Maria da Graça, sabes? desde que o menino João se foi, ando tão triste, que não fazes ideia; preciso por força distrahir-me.

— E então que dúvida? por que está S. Ex.ª sempre mettida em casa? por que não vai espairecer até á minha horta?

— Não, não é isso; é distrahir-me aqui, entreter-me com algum trabalho em casa.

— Algum travalho? então S. Ex.ª precisa travalhar?!

— Preciso, sim, como te digo, para divertimento. Olha, lembrou-me pedir-te... mas dize se tens escrupulo n'isso.

— Em quê, minha senhora? estou sempre ás ordes.

— Ora dize-me. As freiras de Odivellas... aquella que é tua madrinha, aquella freirinha de quem me tens falado...

— Ah! sim, a Madre Purificação.

— Exactamente. Sei que essa senhora se encarrega, com outras, de bordar enxovaes, cazulas, etc., applicando depois o dinheiro...

— E' tal qual como S. Ex.ª diz: empregam depois o aspecto d'esse dinheiro em esmolas, e em enfeitar os altares.

— Pois bem; eu queria..

— E tanto assim é, minha rica senhora, que lá a minha Beatriz, que borda muito bem, como S. Ex.ª sabe, tambem as tem ajudado ás vezes

quando a faina é grande, e tem ganho seu vintem; verdade é que dá tudo aos irmãos.

— Pois isso mesmo é que é; — disse a boa senhora timidamente — vê então... se me dão alguma coisa que fazer.

— Bordar para fóra? Credo! abrenuncio!

— Bordar para fora, sim, e por dinheiro; então que tem? não é coisa que me envergonhe; até me distrahia, que é o que eu mais preciso. Sabes que sou uma bordadora menos má.

— Menos má? bordadora de alto lá com ella.

— Pois assim entretenho-me, e junto alguma coisa.

— Ora S. Ex.ª está a brincar.

— Não estou, não estou. O que te peço é muita brevidade, e o maior segredo. Vae hoje mesmo á Madre Purificação. Lá não fales em mim, está claro; dize... que é para a Beatriz. Toma conta.

— Esteja descançada, senhora.

*

D'ahi a dois ou tres dias, começava a nobre e incançavel creatura a tratar de preencher os quarenta mil reis que faltavam para completar os cem.

Levantava-se com luz, bordava até ao almoço, almoçava, bordava até ao jantar, e de-

pois até alta noite, curvada ao bastidor, e ia, á custa do seu tempo, á custa do seu descanço, á custa da sua saude, realisando aquelles maravilhosos arabescos de linha, cheios de desenho e caracter, que eu vejo sempre extatico, e nunca chego a perceber como se realisam!

Collaborou assim com a Madre Purificação em dois sumptuosos enxovaes para as filhas de um argentario da travessa do Ataíde, antigo negreiro, que iam casar com dois irmãos brazileiros riquissimos da rua da Emenda; e em poucas semanas achavam-se satisfeitos os caprichos de João.

Não tardou que os cem mil reis, que elle exigia, fossem entregues pelo snr. Isidoro, em quatro ou cinco prestações, ao filho prodigo.

O que nós todos devemos ás nossas mães, Santo Deus! que abysmo sem fundo não é um coração maternal!

Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie!...

XXVI

Voltemos um pouco atraz.

Quando sahiu do gabinete do Marechal, subiu João com D. Antonio de Castro pela rua do Oiro. Este indicou-lhe a porta do Catarro, na esquina sueste da travessa de S. Nicolau.

Era então o primeiro alfaiate de Lisboa. D. Antonio subiu com João, apresentou-o, e seguiu.

Ao entrar na segunda officina, um pouco envergonhado, encontrou-se João com o Visconde de Alfragide. Reconheceram-se.

— Olá! o meu joven amigo de hontem em S. Carlos!

— Snr. Visconde... de Alfragide (não é isto?) como está?

O mentecapto falou immenso, sempre na clave da má lingua, remecheu e comparou figurinos, propôz modificações, fez a cabeça em agua ao Catarro, José Maria, e ao Catarro, Agostinho, e, depois de ter visto João tomar medidas, ter-lhe escolhido fazendas, ter-lhe dado sentenças em tom de sargento instructor de recrutas, sahiram juntos pela rua do Oiro a cima.

Fôram direitos ao Passeio publico; estava um dia lindo; sentaram-se a uma sombra; conversaram muito. João contou ao outro o seu teor de vida, e prometteu apresental-o a sua mãe.

O Alfragide sympathisava com João de Sousa; não digo bem: gostava de encontrar uma especie de cliente, uma especie de pupillo, a quem facilmente dominaria, e que lhe serviria de pedestal, e de campo de exploração. Vendo-o em S. Carlos, no camarote de uma das senhoras mais nobres e consideradas de Lisboa, suppondo rico um rapaz ocioso mandado pela mãe

divertir-se á Capital, fez-lhe muitos offerecimentos, para motivar futuros pedidos.

A geração actual não conhece o Passeio publico, agradavel alameda de arvores, buxos, e flores, fundada em 1764, e que, desde então até que a destruiram, foi o enlevo e a alegria de uma população como a nossa.

Em Lisboa não havia, até áquella data, pontos de reunião publica, o que a tornava uma cidade bisonha e retrahida; veio o Passeio publico dar-lhe um desafogo commodo e elegante, abrir-lhe um jardim senhoril florído de mil cores, repuxado de aguas, sombreado de freixos, repartido de buxos, e, para maior encanto, enquadrado em muralhas altas tapizadas de hera, que isolavam os passeantes, e como que os afastavam para muito longe da Baixa. Essas muralhas foram depois substituidas por gradeamento.

Já alguem extranhou, em termos ironicos, que o auctor do presente livro, na minuciosa historia d'este vetusto logradoiro municipal, escrevesse algures ter saudades do Passeio publico. Singular extranheza! Pois não temos todos saudades dos amigos de infancia roubados pela morte? Pois não era um amigo de todos nós



O PASSEIO PUBLICO

aquelle jardim, que nos seus jogos de agua, nas suas sombras, na sua boa musica, na sua sociabilidade, nos acariciava a alma com um sorriso de luz?

Em 1852 e 1853 (sempre o direi ás gerações novissimas) tinha o Passeio foros de um grande salão, onde, sem convite, se encontrava cada semana, e no verão cada tarde, a melhor sociedade lisbonense, desde a Rainha, el-Rei D. Fernando, e os Principes, até ao mais modesto funccionario sequioso de ver gente e achar boa conversação.

A aristocracia, a litteratura, a elegancia, a politica, o elemento estrangeiro, tinham nas tardes do Passeio publico um agradavel prasodado, e as melhores bandas marciaes de Lisboa entornavam ali ondas de melodia, que nos dispunha bem.

A rua central, sempre varrida e fresca, sombreada de arvores colossaes e redoiças de flores, e orlada de cadeiras, foi, em tarde de grande concorrencia, primorosamente pintada n'um quadro celebre, pelo nosso bom pintor Leonel Marques Pereira, ha poucos annos fallecido com grande dor da arte nacional.

As illuminações estupendas de 1851, celebradas por José Isidoro Guedes em beneficio do Asylo da mendicidade, as outras illuminações que se lhes seguiram em varios annos, e que todos presenciámos, os concertos admiravel-

mente artisticos, que lá applaudimos, os fogos de vistas do José Osti, que lá contemplámos enthusiasmados, tudo isso forma parte da brilhante chronica d'aquélle recinto alegre, que tantos amores viu desabrochar, e tantas grandezas sociaes hospedou durante mais de um seculo.

Peço desculpa para esta digressão de *antiguidades* lisbonenses, e volto á narrativa.

A' sombra pois d'aquelles annosos e copados freixos, que todos vimos devastar, e substituir pela presumpçosa Avenida... (da coisa mais perigosa que tem entrado em Portugal), perorava o Visconde n'estes termos:

—Olha, meu caro João, porque tu permittes que nos tratemos por tu; eu só sei tratar assim os rapazes da minha classe, a quem estimo; olha, meu João, desenvolve-te! atira-te! nada de escrupulos! para fazer caminho n'este mundo de Lisboa, é precisa muita audacia, e uma certa fama de mau, que dá tom á fibra. Não te faças timido; anda para diante; deixa-te de preconceitos. Os preconceitos são uma especie de cueiros, que servem ás creanças, e que depois se deitam fora. Has-de ouvir lá aos teus dizer isto, aquillo, e aquill'outro, assim e assado, cosido e frito; deixa falar. Um rapaz é um rapaz. O que me acabas de contar do teu viver pacato, n'uma quinta isolada, sem companhia de rapazes, é horrivel. Tua santa mãe, já vejo que não co-

nhece este mundo, perdôe-me Sua Ex.ª. Faze como eu: ama, joga, diverte-te, gasta. Queres jogar? eu te levarei aonde o possas fazer. Sympathiso comtigo; sou teu amigo verdadeiro; considera-me um irmão. A respeito de mulheres, como vamos?

—Se eu ainda agora acabo de chegar!

—Tens rasão; havemos de pensar n'isso. Os conselhos que te pode dar o teu Conego hão-de ser sèdiços como elle. Conheço-o muito bem; é um masthodonte, um fossil. Rapazes queremse com rapazes. A Providencia não fez o sol, a mulher, o praser, senão para se gosarem. Deixa-te de bisonhices. Tens cavallo?

—Lá na quinta tenho um, mas não é um cavallo de marca, nem um bicho de preço para andar em Lisboa.

—Não importa; compras outro; talvez eu te venda um.

—Isso por ora não posso.

—Não podes? veremos. Esta noite vamos jogar ahi a uma casa de batota ao Loreto; verás. Has-de agradecer aos teus Santos o teremte feito conhecer este teu leal amigo. Onde moras?

—Na rua do Barão n.º 74.

—Lá te appareço. Eu moro no caes do Sodré, no hotel de Mme Langlet; tenho dois bons quartos, e quero ver-te lá. Vais? E hoje ás 8 horas espera-me no Marrare.

— Se o meu Conego der licença...

— Lá vens tu com o masthodonte! Deixa-te d'esses medos. Vae.

— Veremos.

*

Do Passeio foram ao Marrare tomar umas coisas.

Ah! os rapazes de hoje em dia tambem não sabem já o que era o Marrare; que lastima!

Era, a meio do Chiado, um caffé com foros de sala elegante sempre, e de academia ás vezes. As duas portas hoje n.os 58 e 60 do Chiado... (até este nome antigo já lá vai; mudaram-n-o para *rua Garrett*, não se sabe bem porquê; o grande poeta, se o consultassem, reprovaria, em verso e em prosa, semelhante... tolice), as duas portas n.os 58 e 60 eram as do concorrido botequim Marrare; recinto não vasto, mas sortido de tudo quanto havia no artigo nectares, desde o Porto velho e o Xerez, até... muitos e variados licores, a que não sei o nome, e muito menos o sabor.

Toda a mobilia era de polimento, isto é as mezas, as cadeiras, e as estantes envidraçadas que recobriam as paredes, e em cujas prateleiras se enfileiravam, com os seus letreiros vistosos, milhares de rutilantes garrafas, com o aprumo com que os volumes mais escolhidos

se perfilam n'uma bibliotheca de luxo. E' dizer que estes cá tinham... mais espirito que os outros.

No caffé Marrare *do polimento*, que era o seu titulo, só se encontrava gente de distincção; singular coisa, mas verdadeira. As portas não estavam abertas? estavam sempre; mas d'aquellas soleiras a dentro não penetravam certas companhias, que povoavam outros caffés. Porquê? E' impossivel dizer porquê; basta notar o facto.

A proposito:

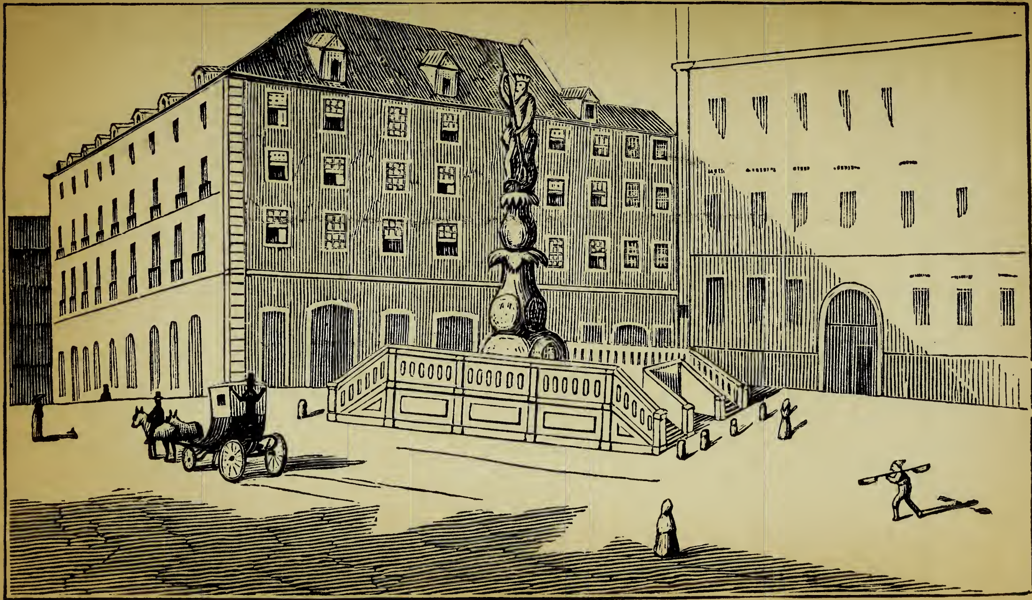
No Gremio Litterario havia, e talvez haja ainda, uma sallinha, onde se reuniam, por costume, todas as noites, uns oito ou dez amigos, para cavaquear entre o jantar e o theatro. Cavaco bellissimo, *chispeante*, como dizem os Castelhanos; mas só para os taes oito ou dez iniciados. Riam ás vezes a perder com as historietas que ali se contavam; e cá fora, nos corredores e nas outras salas, escutavam-se estrallar as gargalhadas dos taes conversadores, alguns de vinte e quatro kilates. As portas estavam patentes, e as salas pertencem a todos os socios. Algum socio mais boçal, ou mais curioso, tentou, uma vez ou outra, penetrar sorrateiro n'aquelle invejado recinto de privilegiados chamado a *botica*. (A *botica* porquê? certamente porque nas boticas de aldeia é que ha o bom cavaco, e Lisboa é uma aldeia). O tal socio via

as portas abertas, entrava, usando dos seus direitos, comprimentava, e sentava-se. Apenas tomava logar, os oito ou dez calavam-se de repente. O intruzo torcia-se, sorria comprommettido, tossia, e tinha que sahir. Mal o viam pelas costas, recomeçava o cavaco, ateavam-se as labaredas, repenicavam de longe as gargalhadas. E ninguem nunca jámais metteu dente com os *boticarios;* era uma maçonaria de nova especie, um quadrado de bayonetas, inexpugnavel.

Assim foi no Marrare, ainda está para se saber porquê; mas ali não penetravam intruzos. O Marrare era para os elegantes, como o Parlamento é para os eleitos, como o Conselho de Estado é para os Conselheiros de Estado, como a Camara Municipal é para os Vereadores, como a Academia Real das Sciencias é para os socios. Sim, o Marrare era exclusivamente para os elegantes, ou das lettras, ou da politica, ou da vida airada. A não serem elles, a convenção tacita dos usos sociaes não admittia lá mais ninguem.

*

Tambem, a rua onde se abria aos seus escolhidos o celeberrimo botequim aristocratico, ufanava-se de ser a rua aristocratica por excellencia. Desde o chafariz do Loreto até ao *Espirito Santo* (como ainda se disia), isto é:



O CHAFARIZ DO LORETO

desde a actual *Casa Havaneza* até ao palacio Barcellinhos (como hoje dizemos), o aspecto dos predios e das lojas representava em Lisboa o que havia melhor no genero.

Era o chafariz do Loreto uma edificação de bom aspecto erguida sobre escadarias. Dominava os tanques inferiores um pedestal bem lançado, sobre o qual torrejava com ar soberano uma bella estatua de Neptuno agitando o tridente, e imaginando-se ainda senhor da conquista, navegação, e commercio do mar Oceano. Comtudo não passava de um Neptuno de agua doce, e para uso dos aguadeiros, cuja algazarra era tão perenne como o caudaloso correr das bicas. Pobre Neptuno! demolido o chafariz, foi elle entregue á Companhia das aguas, que o possue nos Barbadinhos. Não tem, ainda assim, muito de que se queixar o deus dos mares, porque se até então só presidia a uma fonte, preside hoje a todas as fontes, bicas, chafarizes, e repuchos municipaes. De simples chefe de repartição, foi promovido a director geral... mas sempre de agua doce.

A sociedade que enxameava o dia inteiro a encher barris em volta do Neptuno do Loreto, foi com muito acerto banida d'ali para fora; não primava na compostura da loquella; era o que se conhecia de mais *nephelibata* na eloquencia e na civilidade.

. . . .

*

Ora a companhia que se reunia no Marrare era o perfeito contraste d'isso. Tudo quanto Lisboa contava de melhor nas phalanges da polidez frequentava o Marrare.

La se via Garrett, Antonio Pereira da Cunha, Luiz Augusto Rebello da Silva, Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos (depois Visconde de Nogueiras), José de Avellar, o Barão de Almeidinha, Pedro Jacome Corrêa, José Maria Grande, José Vaz de Carvalho, Raymundo de Bulhão Pato, o Marquez de Niza, Antonio Xavier Teixeira Homem de Brederode, Antonio Pedro Lopes de Mendonça, o Conde de Mello, Thomaz de Carvalho, o Barão de Almeirim, João de Lemos de Seixas de Castello-branco, José Estevam, D. João de Meneses, o Conde do Carvalhal, o Conde do Farrobo, o Conde da Lapa, o Conde de Mesquitella, D. Antonio da Costa, e D. Pedro, seus irmãos, D. Carlos Mascarenhas, D. Martinho de Almeida, José Perestrello de Vasconcellos, Geraldo, e José Augusto Braamcamp, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Antonio de Mello (depois Marquez de Sabugosa), o Marquez de Penalva, Duarte, e Francisco de Sá, D. José Machado de Castello-branco, D. Alvaro Romo, e quantos mais, hoje mortos!

*

No Marrare, pois, se installaram a beber, o Visconde de Alfragide e João de Sousa; e perguntava o Visconde:

— Mas olha lá: quem amas tu? lá no teu sitio não ha saloias bonitas?

— Isso ha.

João contou por alto os seus amores, as esquivanças e a seriedade d'ella...

— Historias, meu amigo. E adeus por agora. Faz-me dó ver-te tão prezo. Precisas reformar a tua guarda-roupa, e comprar certas bagatellas indispensaveis a um sujeito na tua posição: um bonito relogio, bengalas, botões, muitas luvas, gravatas, etc. Vamos a isso. Adeus, meu João.

— Adeus, Visconde; agradeço-te immenso o que me dizes.

— Olha que é bem do coração. Adeus. Tenho um *rendez-vous* ás 3 horas da tarde.

Abraçaram-se, e separaram-se.

*

João, o ingenuo, sentia por elle incondicionada admiração.

As neves da sua simplicidade de camponez

iam começando a querer desfazer-se; raiava sobre ellas um sol creador; esse sol era a palavra, era o monoculo do Visconde de Alfragide.

João ainda pensava em sua mãe, mas via-a muito longe, muitissimo longe; pertencia, por que assim o digâmos, á historia da sua meninice. Agora sentia se homem. A ingratidão innata no coração humano obrigava o a ver em sua mãe só uma especie de feitora, uma administradora activa e intelligente do que lhe pertencia a elle.

Beatriz, essa apparecia-lhe como um devaneio infantil; parecia lhe impossivel que, na sua posição de rapaz nobre, com o seu nome herdado, com o seu ar, com as suas futuras casacas do Catarro, elle, um frequentador de S. Carlos, tivesse, um momento sequer, pensado a serio n'uma saloiasita dos Pombaes!

A modestia, o resguardo, que tinham sido os alicerces da sua educação antiquada, pareciam-lhe erros graves commettidos pela tacanha intelligencia materna.

Se ser gastador, jogador, peralvilho, e má lingua, eram crimes, como é que um maledicente, um peralvilho, um petulante, um jogador, um perdulario, um Alfragide, emfim, era tão amavelmente recebido na mais alta sociedade?

Os conselhos de D. Maria do Rosario, as admoestações do Conego, figuravam-se-lhe com

effeito coisas obsoletas, sédiças, contraproducentes.

Amar sentimentalmente uma saloia era ridiculo; tornava-se indispensavel dar á sua paixão uma forma *pratica.*

Alfragide erguia-se aos olhos de João como a rasão moderna, e o bom senso do seculo. Protestou o neophyto seguir tão admiravel preceptor. A verdade é que o Visconde abria-lhe mundos novos; e o pobre Conego, esse levava-o ao jardim da Alfandega, onde só passeavam uns caturras, e tencionava conduzil-o ao *cassino* das Escolas-geraes. Profundissimo contraste.

XXVII

A' noite, com o pretexto de comprar uma bengala, sahiu João de Sousa, com licença do Conego; este desejava leval-o n'essa noite á recepção semanal de Luiz de Refoyos; mas cedeu, por prudencia, e para não parecer tyranno. Triste, mas resignado, dirigiu-se á noitinha para as Escolas-geraes, com o seu capote de gola, o seu chapeo ecclesiastico, a sua bota de borla, e o seu Barnabé. Era nas Escolas-geraes uma das sessões ordinarias.

*

Aqui está um dos casos, em que o adjectivo *ordinario* apresenta a accepção de usual. As recepções da casa dos Refoyos eram pobres, comparadas com as do Club Lisbonense, com as do Marquez de Vianna, com as da snr.ª D. Maria Victoria de Lancastre, com as da Assemblêa ingleza da Horta secca, com as do Marquez de Fronteira, em Bemfica, ou com as do Conde do Farrobo, nas Laranjeiras; sim, mas eram distinctissimas.

A maneira cordeal, por que ali se era recebido, o ar antigo e bom do Portugal velho, que ali se respirava, os usos tradicionaes de um passado extincto, ali conservados, a ideia nobre e desinteressada de um culto perenne ao sol poente, ali adorado, eram outras tantas condições para o respeito de todos, amigos ou adversarios.

Tres sallinhas seguidas; mobilia murcha, e antiquada como a Sé; o Infante de Sagres não digo, mas os contemporaneos d'el-Rei D. José, tinham-n-a visto com certeza.

Nas paredes, caiadas de branco, um retrato do senhor D. Miguel, a oleo, vestido de generalissimo e manto de arminhos; a gravura dos Arcos das aguas livres e a da Batalha, pendentes de cordões de seda com um laço; esteira na

segunda sala, alcatifa velha na terceira, e um piano de cauda com embutidos; chá delicioso, á antiga portugueza; conversação mança, benevola, religiosa; em tudo, finalmente, um ar resignado e sereno. Odios particulares ou politicos, não os havia n'aquella casa; pairava no ar uma saudade não se sabia de quê.

Para entreter, jogava-se o voltarete e o cassino, e esperava-se tranquillamente por melhores dias, que não podiam faltar, «quando o senhor D. Miguel acordasse, quando o *partido* levantasse a fronte,» e quando o regimen absoluto, temperado pela bondade portugueza, voltasse a imperar, sem represálias, no Portugal de Affonso Henriques.

Aguardando isso, as tres senhoras começavam as phrases por *ai*, e o Vice-Rei Luiz de Rofoyos dizia *caspitè*. Recebiam duas duzias de pessoas, vinha de quando em quando o senhor Nuncio, jogava-se barato, e o D.or Netto, pacatissimo cá fóra, desabafava em rabinices ao jogo. Tudo boa gente, e honrada, que é o essencial.

Eis ahi em dois rasgos de penna o que eram as reuniões das Escolas-geraes. Oh! que adoravel quadro de um Portugal que foi! era a ruina, a crença firme, a indelevel saudade, e a fé em Deus.

*

Basta. Em quanto os parceiros, quasi todos

realistas da gemma, e todos mortos hoje, revolviam as cartas, e discutiam, João, lá ao longe, comprava uma bengala no Chiado, encontrava no Marrare o seu mentor, seu novo e prestante amigo, e começava com elle a exploração methodica da Capital.

Poupo ao leitor, e sobretudo á leitora, a narração d'essas explorações. Como introductor e apresentante, o sugeito era famoso. O piloto da barra do Tejo, quando lá fora, á vista de Cascaes, sobe da lancha para bordo de uma nau ingleza de tres pontes, a fim de a dirigir, elle só, entre o aparcelado canal de Entre-torres, nunca tomou ares mais vangloriosos do que o Visconde ao assumir a tutoria de João.

Deixemol-o exhibir na sombra da noite os seus talentos no genero; basta-nos dizer, que n'uma casa de jogo aonde levou o seu pupillo, este ganhou quarenta libras, que lhe souberam muito bem, e lhe avergaram a algibeira.

Alfragide ficou sendo um grande e poderoso homem. A' luz d'aquelle oiro, a fronte loira e virginal de Beatriz desvanecia-se cada vez mais, como o rosto pallido da lua ao raiar da madrugada.

Oh! pobre Paian! como estavas longe! a chorographia era uma mentira; a serra da Luz erguia-se a cem leguas de Lisboa.

*

— O' João, coisa exquisita! estou sem dinheiro — dizia o Alfragide ao moço quando sahiam da casa de jogo; — emprestas-me trinta libras?

— Com muito gosto; toma-as lá.

E separaram-se.

XXVIII

A snr.ª D. Maria do Rosario continuava a ir quasi todos os dias ver Beatriz, a quem dedicava entranhada sympathia. Com o sexto sentido que teem as mães, percebia esta mãe exemplar, que era Beatriz a causa da tristeza do mancebo; e como estudára a fundo o caracter da moça, convencia-se da nenhuma culpa d'ella. Tinha supposto que bastaria uma separação de poucas semanas para repôr João nos seus eixos; e com effeito, a carta recebida assegurava-a do estado prospero e descuidoso d'aquella alma juvenil. Ao mesmo tempo, como a enfermidade de Beatriz provinha da affeição que ella sentia ao joven caçador, entendia a mãe ser seu dever moral não desamparar a doente.

A mãe Graça, nos intervallos das suas pesadissimas tarefas ruraes, tratava de Beatriz, mas

sem ponctualidade. A rapariga ficava quasi sempre abandonada, e sósinha no seu quarto, virginal como a sua alma.

N'essa alma affectuosa passava uma tormenta feroz. Sabendo João em Lisboa, ralava-se Beatriz com ciume de Patrocinio, e de outras fidalgas, que nem de nome conhecia, mas que entrevia com a sua imaginação de mulher amante e apaixonada. Vingava-se em resar muito, não por si mas por elle, pedindo ao Crucifixo mil coisas que ella nem sabia formular, e entretendo com o registosinho da Senhora de Nazareth santas confidencias mudas de filha com sua mãe. Tinha por certo que se aluira para sempre a sua ventura n'este mundo. Nem comsigo mesma aquella humilde neta das lavoiras se atrevêra nunca a armar castellos no ar; nunca ousára admittir uma união legitima com o nobre senhor da quinta de Santo Antonio; de outro genero... oh! ainda menos! O que a namorava, o que a prendia, era a ideia de o poder servir como escrava, de lhe dedicar de longe o seu coração puro, de o ajudar, de o estimar; nada mais do que isso, porque ella bem sabia ser uma triste camponeza; mas esse pouco, se se podesse realisar, era tanto para ella!

Se ao menos lograsse entrevel-o, como outr'ora, quando elle galopava a cavallo pela estrada! quando o sentia na serra, com os cães,

á caça das perdizes! quando elle passava com a mãe para a Missa em Odivellas!!... Nada; absolutamente nada. Tudo isso era um passado morto, morto para sempre. Chorava Beatriz lagrimas amargas, lagrimas que tinha de esconder, lagrimas sem esperança, que são as mais horrorosas das lagrimas.

O medico ia todos os dias, e mostrava-se cuidadoso. Era um velho, um pratico, cheio de caridade para os pobres.

Percebeu, com a sua sagacidade de experimentado, que esta doença, que elle para si classificava de *anemia aguda grave*, provinha em parte do excesso das lidas caseiras a que se entregava a moça; em parte, das más condições hygienicas da casa, humida e fria; em parte, da insufficiente alimentação da pobre familia; e farejava tambem que alguma violenta excitação psychica entraria como factor; suspeitava de qualquer affeição violenta. Lesão, não encontrou nenhuma, pelo menos manifestada, no organismo perfeito e robusto d'aquellas dezasseis bem logradas primaveras. A causa determinante, quanto a elle, era moral. Dizia comsigo:

— Ha casos em que a sciencia nada pode; o tratamento de certas doenças, não o indicam os livros.

Aquella crescente pallidez, que de semana para semana se ia accentuando, a crescente debilidade muscular, a anormal sensibilidade ás

intemperies, as palpitações, a tendencia para syncopes quasi repentinas, tudo eram, quanto ao previdente medico, symptomas *physicos* de uma affecção *amorosa.*

Perguntou uma vez:

— O' snr.ª Maria, diga-me uma coisa: sua filha gosta de alguem?

— Eu não sei, snr. Doutor; a bem dizer, nunca lhe conheci *aquella* para nenhum rapaz.

— Veja lá.

— Já me lembrei do Gaspar, filho do Romão padeiro; mas, esse, coitado, nunca vem aqui, e até oiço agora que está para casar.

— E algum outro?

— Não sei, snr. Doutor; ella nunca via ninguem.

O tratamento continuava, mas o mal não diminuia.

*

Um dia mandou a snr.ª D. Maria do Rosario pedir ao medico o favor de apparecer quanto antes na quinta de Santo Antonio.

Lisboa n'esse tempo era medicamente dirigida pela lettra *B.* Notava se, com graça, que os primeiros medicos da alta sociedade da Capital começavam por *B* os seus illustres nomes: Barral, Bernardino Antonio Gomes, Baêta, Benevides, Beirâo, Brignole, Barradas, Ba-

rão da Silveira, Bizarro, e talvez algum outro que me esquece. O medico de Odivellas não sei em que lettra do alphabeto se achava aquartelado; sei que, pela sciencia e pelo tacto scientifico, merecia hombrear com aquella illustre pleiade de academicos, e ser designado como bom, beneficente, bemquisto, e benemerito.

Apresentou se sem demora ao chamamento.

— Que manda V. Ex.ª?

— Peço ao snr. Doutor um favor muito grande, e é de me dizer como está aquella pequena que trata nos Pombaes.

— A Beatriz?

— Justamente: a Beatriz.

— Muito mal, minha senhora.

— Muito mal?! mas é de gravidade aquillo?

— E' de certo.

— E sem esperança?

— Perdão: V. Ex.ª sabe: eu sou medico; mas sou, primeiro que tudo, christão. Assim fui creado, assim espero morrer. Quanto mais estudo, mais admiro o poder e a grandeza de Deus: no que entendo, e no que não entendo; no que vejo, e no que suspeito. Curvo-me sempre. Portanto: dizer peremptoriamente, como alguns collegas meus, *isto é desesperado*, nunca digo senão em ultima extremidade. Porquê? porque tenho visto, em occasiões que reputâmos perdidas, manifestar-se, clara e innegavel, a interferencia de Deus, com assombro meu, e de

outros praticos que valem mais do que eu valho. São milagres? deixam de o ser? Não entro n'essa apreciação; o que digo é que, no estado actual da sciencia, não se podem ás vezes explicar só pela sciencia tal qual a fizemos, e só pela natureza tal qual a conhecemos, certos reviramentos que ha nas doenças, mudanças que de todo não previamos, não podiamos prever, nunca nos atreveriamos a predizer, mas que se dão algumas vezes. Eu, minha senhora, que não sou materialista, e creio na bondade illimitada da Providencia, digo de mim para mim: «A Providencia estabeleceu leis, que todos reconhecemos e admirâmos; pode pois, se quizer, derogal-as, ou alteral-as, é claro, já no interesse do individuo, já no da especie.» A essas derogações chamam *milagres*, á falta de outra expressão; em latim *miracula*; quer dizer: factos admiraveis, assombrosos. Assombrosos para nós, que somos pequeninos; naturaes e faceis para a Divina Omnipotencia. Ora, minha senhora, no caso de Beatriz, caso grave, não me atrevo ainda a desesperar; e ao mesmo tempo, não me atrevo a esperar melhora se as condições não mudarem.

— Quaes condições?

— Eu digo:

1.ª — O alimento. Esta gente baixa do campo alimenta se geralmente mal. Ha muito dispendio de forças physicas, e reparação tonica in-

sufficiente. Isto em toda a parte, mas n'aquella familia com especialidade.

2.ª — A residencia. A casa que os paes de Beatriz habitam é humida, fria, e mal exposta. Chega-lhe a humidade do tanque, do poço, e da horta, em primeira mão. Chega-lhe o ar viciado das estrumeiras, mal collocadas, e das arribanas, mal tratadas. Tudo isto é serio em organismos já empobrecidos.

3.ª — O moral. Eu julgo esta pobre creança victima de uma paixão amorosa, que não conheço, que a propria mãe não conhece, mas que existe, quanto a mim; e n'isso nada posso.

— Muito bem, Doutor; e se eu trouxesse Beatriz para minha casa?

— Era optimo; nada se perdia em tentar, melhorando as duas primeiras condições.

— Pois vou tentar.

XXIX

Ia a sumir-se o pallido outomno com a sua triste carranca de exilado.

As arvores despidas, as vinhas amarelladas, tudo dava á natureza uma feição mortiça e morbida, que dizia bem com as melancolias do pobre casal.

Sentada n'uma cadeira de braços emprestada por D. Maria do Rosario, Beatriz descorada e

emmagrecida, levada parà ali pelo braço robusto da mãe, gosava o ar amoroso da tarde, n'um terracinho empedrado e orlado de alegretes, que ao rez do chão corria sobre a horta, dominando o phantastico e socegado pano de fundo da serra da Luz.

Cahia a tarde; tintinavam por longe as campainhas de um rebanho; as vozes das lavadeiras no rio cortavam o silencio, e os sinos de Odivellas n'um repique luminoso e argentino annunciavam aos fieis que no dia seguinte era dia santo.

A moça, com os pés sempre frios embrulhados n'um cobertor, que a resguardava até á cintura, com um lenço branco em volta do rosto, parecia dormitar; comtudo, quem podesse espreitar-lhe para dentro da alma veria as chammas ateadas de um vulcão interior, vulcão disfarçado em calmaria apparente, como o Vesuvio se esconde nos viçosos laranjaes da campanha de Napoles.

*

Chegou subtilmente D. Maria do Rosario, afagou-a, e beijou-lhe a testa, conchegando-lhe carinhosa o cabello para dentro do lenço, e o cobertor em volta dos pés; e murmurou, como falando comsigo:

— Sempre só! isto não póde ser.

— Ella sentiu-a, e disse apenas, acordando do seu torpor:

— Minha rica senhora!...

— Sou eu, sim.

E sentou-se n'uma cadeira de pau ao-pé de Beatriz.

— Ainda bem! — suspirou a enferma.

— Como te sentes, minha filha?

— Eu, minha senhora? sinto-me bem — respondeu em voz debil e melancolica.

Ficaram caladas.

— Tua mãe?

— Creio que foi dar de comer aos coelhos; coitadinha! o que ella tem trabalhado! e eu que não a posso ajudar!

— Deixa estar, Beatriz; tudo se ha-de arranjar, querendo Deus; socega, e põe-te boa; é o que nós queremos.

— Muito obrigada, minha senhora.

E fechou os olhos.

— Olha, sabes? ando a pensar n'uma coisa.

— Em quê, minha senhora?

— Em te levar para Santo Antonio.

— A mim?!

— Sim, a ti, pois então? Tu aqui estás muito isolada; teu pae e teus irmãos são homens, teem os seus trabalhos, vão á praça, e não teem geito nenhum, nem occasião, para tratar doentes; tu estás sempre só, e não tens o tratamento seguido que precisas. Queres ir estar um tempo comigo?

— E se...

Calou-se.

— Se quê?

— Eu queria dizer: se o menino João por ahi vem? — E dizia isto com uma voz aterrada, e ao mesmo tempo vibrante de amor.

— João está em Lisboa, tem o seu emprego, e não vem cá tão cedo; não vês como se esqueceu de mim? não tenho remedio senão ir lá vel-o um dia d'estes. Mas ainda que elle apparecesse, que tinha isso?

— Não tinha nada — respondeu Beatriz mançamente fechando os olhos.

— Não tinha nada, não; tu vais para aquelle quarto muito alegre ao-pé do meu, sabes? antes do côro da ermida.

— Sei, sim, minha senhora.

— Pois ahi está; vou fallar n'isso a tua mãe.

*

Na manhan seguinte a boa senhora, e Maria da Graça, acompanhavam, uma de cada banda, precedidas de um creado, o burrinho em que a propria D. Maria veio buscar a moça. Muito embrulhada e acarinhada, chegou perfeitamente á quinta de Santo Antonio, e foi installada no seu quarto, com o Crucifixo, mais a Senhora de Nazareth pendurados á cabeceira;

. . . .

a inseparavel medalha da Senhora do Amparo pendia-lhe sempre ao pescoço.

Em Santo Antonio pareceu Beatriz renascer. Teve uma bafagem de saude.

Respirar os mesmos ares onde costumava viver João, ver vestigios d'elle, o seu capote pendurado lá fora, os seus chapeos de campo, as suas botas grandes de montar pendentes ainda com as esporas na parede de um quarto interior, ouvir rinchar o cavallinho preto, fazer festas aos cães que elle tanto affagava, tudo isso foram para Beatriz delicias sem nome. Além d'estas influencias moraes, houve as physicas. O tratamento certo e a horas, o alimento apropriado, o conforto, o carinho, fizeram milagres; a doente começou a melhorar.

E dizia D. Maria do Rosario dias depois:

— Não vês o que eu te promettia? estás melhorzinha.

— Devo tudo a Deus, e a V. Ex.ª

Maria da Graça ia ver a filha quasi todas as noites, e descançava na intenção maternal e santa da sua nobre amiga.

Assim correram quinze ou vinte dias.

XXX

N'esses quinze ou vinte dias extranhas coisas se passaram em Lisboa. João de Sousa deitava

as mãosinhas de fóra, e amargurava a existencia do Conego. Lisboa envenenava aquelle coração fraco.

A verdade é que uma cidade d'estas, com as suas perigosas companhias, não é para se apresentar assim de repente a uma alma noviça. A grande vida tinha dado na fraqueza ao camponez.

Jã não parecia o mesmo. Vestido a primor, com ar desenvolto imitado do Alfragide e outros, frequentando os theatros, e jogando, evitava, por semsabores, certas reuniões de realistas serios, aonde costumava ir o Conego.

Visitou, apenas por comprimento, as senhoras Lancastres e as senhoras Refoyos, e preferia a essas sociedades distinctas e graves outros entretenimentos.

Ia pelas 11 horas para a Secretaria, copiava umas coisas, começava a perceber as differenças que ha entre um officio, uma nota, e um despacho, mas Alfragide ia buscal-o, e acabava-se o dia em folias tristissimas.

O jogo deu bastante no principio. Aquellas casas preparam o terreno aos incautos, dandolhes primeiro a ganhar cem, para depois lhes roubarem mil. João ganhou, emprestou ao Alfragide, que não restituiu, tornou a ganhar, tornou a emprestar, depois começou a perder. Vendeu relogio e joias que tinha comprado, sacou dinheiro sobre a mãe, que lhe mandou o

pouquissimo que poude, pediu emprestado aos amigos, encalacrou-se.

O Conego, sem aliás saber tudo, amargurava-se, admoestava-o suavemente, mas não era attendido; e uma vez ou outra em que João mostrou desejo de ir ver sua mãe, o proprio mentor cohibiu o d'isso, com um pretexto qualquer, pois temia encontros amorosos com a tal rapariga, que lhe mettia tão grande susto.

*

Voltemos ao Ministerio dos Negocios estrangeiros, que era então na esquina do Terreiro do Paço para a rua do Arsenal (se assim se pode chamar aquelle fragmento de rua que liga o Terreiro com o Pelourinho):

Não posso deixar de contar aqui um caso verdadeirissimo succedido entre João, e o seu Ministro. Querem ouvir?

Era Ministro dos Estrangeiros o celebre poeta Visconde de Almeida Garrett. Como todos sabem, dava-se muito este notavel homem com a familia Palha, então moradora a Santa Apollonia, no palacio da esquina da travessa de Lazaro Leitão, que pertencêra aos Senhores de Pancas. João de Sousa frequentava tambem esse centro; e as amabilissimas senhoras Palhas, amigas antigas, e creio que parentas, da

snr.ª D. Maria do Rosario, mostravam-se muito affeiçoadas ao priminho.

Antes de proseguir, preciso declarar que no mundo *burocratico* reinam umas intransigencias dos velhos para com os novos, umas aristocracias bolôfas dos antigos para com os recem-chegados. Empregado subitamente collocado pelo favoritismo governamental n'uma secretaría, experimenta da parte dos collegas, já desde muito abancados ás carteiras, umas sobrancerias inexplicaveis. Paira no ar um ponto de interrogação, que pergunta:

— Quem é este intruzo?

João não poude escapar á lei geral; na Secretaría foi, não digo mal visto, mas visto por cima do hombro, isso com certeza.

Quando Garrett appareceu uma noite, como costumava, em Santa Apollonia, pediu João ás senhoras Palhas quizessem Suas Ex.ᵃˢ recommendar ao Ministro o seu novo amanuense supranumerario. Essas boas senhoras assim o fizeram, apresentaram-lhe o moço, e disseram, logo que o rapaz se afastou:

— Nada pedimos a V. Ex.ª para o nosso primo, senão uma coisa: dê-lhe consideração. Elle é praticante apenas; lá não fazem muito caso d'elle, e isso incommoda-o.

— Deixem estar, minhas senhoras; deixem V.V. Ex.ᵃˢ o caso por minha conta; já percebo a especie—respondia Garrett sorrindo com finura.

No dia seguinte, no salão enorme, e unico, onde se reunia, presidido pelo bufete do Official maior Secretario geral, todo o pessoal do Ministerio, achava-se cada qual á sua meza, no silencio dormente d'aquelle vasto recinto pombalino, em cujo tecto se viam as Armas Reaes rodeadas das tres Ordens militares (por ter sido ali a séde do antigo tribunal da Meza da Consciencia e Ordens). Chega um continuo á meza do amanuense João de Sousa, e diz:

— Snr. Sousa, S. Ex.ª o Ministro manda-lhe pedir que chegue ao gabinete.

— A mim!

— Sim snr.

Caso inaudito! um Ministro chamar um amanuense! Todos os collegas, grandes e infimos, olharam uns para os outros.

João levantou-se, e apresentou-se no gabinete do Visconde de Almeida Garrett.

— V. Ex.ª mandou-me chamar?

— Mandei — responde o grande homem com o seu ar emproadamente affavel.

— E que ordena V. Ex.ª?

— Desejo saber como passou desde hontem.

— Eu? muito bem; obrigado a V. Ex.ª — respondeu João pasmado.

— Estimo; pode retirar-se.

Voltou ao seu logar entre o espanto de todos os olhares burocraticos. Esses olhares interrogavam:

— Que significa isto?

D'ahi a uma hora, torna o continuo:

— Snr. Sousa Teixeira, S. Ex.ª o Ministro manda o chamar a toda a pressa.

Augmentou o espanto. João correu.

— Que deseja V. Ex.ª?

— Desejo muito saber onde tenciona ir esta noite.

— Tenciono ir a S. Carlos.

— Faz muito bem. O que dão?

— O *Macbeth*.

— Bella opera! Pode se retirar.

A entrada de João foi quasi um triumpho. Todos os olhos exprimiam veneração.

Esta innocente manobra repetiu se de vez em quando, nos dias seguintes, e bastou para levantar a cotação dos fundos do mancebo. Julgavam-n-o todos um valído, um personagem, um poderoso, um trunfo. D'ahi avante todos o comprimentavam, o consideravam. Creio que talvez o proprio Secretario geral se desbarretava quando o via.

O mundo é assim. El-Rei D. João II, com duas palavras banaes que dirigiu a um mercador, em plena rua Nova, salvou-o. Garrett era o Rei, e a sala da Meza da Consciencia era a rua Nova.

*

Uma noite, trepou João a um pobre terceiro

andar, lado esquerdo, que habitava na rua Direita do Loreto, mesmo defronte da rua do Norte, o snr. Isidoro com uma creada.

Sabe o leitor onde isso ficava? na face septentrional do grande parallelogrammo chamado então *casebres do Loreto*, e hoje, demolidos elles, a praça de Luiz de Camões. Esse quarteirão de baiucas de variados tamanhos e feitios, era nada menos que os restos do antigo palacio historico dos Marquezes de Marialva. Ainda apresentava para o largo das Duas Egrejas uma parte da frontaria, com collossaes sacadas, cunhal, brazões, portão, etc. O terremoto de 1755 poupára isso apenas; o mais sobre a rua do Loreto, a travessa dos Gattos, e a rua da Horta secca, era um agglomerado de ulteriores construcções, sem nexo, onde vivia muita gente de poucos meios. Pittoresco, mas pobre tudo aquillo; ficava mal no sitio mais povoado de Lisboa. Foi a baixo, e pouco se perdeu.

Subindo, como acabei de dizer, ao modestissimo terceiro andar do pobre Isidoro, foi João introduzido e bem recebido.

— Meu caro snr. Isidoro, mal sabe o que me aqui traz.

— Dirá, snr. Joãosinho.

— E' segunda feira; esteve hontem, de certo, com minha mãe.

— Estive, sim snr.; está bem.

— Estimo de veras. Diga-me uma coisa: mi-

nha mãe deu-lhe provavelmente um dinheiro para a decima que se paga agora?

— Deu.

— Pois eu lhe conto: preciso urgentemente esse dinheiro; dá-m'o? eu o restituirei d'aqui a dias.

— Perdão, meu caro menino, essa quantia não é minha.

— Mas é minha.

— Tambem não; um menor nada tem. Sua santa mãe entregou-m'a para determinado fim, que hei-de cumprir.

— Visto isso desconfia de mim?

— Não snr.; mas não posso, não devo, e não quero, dispôr do que não é meu.

— Então hei-de ficar assim?

— Como quizer; o menino é uma creança; mas se se tratasse de dinheiro meu...

— Confia-a-m'o?

— Confiava, e confio. Tenho dez libras de que posso dispôr. Tenho muito gosto em ser util ao filho do snr. Roque de Sousa. Ellas aqui estão.

João recebeu, agradeceu, e sahiu. Isidoro sentia-se feliz em prestar este serviço indirecto á snr.ª D. Maria do Rosario.

João foi jogar, e ganhou.

N'estes altibaixos ia passando a existencia do moço.

*

A snr.ª D. Maria Victoria, as senhoras Refoyos, e outras, admiravam-se do teor de vida em que o viam, apparecendo na platêa superior de S. Carlos, e tendo quasi sempre sege por sua conta; e diziam:

— Ou a Rosario está muito rica, ou endoideceu, coitadinha.

O Conego, esse arrepelava os poucos cabellos que lhe restavam de maior quantia. Teve com João varias conferencias, por saber que modesta mezada lhe mandava a mãe; mas sahia sempre escalavrado e tremulo dos seus colloquios com o pupillo. João insurgia-se contra o *masthodonte*, e ameaçava-o de fugir para um hotél.

Tal é o poder do mal n'uma alma nativamente boa. Tal é a influencia da companhia dos pervertidos nos corações fracos e inexperientes.

*

D. Antonio de Castro sentira uma grande dor com a recusa formal de Patrocinio. Homem pratico do mundo, disfarçára porem, até mesmo aos seus proprios olhos; e, como vimos, mantinha com as duas senhoras relações de socieda-

de e parentesco. Entretanto, o espinho pungia-lhe ainda o coração.

Gostava immenso de sua nobre prima; o caracter d'ella, a sua bondade, a sua muita religiosidade, eram fiadores mais que sobejos da ventura que por ella Deus havia de dar ao feliz que a levasse por mulher. De João, que era uma creança, já pouco receava, ou nada, visto ter estudado por seus olhos as relações fraternaes entre os dois. Começou a alimentar uma nova esperança.

Apesar de conservar entre algumas senhoras piedosas a reputação de *espirito forte*, mantinha D. Antonio todo o cunho da educação religiosa que recebêra. Tendo fraquejado em Coimbra, na presença da ridiculissima attitude de alguns condiscipulos *hostís á Egreja*, nunca se deixára comtudo arrastar a certos desmandos, com que esses taes julgavam elevar-se, e adquirir foros de homens de genio. O seu culto limitára-se a ser negativo; já era meio caminho andado; deveu isso ás recordações da palavra de sua saudosa mãe.

O amor que dedicava a Patrocinio de Lancastre, a vista d'aquella rapariga tão educada, e tão crente, chamou-o outra vez ás ideias sans. A pouco e pouco, só para a vêr, frequentou as festas da liturgia; leu explicações religiosas; sentiu se renascer. A Religião deu-lhe uma energia nova; e no homem fundamental-

mente bom appareceu o homem intimamente christão.

Tudo vem do primeiro impulso. O amor de nossas mães é a nossa força.

XXXI

Fazia annos (não sei quantos; é indiscreto perguntarem-me semelhante coisa) a snr.ª D. Maria do Resgate de Refoyos, dia em que sempre era mais concorrida a reunião das Escolas-geraes. Chuva, se Deus a dava! as nossas primeiras chuvas tão apetecidas em Lisboa depois das grandes estiagens.

Nos bairros orientaes da Capital portugueza, estreitos, tortuosos, pouco lavados, como eram ainda então todas as ruas, antes da canalisação geral dos esgotos e das aguas, era sobremodo agradavel ver cahir em bátegas a chuveirada outomniça, que trazia a uma certa população a frescura, a desinfecção salutar, a alegria. A cidade sorria, e ficava, por assim dizer, com a consciencia limpa.

Eu estou talvez falando grego ou hebraico. Hoje não se concebe quanto era vivificante, nos bairros populosos e velhos, o advento subitaneo das ondeiradas, e quanto alguns proletarios se expunham contentes, como patos marrecos, aos primeiros diluvios, sottopondo ás caudalosas bi-

queiras tachos, potes, e alguidares, que assim se aproveitavam, com soffreguidão, da segunda das Obras da Misericordia.

Lisboa, a nobre Olisipo, a velha Aschbouna, a inclyta Ulyssêa, a cidade pombalina oriental e occidental, tinha sêde. E' uma feição do retrato desapparecido d'esta Capital. As calmas torridas do nosso clima faziam do aguadeiro um personagem, que monopolisava na sua mão callosa, e com uma abnegação pessoal que muito o honrava, o que ha melhor no mundo: a argentea lympha que Virgilio via correr com tanto gosto nos seus laranjaes de Parthénope. A Companhia das aguas, fazendo concorrencia ao aguadeiro, civilisou. A sua liquida mercancia, presidida pelo já citado Neptuno, rutila hoje nas fontes, espadana nos repuchos municipaes, espalma-se nos lagos dos passeios, e abastece por baixo preço as ambições caseiras balneatorias e culinarias.

Chovia muito n'essa tarde. O brasão de Armas, que ainda então ornava o portão de entrada do modesto palacete dos Refoyos, e onde se esquartelavam os *leões* e *quinas* dos Sousas do Prado, o *cordão* dos Eças, e a *cruz vazia do campo* dos Pereiras velhos, tinha apanhado n'esse dia uma lavadella mestra, e a côr tisnanada da frontaria, amarello torrado, tinha adquirido uma velatura quente, que, apesar de tudo, parecia dizer festa.

Ao fundo da loja empedrada, subia uma escada de pedra, que se bifurcava, e dava pelo lanço da direita para as tres sallinhas que já dei a conhecer. Lisboa antiga, em toda a accepção da palavra.

Era pittoresco ver a entrada dos convidados. Paravam de vez em quando seges, traquitanas, e um ou outro *coupé*, ao portão mal allumiado, largavam as pessoas, e não podendo dar a volta seguiam. Abriam-se os chapeos de chuva a fazer *marquise*, e quem chegava subia logo, encontrava dois creados, desvestia-se, e penetrava entre abraços leaes, e com os loquazes comprimentos do estylo, e mil e mil parabens. Outros, de perto, vinham a pé, deixavam as galochas, envolviam-se na turba.

Se o leitor permittisse, eu desejava ter a honra de o apresentar. Descance; sou conhecedor das etiquetas; até ha quem me chame João-das-regras. Já pedi licença a Suas Ex.^{as}, mandaram-lhe uma palavrinha de convite, está tudo na ordem.

A sege em que me metti ao Loreto parou, conforme o ajuste, á porta do Marrare; apeei-me; o leitor já me esperava. Percebi que estava de ponto em branco, porque, por baixo da gola do seu magnifico *sobretudo*, despontava uma suspeita de gravata de cassa.

— São 8 horas e meia, amigo.

— Tem rasão; para aquelles sitios é a hora

do regulamento. Deixe-me acabar este copo de *chartreuse*, e estou ás suas ordens. Prompto. Você não quer tomar nada?

— Obrigado.

Seguimos, calçando as luvas brancas.

Nunca soube o nome exacto da rua onde morava esta nobre gente, mas o bulieiro sabia. E' coisa singular! eu, para achar alguem que procure n'aquelles montes pre-historicos, preciso primeiro perder-me por lá; depois de perdido, é que acho.

Subimos. Luiz de Refoyos, com a sua cara de retrato quinhentista, estava na primeira saleta; fiz as apresentações; que mais quer? Cada um agora gira para seu lado.

A illuminação das salas...

> *onde os bons tempos estão*
> *da simples Lisboa antiga?*

era feita (quem crerá isto hoje?) por uns candieiros de globo fôsco, a azeite, e poucas serpentinas de casquinha com stearina, além dos castiçaes das mezas do jogo.

Nos salões *bem educados* ainda não penetrára o gaz, que desde uns quatro annos policiava já as ruas e lojas; ainda se não utilisava o petróleo, que é um desentoado guincho de luz; ainda se não sonhavam os quezilentos bicos Auer, que são punhaladas na retina; nem os fachos

electricos, que dão aos circos e aos theatros um clarão frio e anti-artistico. Tudo isso serão talvez *progressos*, optimos para a prosperidade economica dos oculistas; mas nada chega ao suave rutilar amarellado e elegante dos carcéis e das velas de cera.

Oh luz! tu, um dos mais generosos presentes do Creador, admiro-te! mas tu, meia-luz, que és o recato e a modestia, adoro te!

A plena-luz é insolente; a meia-luz é casta e recolhida. Aquella é como o alto dia; esta é como o crepusculo. Aquella é o sol; esta é a lua. Aquella é indiscreta, assoalha os nossos defeitos; esta é caridosa, forceja encobril-os.

Nossos avoengos só conheciam no seu viver domestico a meia-luz; preferiam-n-a em tudo (até na instrucção); e parece que se não deram mal com o systema: foram muito grandes. Hoje, que tudo mudou, hoje que a torre de Babel chamada a Humanidade se illuminou de alto a baixo a luz electrica, hoje que a sciencia presumpçosa e materialista, sempre reformada, sempre desmentida pela propria experiencia, sempre a contas comsigo mesma, e sempre inutil para a nossa verdadeira ventura, quer substituir-se em todos os lares ás sublimes *credulidades* dos antigos, certo é que nem por isso melhorámos.

Não se entenda n'estas palavras que sou obscurante. Quero a diffusão do saber, mas em

termos, mas em ordem, mas apropriado ás classes, mas mitigado segundo o orgam visual de cada uma, e presidido sempre pela ideia religiosa. Dar ao povo, sem conta, pezo, nem medida, a instrucção, para o habilitar a ler (sem os saber expurgar da malicia e do sophisma) jornaes e pamphletos impios, criticas mordazes, em verso e em prosa, em typo e em caricatura, que o ensinam unicamente a perder o respeito ás crenças, a obediencia ás auctoridades constituidas, e a julgar se exclusivo soberano de todos e de tudo, é o mesmo que dar pistolas e punhaes, polvora e dynamite, ás creanças para brincarem.

Vamos pois, nós outros os velhos ignorantes, com a meia-luz tão agradavel, tão propicia aos olhos, ao pensamento, e aos devaneios, e abençoêmos o bom e honrado Luiz de Refoyos, que tambem nas suas antiquadas salas não admittia outra coisa.

Continuarei com a narrativa, de que me afastei.

*

Estava todo o bairro, quer dizer, a nobre phalange realista *au grand complet*. Chegavam ainda algumas pessoas, e entre ellas alguns constitucionaes. Chegou o senhor Nuncio, Monsenhor di Pietro, Arcebispo de Berito, recebido

de pé, com profundissimas cortezias, mesuras, e beijos no anel, e espalhando entre sorrisos a sua bondosa e diplomatica affabilidade. Entrou, com o seu grande ar soberano e risonho, a snr.ª D. Maria Victoria de Lancastre, mais sua filha. Entrou a colonia da Cruz de Santa Helena. Entrou João de Sousa; e a colonia do Arco de Santo André; e, modesto e amavel, o nosso Conego, em trajo ecclesiastico de gala; e o Marquez de Sampayo, Par do Reino; e D. Antonio de Castro; e D. Christovam Manuel de Vilhena, com seu agradavel irmão D. Jorge, antigo Addido da Legação; e D. Martinho de Almeida, com seus irmãos D. Francisco e D. Luiz; e o bom Lucas Castello; e o suave Antonio Pereira da Cunha; e o incomparavel João de Lemos, em todo o esplendor da mocidade; e o Conde da Redinha, Nuno Gaspar de Carvalho e Daun, neto do grande Marquez de Pombal; e o Visconde de Juromenha, já então erudito e escriptor; entrou, rutilante de graça, o chistosissimo João Carlos Mardel; entraram emfim muitas outras pessoas, senhoras e homens, de quem não tomei nota, porque, francamente, não me occorria que, tantos annos passados, havia eu de ser o *reporter* da festa intima.

Armou-se logo meza de voltarete para o senhor Nuncio e para o seu Auditor Monsenhor Micelao, Conde de Ledocknoski, com parcei-

ros conhecidos; algumas outras mezas se armaram tambem; e, com quanto ainda penetrassem, em passo de dança, alguns retardatarios, começou a *tertulia*.

N'um pequenino gabinete, junto á segunda sala, uma duzia de meninas e rapazes muito novinhos jogavam innocentissimos jogos de prendas, que muito os entretinham.

De vez em quando ouvia-se Luiz de Refoyos dizer *Caspitè*, em quanto uns ou outros deslizavam, apresentavam as suas homenagens ás senhoras, os parabens á *recem-nascida*, e abraçavam o pae.

*

No meio da noite a conversação agradavel e franca tornára-se geral nos grupos que não jogavam. Ouvia-se um rumor de muitas vozes diversas, e phrases sôltas, aqui, ali, sem nexo.

N'uma meza jogava o D.or Netto com uma das donas da casa, que tinha ido, a pedido, fazer uma vaza, e a snr.a D. Maria Victoria, e mais D. Antonio de Castro. Ora o Conego, que não era linguareiro (bem pelo contrario), mas se achava cheio do seu assumpto, não se poude conter. Todos commentavam João, e as suas elegancias, e o seu ar, com bem mais amisade e interesse do que propriamente maledicencia; o pobre Padre, acabrunhado com as suas res-

ponsabilidades, aproveitou a interrupção causada pelo chá, servido em grandes bandejas por tres creados, um d'elles com uma libré que devia datar de 1830, e deu certas largas ao seu desabafo. Sim, o Conego Netto de Macedo rompeu no excesso (elle, tão discreto!) de contar ali, em meia-voz, entre pessoas amigas, os seus desgostos, os desmandos do rapaz, e emfim... alludiu com impaciencia á moça, causa primordial de tudo.

Isso, n'aquelle centro austéro e religioso, produziu a maior, a mais dolorosa impressão!

D. Maria Victoria ouviu muito séria, ligou o facto com as preoccupações de João lá na quinta, e, sem querer, com as suas exagerações peninsulares, fez de um argueiro um cavalleiro, de si para comsigo.

Patrocinio, essa nada ouviu; estas confidencias, de genero um tanto escabroso, eram aventuradas com cautella, em quanto D. Antonio, muito calado, baralhava as cartas, e em quanto Patrocinio conversava longe com umas amigas, discutindo a belleza de uma festa do Conventinho no Campo de Santa Clara.

Recomeçou o voltarete.

— Olhe que o trunfo é copas, snr. Conego... notava a snr.ª D. Maria Victoria.

— Valha me Deus! é verdade, minha senhora; tem toda a rasão. E' que estou hoje tão desorientado!

*

Quando acabou a *mão*, a snr.ª D. Maria do Carmo, achando-se ao-pé de Patrocinio, contou-lhe, tambem por sua vez, um pouco do que ouvira ao Conego. Mas entenda-se: estas coisas fazem-se ás vezes sem espirito maligno de intriga; fazem-se por bem, muito mais sendo-se tão bondoso (como eram as senhoras Refoyos); as indoles meridionaes precisam ás vezes d'estes desabafos.

Patrocinio ouvindo João apaixonado por uma pobre saloia sem nome, sentiu-se aniquilada. Ligou tambem o facto com as tristezas e indifferenças de João lá na quinta, na tal noite em que elle não tinha consentido em ser confessado, e isso tudo humilhou-a ao ultimo ponto. Estremeceu; cahiu de grandissima altura!

Depois do chá, ouviu-se de repente o piano de cauda acordar sob as mãos de Patrocinio. *Le réveil du lion!* Patrocinio tocou trechos escolhidos do immortal *Barbeiro de Sevilha.*

A proposito:

Um proximo parente do autor d'estas linhas perguntou a Rossini, em Paris, por 1834:

— Diga-me, snr. Rossini, qual das suas operas prefere?

— *Bah!* — respondeu o grande homem—ahi está uma pergunta que se não póde fazer.

— E porquê?

— Porque não se pergunta a um pae de qual dos filhos gosta mais.

— Tem rasão; mas emfim, se eu insistisse...

— Se insistisse... talvez eu respondesse... talvez... que é o *Barbeiro.*

— Sim? e d'essa opera qual é o trecho seu favorito?

— *Ah! pour le coup, je n'hésiterais pas un seul moment: le meilleur morceau du "Barbiere" c'est l'entrée de Figaro en scène.*

D'onde se pode concluir, parece, que o fragmento primacial das obras rossinianas é a celebre canção do barbeiro.

Patrocinio tocava a com suprema elegancia. Aquellas melodias harmoniosas, phrases de valentia altiva e rebelde, saltavam e rugiam no piano, com a grandeza soberana com que a immortal creação de Beaumarchais se requebra no palco, empunhando aquella guitarra que foi uma arma, e faz ainda hoje estremecer as fibras ao seu restrugir omnipotente.

N'um centro de crentes, como aquelle, não era descabida a extraordinaria pujança do genio de Rossini. Elle proprio murmurou, moribundo, ao seu confessor:

— Digam o que disserem, meu padre; o homem que escreveu o *Stabat mater*, foi um crente.

Estas amostras da inspirada partitura, de todos conhecida, disposeram bem o auditorio,

como um raio de sol atravez de nevoeiros. Palmas e bravos coroaram a gentil tocadora, e todos se levantavam para lhe apertar a mão.

João de Sousa, aproximando-se quando ella commovida e nervosa recebia os comprimentos, disse-lhe:

— O' menina, nunca a ouvi tocar assim!

Ella, tremula, tomando de cima do piano as luvas e o leque, não lhe respondeu, nem para elle olhou.

— Que tem, Patrocinio? — insistia elle. — Estáme tratando de um modo!!...

E riu com forçada bonhomia.

Ella, sem o ver, afastou se, e sentou-se silenciosa onde estivera, entre um grupo de raparigas.

*

N'uma das varias contradanças que se dançaram, na segunda sala, era João de Sousa *vis-à-vis* do par de Patrocinio. O piano tocava umas contradanças lindissimas tiradas do *D. João* de Mosart.

João, que dançava com uma galante menina, cujo nome eu não soube, e que pouquissimo uso fazia da palavra humana, fez a *chaîne anglaise* olhando para Patrocinio, que, sem olhar para elle, dizia não sei quê ao seu par, um alto, semsaborão, distincto, com cara de ascéta. Isto

irritou o moço, que na *chaîne-de-dames* lhe perguntou baixinho ao passar:

— O' Patrocinio, está zangada comigo?

Não respondeu.

Não se atreveu João a tornar a falar-lhe, senão na *Pastourelle*; e quando a tinha pela mão, disse:

— Estou a extranhal-a immenso ha bocado.

— João, não me conhece? — perguntou ella fitando n'elle os olhos, com ar que lhe tirou todos os devaneios de proseguir no ataque.

João sahiu cedo; ia desorientado. Tanto é certo, que basta o leve amúo de uma senhora para repôr um homem no seu logar.

A *soirée* de annos correu sem mais incidente; e se já então houvesse os jornalistas de sala, algum poria talvez á sua descripção este epiphonema banal:

«Os convidados retiraram-se penhorados da amabilidade dos donos da casa.»

*

Ao chegarem a S. Vicente, disse a snr.ª D. Maria Victoria a sua filha afagando-a:

— O' Patrocinio, sabe quanto sou sua amiga.

— Se sei, maman! — respondeu a filha, muito triste, enlaçando-lhe os braços em volta do pescoço.

— Pois bem: só lhe digo uma coisa, e não me peça explicações: não pense no João; é um doido, um estroina, que nunca poderia, já vejo, fazer a felicidade da minha filha. Ponha de parte esse devaneio de creança; ouviu?

Patrocinio abaixou os olhos, e nada respondeu.

Separaram-se.

XXXII

N'este meio tempo avisinhava-se uma festa que Lisboa aguarda sempre anciosa: a Procissão do Senhor dos Passos da Graça.

A Lisboa aristocratica, e a popular, ainda hoje vibram ao verem aquella manifestação das devoções de uma nação como esta, que á sua fidelidade aos principios religiosos deveu as glorias que a levantaram ha seculos.

O provinciano, ou o estrangeiro, que desconheça tal solemnidade, mal imagina tudo que ha de calor espiritualista na Procissão dos Passos.

Este cortejo, onde se encorporam as irmandades mais nobres e antigas de Lisboa, e onde as pompas militares realçam as da Egreja, sai do templo de S. Roque, outr'ora da Companhia de Jesus, desce a rua Larga, toma ao largo das Duas Egrejas, segue o Chiado, a rua Nova do Carmo, o Rocio, e vae pela rua Nova da Palma

subir a ingreme ladeira das calçadas de Santo André e da Graça, até ao extincto mosteiro dos Gracianos.

Nota-se em todo o largo transito, apinhado de gente de todas as classes, um respeito que muito honra o povo portuguez; e quem assiste ao desfilar do prestito, de alguma janella ou da rua, assiste a um grandioso espectaculo, de que os espectaculos profanos nunca saberiam dar ideia.

As senhoras Lancastres costumavam ver a Procissão das janellas do palacio dos Condes da Figueira, ao Arco de Santo André. Nenhum sitio mais apropriado para gosar em cheio o aspecto do cortejo.

Vivia ainda, com os seus sessenta e quatro vigorosos invernos, o nobre Conde da Figueira, D. José de Castello-Branco Corrêa e Cunha de Vasconcellos e Sousa, antigo General, Governador do Brazil, Par do Reino em 1826, e um dos ornamentos do partido realista. Era já viuvo do segundo matrimonio, e reunia em volta de si um gentil grupo de filhos e filhas.

Era a sua casa um centro religioso e politico, onde se conservavam intactas, nos usos e nas ideias, as recordações de um Portugal que foi. Das altas varandas do velho palacio do Arco de Santo André assistiam, com os trajos escuros que a solemnidade requeria, muitas senhoras das principaes do bairro, á grande Procissão

tão querida de todos. Quem da rua observasse, veria entre os grupos sobresahir a nobre figura da snr.ª D. Maria Victoria, e a gentil estatura de Patrocinio.

....

*

Quando se principiaram a ouvir, lá em baixo, subindo a calçada, entre a multidão a custo sustida pela cavallaria da Municipal, os compassados e lacrimosos accordes instrumentaes da banda militar, fez-se a pouco e pouco um silencio profundo, e redobrou a attenção devota de tantas almas.

A passo lento, entre o sussurro popular gradualmente acalmado, desponta o pendão de damasco roxo com as iniciaes symbolicas, que nos transportam aos dias de Roma, e nos recordam o senado do maior povo do mundo. Ondulando com majestade no meio do oceano das vagas populares, adianta-se com os seus cordões o estandarte colossal, abrindo-lhe caminho um piquete de soldados, a cavallo, descobertos e respeitosos. De vez em quando pára.

Seguem se, com as suas capas de côres rituaes, as irmandades, em duas fileiras, onde cada um vai vendo muitos sujeitos dos mais illustres, dos mais respeitados na sociedade lisbonense.

O silencio completo dos espectadores; o tom menor lamentoso e dilacerante da marcha funebre, que retumba misturando os ais dos oboés e das trompas ao balanço regular da marcha; nos vestuarios uma nota solemne e escura; o clarão das tochas destacando em vermelho sobre o fundo negro do cortejo; o retroar cadenciado dos tambores e clarins, preenchendo os curtos intervallos do descanço da banda militar; o som lamentoso d'esta, quando torna a erguer a sua voz cheia de lagrimas: tudo predispõe os animos para a apparição da grande figura do Salvador do mundo.

Cahia a noite; e Elle como que alvorecia luminoso, no seu andor doirado, entre os lampiões accezos, ao compasso das harmonias lugubres e surdas da poderosa orchestra. Pallida, de joelhos, vergando ao peso de uma cruz negra, caminhava lentamente, com a sua tunica roxa, a Imagem do Homem Deus, coroado de espinhos, gottejando sangue, como se se arrastasse pelos alcantís do Golgotha.

O que vai ali? um simulacro? uma simples Imagem escultural? apenas uma obra de arte em madeira? apenas uma estatua inanimada? Não. Ao longo d'aquella via dolorosa, entre um povoléo apinhado e attento, caminha uma ideia; d'aquelle andor cercado de flores, irradia uma luz, rutila o clarão de um pensamento: o Christianismo. O que todos ali vemos, não é a

Imagem; é o que essa Imagem representa; quer dizer: o sacrificio, o cumprimento das prophecias, a fraternisação humana, a civilisação do mundo velho pelos discipulos do Filho do homem, a transformação da sociedade antiga na sociedade catholica.

Entre o pendão, que nos recorda o senado e o povo romano, e aquelle andor, que é uma grande luz, abre-se um abysmo; esse abysmo são lagrimas e sangue dos martyres, e são as bençãos do mundo inteiro.

E ao passo que ia caminhando a augusta Imagem, como que transfigurada pela musica, tudo cahia de joelhos, e em muitos olhos corriam lagrimas de respeito e commoção.

Por baixo do andor, e atraz d'elle, algumas senhoras devotas, cumprindo amargas promessas, seguiam descalças, com os delicados pés em sangue, amortalhadas de roxo; a penitencia, o abatimento do orgulho humano.

E assim pois, tudo que ha maior no mundo, as grandezas sociaes, as pompas militares, e a virtude, symbolisam n'aquelle acto o preito da terra ás immaculadas saudades do Ceo.

*

Commovida, Patrocinio não perdia um pormenor da ceremonia lugubre; e qual não foi o

seu gosto, quando avistou, descoberto, com a sua capa roxa, o nobre vulto de D. Antonio de Castro, seguindo a passo entre a irmandade! Teve n'isso um prazer sincero, como teem os Anjos no Ceo quando vêem salvar-se uma alma. Patrocinio percebeu que a boa indole de seu primo, apesar das distracções mundanas, era christan.

. . . .

*

Depois da Procissão entrou D. Antonio de Castro em casa do Conde da Figueira.

— Primo, — dizia a nobre donzella — deixe-me apertar-lhe a mão; gostei tanto de o vêr! Ainda bem que appareceu!

— Aqui, ou na Procissão? — perguntou elle.

— Na Procissão primeiro, e depois aqui.

— Muito obrigado, priminha — respondia D. Antonio fitando n'ella os olhos.

XXXIII

Por uma linda manhan d'esse Fevereiro de 1853, que parecia já primavera, D. Maria do Rosario, em pouco boa disposição de espirito, nstallára-se a costurar, mais Beatriz e uma

creada, no *cabido,* ou terraço coberto, que, voltado ao sul, e muito abrigado, finalisava a ala do norte da casa.

Com aquelle olhar apurado, que teem entre as suas arvores os habitantes do campo, e no mar os marinheiros, entrou a ver descer, de vagarinho, a vereda ingreme e tortuosa que desde o alto da serra conduz ao valle, uma figura a cavallo, ainda muito longe. Como tudo na solidão do campo é novidade, affirmou-se, esperou, e percebeu que essa figura, ora apparecendo inteira, ora sumindo-se nos altibaixos do terreno, era um encapotado seguido de um arrieiro. Mais a diante, pela forma das abas do chapeo, conheceu que era um Padre. Depois observou-o a sumir-se na azinhaga, e reapparecer já perto do portal do pateo. Reconheceu o bom Conego.

O Conego Netto por aquelles sitios, e áquella hora! era caso. Assustou-se, e disse:

— Jesus! vem ali o snr. Conego; não sei o que me adivinha o coração! O' Josepha, vae dar ordem para que recolham o jumento, e façam entrar o snr. D.or Netto para a sala de baixo. Depressa.

(Josepha era uma joven aia, moçoila de Carnide, muito feia, por signal, que ali se creava, quasi como pupilla.)

A aia levantou-se n'um prompto, e foi dar execução ás ordens. A senhora desceu á sala.

— Guarde Deus Nosso Senhor a V. Ex.ª — dizia o Conego com ar tristonho, apertando a mão que se lhe estendia.

— Ha alguma novidade, snr. Conego? — interrompia a pobre mãe. — O João?

— Socegue V. Ex.ª; nada de extremamente grave, por ora, creio eu.

— Quê? está doente? valha-me Nossa Senhora!

— Não, minha senhora; são como um pero. Eu já falo.

— Ainda bem! e ainda não perguntei ao nosso bom amigo como está. Sente-se; aqui; aqui está melhor, sim? Quer tomar alguma coisa?

— Nada; almocei antes de partir — respondeu o velho sentando-se. O João está bom; não manda saudades, porque não soube da minha vinda cá.

— Saudades!? — murmurou ella em tom sumido, tomando logar n'um sofá.

— Eu vim — continuava o recem chegado — ás escondidas do Joãosinho. Ora vamos: eu já conto o que me cá traz. — E tomava uma pitada. — Trata-se de uma conspiração contra elle

— Contra elle? e entro eu?

— Certamente; V. Ex.ª é a presidenta da conspiração.

— Ouvirei.

Conversaram muito. O digno Ecclesiastico es-

tendeu, um pouco atenuado, o sudario dos desmandos do mancebo; e concluiu que, segundo julgava, era indispensavel arrancal-o já á vida de Lisboa, e chamal-o outra vez para a quinta.

— V. Ex.ª conhece-me ha muitos annos, minha boa senhora D. Maria do Rosario — continuava Netto com lagrimas nos olhos; — percebe bem que tinha muitissimo gosto em ter lá o pequeno; mas assim, minha senhora! perde-se. Já o obriguei, como V. Ex.ª sabe, a tomar carreira. Com a protecção do Saldanha, que é omnipotente, protecção que obtivemos por intermedio de D. Antonio de Castro, foi facil empregal-o. Mas ha-de ir Addido lá para fóra? que horror! um rapaz sem experiencia! é perdel-o. Se Lisboa, com a mãe a legua e meia, lhe não convém, que seria Madrid ou S. Petersburgo! E depois... elle continua a dizer, de vez em quando, que lhe custa servir esta gente, por ser filho de um realista.

— Nem eu gosto tambem de que elle a sirva; isto é que é verdade; e se lembrei a ideia de João ser mandado lá para fóra, foi com grande sacrificio, e temendo até offender a memoria de Roque de Sousa. Vejo, em todo o caso, que um sacrificio d'esse genero nos é necessario...

— O' minha rica senhora! não confundâmos; distingâmos. Entre servir um partido, as suas tricas partidarias, os seus erros, as suas miserias, e servir o Paiz, ha um abysmo. Todos teem

obrigação de ser uteis á terra em que nasceram. O realista que vegeta na ociosidade só porque pertence á parcialidade vencida, rouba tanto a sua Patria, como o constitucional que deixa de contribuir, de qualquer maneira que seja, para o bem commum.

— Sim, mas lá para fóra não quero — dizia a mãe depois de alguma meditação. — O que me parece melhor... a final de contas, o que melhor contenta o meu assustado coração de mãe... é que João volte para o pé de mim.

— E quererá elle?

— Quererá elle! está-me a aterrar, snr. Conego; então já elle está com esses assomos de independencia e rebeldia?

— Receio muito.

— Santo Nome de Jesus! mas indo eu buscal-o a Lisboa? eu propria?! O peor é que... — concluiu ella depois de pausa.

— Diga V. Ex.ª

— Snr. Conego, — exclamou D. Maria como quem toma uma resolução subita — a situação é complicadissima. O que eu lhe contava na minha carta era pouco; de viva voz lhe digo agora, que João gostou de uma moçoila d'aqui, linda e boa como um Anjo. A pobre rapariga, vendo-se requestada por João (que por causa d'ella me enganou pela primeira vez da sua vida) apaixonou-se por elle, a ponto de adoecer gravemente quando elle foi para Lisboa.

Tão mal esteve, que me assustei de veras, e desorientada, e com medo de maiores e mais serias responsabilidades, resolvi tomal-a para casa.

— V. Ex.ª!!!

— Eu mesma; está lá em cima, e vai um pouco melhor.

— Pois agora... é mandal-a embora.

— Mandal-a embora, pobre creança!? faz-me tão boa companhia! precisa ainda tanto tratamento! Veja que situação! Se a mando embora, lá ninguem a trata, tem um passadio pessimo, é matal-a. Se a conservo...

— Isso de modo nenhum.

— De modo nenhum, diz o Conego! Mas então os deveres da humanidade e da caridade são nada? pois eu não contrahi obrigações moraes para com uma innocente moça, que adoeceu gravissimamente por causa do meu filho? posso acaso deital-a á margem?

— Mas mandal-a para casa dos paes não é deital-a á margem, deixe-me V. Ex.ª dizer-lh'o.

— Perdão, mas é; elles são pobrissimos, são quasi uns cretinos sem coração, apesar de que a mãe é, lá a seu modo, uma mulher cheia de coração. Mas supponhâmos que tudo assim ficava muito bem, e que a infeliz tinha em casa tratamento egual ao que tem aqui: como ella vai viver a dois passos d'esta casa, bem vê, meu

bom Conego, que a paixão de ambos augmentava pela visinhança tão proxima.

—Eu não sei, minha senhora; João agora tem outras ideias...

—Quê! Patrocinio?

—Não; as ideias d'elle pertencem talvez mais, segundo oiço, ao corpo de baile de S. Carlos.

—Diga...

—Nada digo senão isto: João joga; João bebe; João... até me dizem que fuma!!!

—Ai que horrores!—exclamava a angustiada mãe escondendo o rosto entre as mãos, e chorando.

Ficaram ambos silenciosos. Depois de longa pausa disse Netto:

—Eu, sem quebra da caridade, entendia que V. Ex.ª mandasse embora a rapariga, continuando a auxilial-a com o que podesse e quizesse. João, bem vigiado, creio que voltando para aqui... Em Lisboa é que elle não deve continuar.

—Pois bem; o seu conselho, meu bom amigo, é valiosissimo para mim. Então escrevo-lhe.

—Vá V. Ex.ª antes buscal-o.

—Sim, vou. Logo despeço o moça, entrego-a á mãe, todos os dias lhe mando o seu almoço, o seu jantar, e os medicamentos. Mas veja que situação esta!

—Parece-me muito bem. V. Ex.ª é uma Santa, e Martyr. Deus lhe leve tudo em conta.

Pelas 3 horas despedia-se o Conego, e D. Maria do Rosario, na sua capella, debulhava-se em lagrimas.

XXXIV

— O' Beatriz, — dizia D. Maria depois do jantar da triste rapariga — tu agora estás melhorzinha, não é assim? então parece-me rasoavel que vás dar á tua mãe a grande alegria de voltar outra vez para os Pombaes.

Beatriz, sentada n'uma cadeira de braços, com uma almofada a amparar-lhe a cabeça, olhou espantada. Junto d'ella, em pé, a boa senhora, muito pallida e fazendo-se forte, agarrava-lhe na formosa cabeça, e acariciava-lhe a testa, onde depôz um beijo amigo.

— Eu, minha senhora? estou por tudo quanto V. Ex.ª quizer de mim... — respondeu a moça em voz timida, ligando rapidamente esta resolução subita e inesperada com a vinda do Conego.

— Ora ahi está o que é ter juizinho, vês? estou muito contente comtigo; continuarei a velar por ti; nada te ha-de faltar; e assim, tudo fica muito bem, não é verdade?

— E' sim, minha senhora.

Calaram-se ambas. D'ahi a pouco perguntou Beatriz suavemente:

— V. Ex.ª manda que me vá já embora?

— D'aqui a bocado; deixa estar; ainda se vai aparelhar o burrinho. Olha, sabes? esta cadeira grande é para ti, mais esses cobertores bonitos, mais a commoda pequenina que tinhas ali no teu quarto, e mais tudo que quizeres...

— Eu? não quero nada.

— Queres; eu lá te mando essas coisas amanhan.

Deu as suas ordens, foi ella propria buscar Beatriz, dando-lhe o braço e amparando-a pela escada, as creadas vieram todas ao pateo, ajudaram a moça a encavalgar, D. Maria do Rosario aconchegou-a o melhor que poude, e depois dos interminaveis adeuses peninsulares repenicados de beijos, Beatriz no burrinho, acompanhada de um creado, sahiu o pateo com direcção aos Pombaes.

— Olha, Beatriz, — gritava a senhora — dize á tua mãe que eu depois lá vou explicar-lhe tudo que ha-de fazer, ouviste? e não te esqueças: o frasco azul é para pela manhan; as pilulas são tres vezes ao dia, toma sentido!

— Sim, minha senhora, já sei — volvia a rapariga.

O que é certo é que deixou n'aquella casa um grande vácuo. D. Maria affeiçoara-se-lhe. Mas era necessario mais este sacrificio, além de tantos!

....

*

Quando Beatriz se apeava no seu pateo, não viu ninguem. O pae e dois irmãos tinham ido ao Campo-grande. Graça, coitada, estava a lavar no rio. Despediu-se Beatriz do creado e do burrinho, fez festas aos seus cães, que se esganiçavam e pulavam por ella, e foi sentar-se no terraço empedrado ao pé da casa. E para ali esteve desamparada aquella alma até ser noite. Davam Ave-Marias quando a mãe chegou.

Maria da Graça extranhou, pensou, e calou-se. Foi preparar a cama para a filha.

*

....

No dia seguinte, de manhan, uma sege mandada de Lisboa pelo Conego, segundo ajuste feito, conduzia a excellente mãe á rua do Barão.

Quando ella chegou, repassada de amargura por muitos motivos, ainda João dormia. D. Maria do Rosario entrou, na ausencia do Conego, e foi acordar o filho.

— Minha querida mãe!... — exclamou elle ao sentir-se carinhosamente abraçado.

— Sim, sou eu; João, já lá não posso vive-

sem ti. A quinta parece-me um ermo. Venho buscar-te, meu ingrato, que parece te esqueceste de mim!

— Esquecer-me eu? — e beijou-a. — Mas buscar-me para quê?

— Para vir comigo. Tenho ali sege.

— Mas assim de repente? e a Secretaria dos Estrangeiros?

— Voltarás depois; pede-se agora uma licença; o sr. Conego e D. Antonio de Castro se encarregarão...

— Não pode ser...

— Pode, e ha-de ser. Depois voltarás em podendo: Olha, — accrescentava ella baixinho n'uma falsa confidencia: — ha outro motivo forte, que me obriga a fazer-te sahir d'aqui. Tu estás incommodando o teu amavel hospedeiro. Estes dois quartos, que elle te cedeu, eram, sabes? o seu escriptorio e a sua sallinha, segundo me disse agora a governanta. Não devemos abusar mais.

— Minha mãe, mas eu... posso ir para uma hospedaria... Eu não quero ir para Santo Antonio — continuou sobresaltado o moço sentando-se na cama.

— Ai o meu filho como está mau! Dizer *não quero* a sua mãe que o adora!! Então o menino não sabe que isso não se diz? Vamos, venha, e depois falaremos. — Sem transição accrescentou, vendo e examinando uma por uma as ele-

gancias do futuro Addido alastradas sobre as cadeiras:—Mas que é isto! casaca forrada de setim! gravatas brancas! luvas côr de flôr de alecrim aqui pelo chão! e este delicioso cheiro de violeta! Como elle está taful! Viva! e um chapeo de pasta! bravo!

E sorria.

—Então, minha mãe, coisas indispensaveis... a quem...

—Pois isto não é ralhar. E este montinho de libras em cima da meza! deixa-me contar: são dez. O meu filho está muito rico; tem feito economias, já vejo, da pequenina mezada que lhe dá a sua mãe, não é assim? Viva! gósto de ver isto.

João não respondia. Era o dinheiro de Isidoro, que elle se propunha ir entregar-lhe.

—Vamos, veste-te, e eu vou esperar-te cá dentro a conversar com esta excellente mulher.

O rapaz, assim fulminado, levou tempo a tomar o seu banho, a vestir-se, e a apparecer. Estava completamente dominado. Contra as severidades resiste-se ás vezes; mas como resistir contra a brandura?

Quando João sahiu do seu quarto, vinha bem vestido, com um fraque côr de pinhão de bandas de seda, calça clara, collete de velludo, e um lindo paletó branco por cima. A governanta ia dar-lhe de almoçar, a mãe não consentiu,



NA ESTRADA DA LUZ

gratificou-a, gratificou o Barnabé, e desejando (conforme tinham convencionado, ella e o Conego) sahir antes da chegada d'este, subiu para a sege com o filho, e rodou para a quinta.

João não disse uma só palavra. O muito respeito que mostrava sempre a sua mãe, impedia-o de reagir; mas promettia tacitamente a si proprio tomar com prudencia alguma futura resolução, que o deixasse tornar-se á vida doirada que tinha encetado com tanto gosto.

*

Ao passo que se aproximava das barreiras, sentia um bem-estar desconhecido, uma paz interior, que o repunha nos descuidosos dias da meninice. O ar de S. Sebastião da Pedreira repassou-o; o cheiro agreste da estrada da Luz innebriava-o; a vista do valle de Odivellas, lá desde as alturas do Casal-novo, enthusiasmou-o.

— Oh! minha mãe! — exclamou elle — Como isto é bonito!

— E', sim; ainda bem que te agrada.

Quando se apeou no pateo, e ouviu relinchar o cavallinho, e viu os cães a festejal-o com os seus latidos tão leaes, e viu os creados abraçando o... chorou. D. Maria do Rosario silenciosamente dava graças a Deus. Entrava um brilhante sol de inverno resvalando pela

serra; o silencio era completo nas hortas do valle; o vêrde dos favaes e ervilhaes sorria como n'uma saudação amiga.

Foram á capella, e resaram a Santo Antonio, o suave e casto intercessor d'esta sua gente portugueza.

Depois do almoço, correu João com sua mãe a casa toda, d'onde lhe parecia ter sahido havia annos. Força é dizel-o: o socego do campo, a luz suave do dia, a sua habitação tão boa e tão hospitaleira, a vista dos sitios onde tinha amado pela primeira vez, o canto dos gallos, o ramalhar de arvores suas, a tranquillidade suprema que traz aos animos afflictos a contemplação da natureza, tudo isso o dominou, mais do que em Lisboa poderia suppôr-se.

D. Maria do Rosario reconhecia porém que, apesar de tudo, a situação se achava ainda complicadissima. Ter ali João (ella não o podia dissimular) era ter o fogo ao-pé da estopa; privar-se de Beatriz... era penoso, e parecia-lhe quasi um crime. Ha beccos na existencia, d'onde se não avista sahida.

O que a animava, pobre santa mãe! era ver, como acabava de ver, que João não se insurgira muito. Fiava se na educação religiosa e submissa que lhe dera, e na maneira carinhosamente firme por que sempre lhe soubera impôr os seus dictames maternaes.

Elle, passados os primeiros quartos de hora,

achava se triste. Perder Lisboa! perder a companhia dos seus bons amigos do Marrare, tão divertidos! não se despedir do Alfragide! deixar de ir a S. Carlos! ceos, que serie de infortunios! Entretanto, o que ousaria na ausencia de sua mãe, não o ousava na sua presença. Calou-se.

*

Quando passavam, mãe e filho, pelo corredor junto ao quarto onde dormira Beatriz, achava-se casualmente a porta aberta. N'esse quarto, deshabitado d'antes, percebeu o rapaz vestigios de habitação; viu a cama desfeita, uns vestidos, um pequeno toucador, e perguntou:

— Quem dorme agora aqui, minha mãe?

— Ninguem, meu filho.

— Mas então...

— Dormiu; não dorme.

— Quem foi?

— Beatriz.

— Beatriz está cá?

— Não, meu filho; esteve.

E fechou suavemente a porta, passando para diante.

— Beatriz!... — murmurou elle, não conseguindo dominar-se.

XXXV

«A verdade manda Deus que se diga», preceitua a moral, e o ditado.

«Nem todas as verdades se dizem», corrige na sua propria lei a sabedoria popular.

Aquella boa e sympathica Sœur Marie dos *Miseraveis*, mentindo para salvar Jean Valjean, e declarando:

—Non, il n'est pas là,

dá-nos o sublime da mentira. Ahi a mentira tem rosto e azas de Anjo. Com essa quebra, meditada e consciente, da verdade, a santa Irman salvou um homem.

Deus me livre de ser apologista da mentira; adoro a verdade; mas pergunto: não são muita vez perfeitas illusões os alicerces da historia humana? e, restringindo-me ao meu caso, não assenta em falsidades todo o andamento d'esta narrativa que o leitor tem entre mãos? Não enganou D. Maria do Rosario a seu filho affirmando-lhe ser de espontanea iniciativa do Conego a ida do rapaz para Lisboa? Não enganou o Conego as senhoras Lancastres dizendo lhes o mesmo? Falou verdade a mãe convencendo Graça de que desejava bordar para se divertir?

....

Falou verdade a João dizendo-lhe que o queria outra vez na quinta para não incommodar o D.or Netto? E o caso do botão da luva será estricta verdade, meu Joãosinho, pergunto eu? ah! maganão...

Mas acabou se; este triste mundo é assim; o sol não se *levanta*, o sol não se *põe;* a lua não *nasce;* e já o poeta castelhano D. Lupercio de Argensola escreveu:

> *Mira! ese cielo azul que todos vemos,*
> *ni es cielo, ni es azul..........*

Seja como fôr; se estes meus personagens não tivessem consentido em mentir, davam com os burrinhos n'agua. Fizeram bem? fizeram mal? não sei; deixo o pleito para melhores desembargadores do que eu, e continuo a narrar a minha historia, e com desassombro, visto que o que vou dizer ao leitor é pura verdade, ainda que inverosimil.

João, o rapaz vibrante e impressionavel que já conhecemos, sentia no seu coração uma extraordinaria metamorphose! De mau, ou quasi mau, que nos tinha parecido umas semanas, entre as tentações de Babylonia, sentia-se outra vez bom sob a influencia austera do seu meio habitual, e sob a pennugem macia das azas brancas do Anjo da guarda sua mãe.

Desenganem-se: quando a educação materna

semeou na nossa alma os sentimentos religiosos, fructificam sempre, cedo ou tarde, os sentimentos moraes. Educação sem Religião, escola sem o Crucifixo á vista, é sementeira no areal. A fórma e o culto externo são efficacissimos como auxiliares do pedagógo. O mestre pode muito; o padre pode tudo.

No seu lar tão sério, ali, entre recordações de familia, na presença da cadeira onde seu honrado e infeliz pae costumava sentar se, conservada religiosamente pela viuva, na presença do seu Santo Antonio, tão popular no sitio, e que tantas orações lhe tinha ouvido desde pequenino, na presença do hereditario palacete, que parecia dominar a quinta e os arredores com o seu ar senhoril, na presença de uma adorada mãe, que João tinha offendido, mas de quem nunca descrêra, experimentou elle um remorso infantil e salutar, que lhe senhoreou de improviso as faculdades da alma.

Começou por mostrar-se e sentir-se carinhosissimo para a mãe; andou de braço dado com ella á sombra das latadas quasi despidas; sentou-se por fim com ella á beira do tanque redondo, no topo de uma grande rua de alfazema, onde havia um banco de pedra. Precisava dizer alguma coisa, fazer confissões, mas não sabia principiar. Por fim atreveu-se a desabafar.

*

. . . .

—Oh! minha rica mãe! que perigos em que vejo agora que estive! quanto a fiz padecer! como me salvou, minha mãe!

—Pois bem, esqueçâmos o passado, e pensemos no futuro—respondia ella resignadamente amimando-o.

Elle perguntou depois de pausa:

—Hoje é sabbado; amanhan vem cá o Isidoro?

—Estou que sim; porquê?

—Porquê?! deixa-me dizer tudo?

—Dize.

—Porque lhe devo dez libras.

—Dez libras tu?

—Sim, aquellas que minha mãe ainda agora achou em cima da minha meza, na rua do Barão, são d'elle.

—Como assim?

—Pedi-lh'as, e elle, coitado, emprestou-m'as logo, apesar de tão pobre.

—Mas para quê?

—Ora para quê!—respondeu o moço abaixando a cabeça. E calou-se.

Houve uma pausa.

—Fosse para que fosse, filho. O que lá vai,

lá vai. Entregam-se lhe. Deves mais alguma coisa?

— Devo, devo.

— A quem?

— Ao Stellpflug sapateiro, ao Catarro alfaiate, ao...

E chorava.

— Bem, meu filho; tudo se ha-de arranjar; descança em mim; conta comigo.

— Oh! minha mãe! — soluçava João de Sousa.

— Em todo o caso, — continuava ella com timidez — tenho a certeza de que não fizeste coisa que te envergonhasse; dever... é erro, ou infelicidade, mas... não é crime.

— Isso não fiz; mas gastei, e minha santa mãe aqui isolada, privando-se de tanta coisa por minha causa!...

— Não falemos de mim. O que mais desejo n'este mundo, é que tenhas juizo. Vamos a ver; quanto deves, assim em globo?

— Eu? — (e fazia mentalmente umas contas demoradas) — talvez uns novecentos mil reis, porque. .

— Não quero saber porquê. Olha, novecentos mil reis são realmente muito para nós; mas com uma certa economia, e um certo calculo, talvez se possa...

— Bem vê, minha mãe, vivendo nas sociedades frívolas e ricas em que me achei mettido...

....

— Bom; está dito; eu não te accuso; o que te quero, é arrependido; basta-me isso.

— Já d'aqui não saio. Este socego é tão bom!...

— Este socego assim, tambem tem perigos. O campo isolado não convém sempre. Sem familia *sua* (tu bem me percebes) um rapaz definha de semsaboria na solidão. E então a Patrocinio? não pensaste n'ella? aquella boa rapariga!

— De certo que o é, minha mãe, mas não me chega ao coração.

— Paciencia; não falemos mais em tal. Eu gostava de te ver casado com uma rapariga tua egual, boa, minha amiga, e que te servisse de guia, te affeiçoasse ao trabalho, e te preparasse para o tempo em que eu tenha de ir para o outro mundo, com o auxilio de Deus, tornar a encontrar-me com teu pae!

— O' minha querida mãe, não falemos n'essas horriveis coisas! Mas Patrocinio não. E depois: Patrocinio habituava se acaso á quinta de Santo Antonio? ella quando está ali na Ponte, de verão, está pelos cabellos; o seu elemento é a vida, a muita sociedade. E eu...

— Bem, bem, não falemos mais n'ella. E de alguma outra não te agradaste? realista ou não...

— Não vi ninguem.

— Acabou-se. Esperaremos. E se eu, ao deixar-te, ainda te vir solteiro, exposto a todos os

perigos das más companhias, e sem amor ao trabalho, e sem uma guia segura... tomarei tudo isso por mais uma provação que me Deus quererá dar.

— Essas coisas, minha mãe, — disse elle — não se podem impôr; nascem.

— Sim, tens rasão. Então conta me: Maria Victoria sempre muito amavel comtigo?

— Muito.

— E o snr. Conego?

— Muitissimo.

Houve uma pausa. João com uma canna fazia espadanar, por desfastio e compostura, as aguas do tanque; sentado e silencioso, não olhava para a mãe, e parecia meditar. De repente, perguntou com modo affectadamente distrahido:

— Então Beatriz esteve cá?

— Esteve.

— Fazendo o quê?

— Ora fazendo o quê! esteve ahi costurando.

Silencio de ambos.

— Eu gostava de ir lá ver a mãe; é tão boa mulher!

— Não a encontras; anda n'uma faina!

— Mas... não faço mal n'isso?

— João, por que me perguntas tu se não fazes mal n'isso? — interrogou a senhora fitando os olhos no filho. Elle abaixou os seus.

— Porque...

Mas não atinou resposta.

— João, — disse a mãe em tom muito doce — vê como te portas. Já t'o disse uma vez; lembra-te do nome de teu pae.

— O' minha rica mãe! que suspeitas! que recommendações! pois então...

— Vê como te portas; é só o que te digo.

E depois de alguns instantes, querendo sahir d'aquelle escabrosissimo assumpto, accrescentou como meditando:

— Novecentos mil reis! é tanto para nós!...

João, com a mesma canninha com que brincava na agua, desenhava então sobre a areia do chão umas figuras geometricas nonsenses, inconsciente e alheado ao mundo!

Na alma d'elle pairava outra vez Beatriz.

Beatriz em Lisboa esquecia; era o quadro fóra da moldura. Ahi, entre as rusticas opulencias do valle, em frente da serra, e sob aquelle ceo, Beatriz ausente illuminava-se!

XXXVI

Logo que o bom do Conego chegou da Sé, e soube da abalada de João, teve saudades d'elle, e custou-lhe a jantar só, com quanto estimasse ver-se livre das tremendas responsabilidades que lhe impunha aquella tutoria. Escreveu logo á snr.ª D. Maria do Rosario a informar-se da

chegada, e fazendo votos pelo socego do extraviado.

Alfragide, que precisava quarenta libras, procurou o amigo no Marrare, no Gremio, no theatro, em casa, e só aqui soube, sem mais explicações, que tinha tornado para a Paian.

Em quanto se faziam estas pesquizas, e as Escolas-geraes lamentavam o facto e applaudiam a tomada resolução, João de Sousa escutava, como uma musica deliciosa, o uivo somnolento dos moinhos, e adormecia embalado de bemquerença, passando a melhor noite da sua vida. Fiava tudo de sua mãe.

Ella é que não socegava. Volveu e revolveu no atribulado espirito os novecentos mil reis, e não via maneira de encher o *deficit* de prompto, como convinha, sem a venda de alguma propriedade.

*

Quando logo de manhan chegou o snr. Isidoro, D. Maria do Rosario, que o esperava anciosa, veio falar-lhe ao salão, em quanto o filho se não levantava.

—Viva, snr. Isidoro.

—Creado de V. Ex.ª; que tem minha senhora? está doente?

—Eu? porquê?

—Porque lhe vejo um desacostumado ar de melancolia...

— Sim, estou triste; doente não, graças a Deus, e estava á sua espera para negocio urgentissimo.

— A' minha espera?

— Antes de mais: diga-me: quanto lhe pediu João emprestado?

— Oh minha senhora! pois V. Ex.ª sabe?... Não falemos mais n'isso; não tem pressa nenhuma.

— Tem toda. Diga.

— Mas. .

— Diga; peço eu.

— V. Ex.ª manda. Apenas dez libras.

— Ellas aqui estão; e perdôe-lhe, sim? bem sabe o que são rapazes.

— Mas, minha senhora. .

— Não ha *mas;* é receber, acceitando as minhas desculpas, e os meus agradecimentos.

— V. Ex.ª nada tem que me agradecer.

— Agora outra coisa: João voltou de Lisboa, onde se ia perdendo com pessimas companhias. Está endividado, e eu preciso salval-o. Pode arranjar-me sem demora, no Banco onde é empregado, um emprestimo de novecentos mil reis? dou de penhor os titulos das minhas acções do mesmo Banco, que formam o meu pequenino dote.

— Tudo que V. Ex.ª quizer; mas dá-me licença... como antigo amigo... que observe respeitosamente uma coisa? Sendo d'elle a di-

vida, podia V. Ex.ª, sem tocar no seu dote, empenhar bens de seu filho, aquellas courellas, por exemplo, de novo compradas...

— Sim, mas isso não quero eu; o que é de meu filho quero accrescental-o; diminuil-o... nunca.

— E se V. Ex.ª perdesse o seu dote?

— Paciencia; perdia o no meu officio de mãe. Faça o que lhe peço, snr. Isidoro.

— Cumprirei, minha senhora. Em tres dias trarei a V. Ex.ª essa quantia, e os papeis que tem de assignar. Se eu tivesse de meu essa somma... — accrescentou humildemente o pobre homem — mas não tenho; aquellas libras eram uma pequenina reserva para o meu enterro.

— O' snr. Isidoro! pelo amor de Deus! penhora-me immenso, mas não acceitaria. Isto assim fica muito bem.

E enchugou com o lenço, e á pressa, os formosos olhos, accrescentando:

— Isto fica entre nós, ouviu?

— Esteja certa, minha senhora — dizia elle, estimando, lá no seu intimo, não só poder obsequial-a, mas sobre tudo entrar n'um segredo d'ella.

*

João levantou-se; e quando, depois da Missa, viu sua mãe, disse lhe esta:

— O dinheiro do pobre Isidoro está pago. Agradece-lhe.

João abraçou-o affectuosamente.

D'ahi a dias, realisava-se o empenho das acções do dote, e o mesmo amigo era encarregado de ir satisfazer os debitos de João. Ainda faltava uma quantia. D. Maria do Rosario vendeu as suas ultimas joias, e pagou. João ficava illibado.

XXXVII

Na tarde do derradeiro dia em que Isidoro, para ultimar estes negocios, appareceu na quinta, não poude João resistir ao que lhe estava pedindo o coração. Com o pretexto de o ir acompanhar entre as hortas até ao Senhor roubado, tomou o atalho para os Pombaes, e chegou.

No terracinho, que era muito abrigado, sentada na cadeira de braços que elle conhecia tão bem, viu sosinha a linda Beatriz, muito embrulhada, meio dormente, com um moxo ao-pé de si, sobre o qual um frasco de remedio, um copo, uma colher, e uma caixa de pilulas.

A doença tinha caminhado a passos largos. O aspecto da pobre rapariga era de infinita tristeza. Parecia uma escultura em marmore representando a Resignação.

A impressão penosissima que elle sentiu, assim de repente, não se descreve. Como não a

sabia doente, estremeceu de dor, e aproximando-se preoccupado, perguntou:

— Beatriz!!... que vem a ser isto? doente!

— João!... — exclamou ella como acordando de um sonho. Logo depois, envergonhada d'esta expansão, cahiu em si, cobriu o rosto entre as mãos, e perdeu o accordo.

— Beatriz! — gritou elle com voz surda — Mas então... Está morta? que foi isto! Acudam! acudam!

E cahindo-lhe de joelhos aos pés, beijava-lhe as mãos brancas e emmagrecidas, e gritava para a banda da horta.

Ninguem acudiu, porque, segundo o costume, todos andavam longe. Afflictissimo levantou se, correu até ao tanque, voltou, ajoelhou outra vez, procurando ouvir-lhe a respiração. Ella, como morta, de olhos em alvo, rígida, não via nem ouvia.

Correu João de novo ao tanque, trouxe agua entre as mãos, borrifou a testa da moça; ella, minutos depois, tornava a si do desmaio, e abrindo os olhos encarava suavemente o gentil mancebo, de joelhos diante d'ella, acarinhando-a, animando-a, louco de paixão e de susto.

— Conta-me, Beatriz! — perguntava elle — que é isto? estás então doente! de quê? desde quando?

— Eu? — respondia a moça em voz debil como que procurando na memoria alguma coisa

que não encontrava. — Nem sei. — E accrescentou, depois de leve pausa, abaixando o olhar: — Desde que foi para Lisboa... morri.

— E ninguem me dizia nada! e deixavam-me longe de ti! sem te vir ver! Minha mãe ás vezes... tem coisas bem singulares! Beatriz!

— Menino João, levante se, pelo amor de Deus! não esteja assim; pode vir alguem.

— Que tenho eu com isso? deixa-me ver-te! adorar-te, Beatriz! Mas que foi isto então?

— O que foi?! nem eu sei dizer; sei que me sinto muito fraca... e morro de saudade!

— Mas tu não vês que estou aqui ao-pé de ti? vamos! anima-te!

— Levante-se, menino João! peço-lhe muito! não esteja assim!

— Pois assim é que eu quero estar, e que eu devo estar: adorando te. Mas conta-me tudo, se podes. Estiveste lá em casa?

— Estive; a minha senhora veio aqui buscar-me, porque eu não estava nada melhor; agora estou outra vez muito doente.

— Beatriz!

— Mas isto ha de passar — continuava ella depois de um medonho ataque de tosse; — ha-de passar; não tenha susto! João! não tenha susto!

— «João» dizes tu; dize sempre assim; não sabes que sou teu? não sabes que és minha?

— Sua... não; levante-se; olhe se vem al-

guem! eu é que já não posso fugir; não tenho força...

—Has-de tel-a, deixa estar; mas socega! deixa me olhar para ti, deixa-me adorar-te, agora que voltei, agora que sahi d'aquella maldita cidade! Conta-me: minha mãe então sempre tua amiga?

—Sempre; tratou-me como filha.

—Mas não me disse nada!...

—E que lhe havia ella de dizer, tontinho?!

—Dizer-me...

—Não convinha, João; bem sabe quem eu sou.

—Quem tu és? és um Anjo.

E sempre de joelhos, beijava-lhe soffrego as mãos.

*

N'isto se estava, quando Graça, voltando da serra com um feixe de matto á cabeça, entrava na horta pela cancellinha de baixo. Ao aproximar-se, ouviu vagamente estas vozes dolorosas dos dois; pôz o matto na borda do tanque, adiantou-se pé ante pé, e deu com elles! Estupefacta ao ver João de joelhos beijando apaixonadamente as mãos da filha, e chorando, estacou.

João levantou-se de repente; e Beatriz, soltando um grito de ave espavorida, só disse cobrindo o rosto com as mãos:

— Minha mãe!...

Graça extremamente pallida aproximou-se, e fora de si, desorientada, exclamou com a sua voz forte e aggressiva:

— Ah! seu pedaço de mariola! que vem a ser agora esta pouca vergonha?

— Graça! — volveu elle com modo altivo — esquece-se de que é a mim que está falando? não importa; respeito os seus cabellos brancos.

— Oh! seu desavergonhado!

— Graça, basta!—continuou elle em voz mais forte — Oiça-me.

A pobre mulher ficou uns segundos subjugada pelo tom firme e energico de João. Beatriz, sem olhar, offegava.

— Estou aqui -- accrescentou elle — para lhe pedir a mão de sua filha. Quero casar com ella.

— Quer lá casar com minha filha!! ainda em cima vem bigodear comigo e com ella! Não vê o estado em que está?

— Não venho, Graça; falo muito serio; quero-a por mulher, já lhe disse.

Graça não o escutava; e passado o primeiro momento do espanto, accrescentou:

— Ponha-se-me fóra. O menino é menor; não sabe o que diz nem o que quer. Pouca vergonha! envergonhar e enxovalhar a minha casa honrada!

João, muito commovido, disse apenas:

— Pois vou-me embora, Graça, vou. Perdôo a sua allucinação; prova o seu brio. Adeus. Amanhan ajustaremos contas.

Sahiu.

XXXVIII

João de Sousa chegou á quinta n'um estado horroroso. Desfigurado e pallido, entrou no gabinete onde sua mãe costurava com a aia.

— Minha rica mãe! — disse elle sem poder articular as palavras — preciso falar-lhe.

— Que tens tu, filho da minha alma?! — exclamou D. Maria do Rosario levantando-se a toda a pressa, e atirando a costura. — Josepha, vae lá para baixo.

Josepha obedeceu. D. Maria fechou a porta á chave, e aproximou-se de João, que se atirára para cima de uma cadeira, de olhos baixos, na postura desfeita de um condemnado a pena ultima.

— Que é isto, João? — perguntou a mãe agarrando-lhe na cabeça. — Conta; que te succedeu?

João bradou em tom amargo:

— Então, minha mãe, Beatriz está moribunda, e ninguem me diz absolutamente nada?!

— Moribunda, meu filho? não sei que o esteja...

— Oh! assim me pareceu, e parecerá a todos! — respondeu elle chorando.

— Está doente, muito doente talvez, mas não moribunda. Estiveste lá?

— Estive, minha mãe.

— Ah! João, João! que andas fazendo!

— O que eu ando fazendo, minha mãe? ando a ver que ninguem me entende n'este mundo, e que todos me querem mal.

— A ti, meu filho?

— Sim, a mim. Dei com Beatriz desamparada e só, no terraço sobre a horta, com os remedios ao-pé de si, sem ter por quem chamar...

— Jesus! é sempre assim! — exclamou a boa senhora n'um impeto de desespero, unindo as mãos.

— Estava, estava completamente só; não a esperava assim; não a sonhava doente; commovi-me! cahi-lhe aos pés! porque eu é que sou talvez a causa de tudo!

— Tu?

— Sim, sim; ella é que eu amo; não é Patrocinio; não ha-de ser nunca. Beatriz é que eu amo. N'isto appareceu-me Graça, que, ciosa e brutal como é, e sempre foi, me insultou, e... me expulsou de sua casa.

— Graça!? que estás a dizer, filho?

— Ella em pessoa. Veja, minha mãe, se isto se tolera!... Cheguei a dizer-lhe, n'um arranco de dôr, que sua filha é que eu queria para mulher. Nada ouviu, nada quiz ouvir, a nada attendeu, parecia doida, insultou-me, e ordenou-me

que sahisse. E a pobre creança para ali ficou, sabe Deus como, em lastimoso estado, aggravado por esta scena, sem poder falar, e nas garras d'aquella megéra desalmada.

— Megéra não; Graça, tu bem sabes, é desde rapariga a mais honesta das mulheres; e se não fosse a sua rusticidade natural, seria a melhor das mães. Imaginou talvez... o que de certo não é: que tu entravas ali... (como direi eu?) com intenções... pouco confessaveis.

— Eu? mas eu amo Beatriz; mas eu disse-o á mãe. E' minha mulher desde já aos olhos de Deus.

— Muito gósto de vêr, meu João, esses assomos de brio; mas o que é preciso antes de mais nada é vêr Graça.

E chegando ao corredor, chamou da janella do pateo o velho Vicente, e ordenou-lhe apparelhasse logo logo o burrinho para a boa senhora correr sem demora aos Pombaes.

*

Em quanto dava estas ordens, ouviu-se no pateo a voz dolorida de Graça, que de lá bradava:

— Minha senhora! quero falar já sem demora a Sua Ex.ª

— Espera, Maria; ainda bem que vieste; entra para o salão; já lá vou.

Desceu, deixando João inconsciente, entregue á sua dôr, e correu a ouvir a desorientada e lastimavel mãe.

— Então Sua Ex.ª — gritou esta, cruzando os braços com altivez, apenas viu chegar D. Maria — pensa que eu por ser prove, e mail'a minha filha, e sermos suas rendeiras, somos aqui o divertimento e o palito do seu filho?

— Socega, mulher! — atalhou agoniada a senhora em voz branda e sumida, fechando as portas, obrigando a á viva força a sentar-se, e sentando-se defronte d'ella.

— Ai não, minha senhora; Sua Ex.ª sabe que fui sempre uma mulher de bem.

— Sei, sei. Conta-me tudo; mas socega. Não te assustes, nem me assustes. Falemos como gente de juizo. Somos ambas mães: podemos entender-nos.

— Oxalá, minha senhora! O menino João anda ha um tempo a querer arrastar a aza á minha Beatriz.

— E's uma tonta, filha.

— Oxalá eu estivesse tonta, sr.ª D. Maria do Rosario, que então não via o que está talvez para assucceder: a deshonra do meu nome. Olhe Sua Ex.ª que os proves tambem teem nome.

— Cala-te, Graça! Jesus! que genio! sempre assim foste! vais logo ás do cabo! Pois tu acreditas que a tua filha...

— Eu já acredito em tudo, senhora. Antes

fosse o Gaspar, filho do Romão, que esse ao menos podia eu obrigal-o a casar; mas assim... Santo Nome de Jesus! valha-me Nossa Senhora!

E com o avental de chita amarella limpava as lagrimas, que lhe inundavam o rosto senil e magoado.

— Assim o quê? Dize-me cá, minha velha, pois cabe na cabeça de ninguem, que, se meu filho devesse alguma reparação á nossa Beatriz, não seria eu a primeira que, a poder de todos os sacrificios, lhe exigisse a unica satisfação completa que elle nos podia dar, á tua filha, a ti... e a mim?

— Que me está Sua Ex.ª a dizer? pois a minha Beatriz era agora mulher para o menino João, que só se dá com fidalgaria? Elle bem m'o prégou; mas eu...

— Tu o quê? tu não estás em ti. Pelas cinzas do meu adorado marido te juro...

— Que me jura Sua Ex.ª?

— Que, se assim fôr necessario, Beatriz ha-de ser minha nora; ouviste bem? Sei quem ella é; tenho ouvido o que se diz d'ella; tenho-a estudado a fundo; conheço-a, como tu a conheces; e conheço o meu filho. Antes de mais nada, percebes? o que se quer na minha casa, de paes a filhos, é a honra. Socega. Fica-te muito bem o que dizes e fazes, embora sahindo fóra dos eixos. Um namorico de rapaz e rapariga, é um namorico. Uma divida, é uma divida. Percebes

agora? Não te posso falar mais claro. Todas as dividas de meu marido, as de seu pae, as minhas, as de João, tenho-as ido pagando. Os bordados que tu me arranjaste, para isso foram. A maior de todas (se existisse) deixaria de a pagar?

– Sua Ex.ª para mim, e para todos, é um Avangelho. Perdôe, minha rica senhora! por quem é! — disse Graça inteiramente subjugada. E cahia de joelhos.

— Levanta-te, Graça! — interrompia a nobre senhora obrigando a pobre velha a levantar-se do chão. — Socega; toma tento; não faças juizos temerarios; crê em Deus, e tambem um bocadinho em mim. Vae te embora; essa cabeça e esse coração acham se desorientados. Podéra não! Tua filha está muito mal; precisa agora todo o nosso carinho. Amanhan lá te mando dois trabalhadores cá da lavoira, para ajudarem o teu homem e os teus rapazes; e tu, prohibo te que sáias de junto d'ella. Vae tratar de Beatriz... — Depois de pausa: — Espera um bocadinho...

*

Chegando á escada, chamou:

— O' Joãosinho, anda cá.

João entrou.

Quando deu com os olhos na triste Graça estremeceu, e franziu o sobrolho.

— Minha mãe?

— Dize: responde, com os olhos em Deus e na alma de teu honrado pae: deves alguma coisa a Beatriz?

— Nada, minha mãe. Beatriz é a mais innocente, a mais santa das mulheres — respondeu João com ar solemne e convicto.

— Muito bem. Abraça essa afflicta mãe.

João correu para Graça, e abraçou a lavada em lagrimas.

A camponeza, beijando uma e mil vezes as mãos da sua nobre amiga, sahiu encolhida e amançada, e voltou aos Pombaes.

XXXIX

Tornou D. Maria com João para o gabinete. João, excitadissimo, passeava de canto a canto, de braços cruzados.

— Então aquella mulher está doida? — perguntou o moço depois de algum tempo de silencio.

— Doida não, meu filho — disse a mãe; — é uma briosa e honesta mulher; quem dera que todas as mães da classe d'ella assim fossem! Bem vês, João, — continuava D. Maria do Rosario sentando se, e obrigando suavemente o filho a sentar-se junto á meza: — com o seu instincto de mãe, a pobre Graça desmandou-se por

suspeitar que entre ti e Beatriz ha o que quer que seja.

— Não ha nada, minha mãe — respondeu elle de cabeça erguida.

— Olha, João; coisa grave não ha de certo, visto o que tu acabas de affirmar á pobre Graça; mas tu andas, mais ou menos, ha tempo, a perseguir aquella rapariga. Ora dize-me: pensas que, com os meus olhos de mãe extremosa, eu não vejo tudo? fica sabendo: as mães teem um sexto sentido.

— Que viu minha mãe então?

— Vi, que na noite do nosso bailarico da vespera de Santo Antonio, Beatriz te causou a maior impressão. Perceberam todos isso, e commentaram o caso. Vi, que todos os teus passos eram para a banda dos Pombaes. Vi, que me escondias cautelosamente quaesquer encontros que tivesses com ella.

— Eu, minha senhora?

— Tu, sim; bem me entendes. Não te lembras, meu rico menino, de uma noite em que lá estiveste assistindo á ceia d'elles? Disseste-me alguma coisa?

— Francamente: não via mal n'esses encontros... — disse João com timidez, abaixando os olhos.

— Vi, — proseguia a mãe — que tratavas de a procurar sempre que podias, no quarto da torre, onde ella costurava.

— Minha mãe!... para me cozer um botão n'uma luva...

— Sim, filho, para te cozer um botão arrancado talvez de caso pensado.

João queria sumir-se pelo chão a baixo. A mãe continuou:

— Vi, que, sempre que sahias a cavallo, não desfitavas os olhos da janella do quarto da costura, para ver... se a avistavas. João, meu filho, as mães vêem tudo.

— Mas, minha mãe, nunca, ainda assim, fiz nem tentei coisa que não possa confessar...

— Tambem o sei.

— E sabe minha mãe quem protegeu Beatriz?

— Quem foi?

— Nossa Senhora do Amparo, de quem minha mãe lhe deu aquella medalhinha. Creio firmemente: foi Ella.

— Ah! João! como é bom receber com o leite os principios religiosos! Mas o que vejo, é que a situação chegou a um ponto, em que é preciso tentar meios extremos. Queres tomar muito juizo, e ir para fora de Portugal? vou lançar-me aos pés do Duque de Saldanha, para que te mande para Madrid entregue ao nosso Ministro, irmão d'elle, o Conde da Azinhaga. E' para mim, e sobre tudo para o meu orgulho, um grandissimo sacrificio; mas acceito tudo por ti. Queres?

— Minha mãe, — atalhou João com modo

firme e solemne — renuncío a tudo, se com o meu casamento posso dar a felicidade a essa querida Beatriz. Nem Lisboa com as suas distracções, nem Madrid com todas as suas vantagens, me poderiam já demover do meu proposito. O que se tem passado chamou-me á vida, á reflexão. Fui doido uns dias entre amigos perigosos; isso serviu-me para ficar conhecendo melhor a santidade, a honestidade, do meio em que vivia desde creança, e a bondade angelica de minha mãe. Agora, perante o amor de minha mãe, e o amor de Beatriz, renasci, regenerei-me. Quero casar com ella, e viver aqui.

— Espera, João; não vamos tão depressa — disse a mãe, já receosa de ver o brilhante João de Sousa fazer um casamento desproporcional: — Se tu tivesses uma divida de honra, havias de pagal-a, custasse o que custasse; mas como felizmente não a contrahiste...

— Oh! isso não, minha querida mãe; Beatriz é a mais esquiva, a mais digna, a mais virtuosa das raparigas.

— De accordo; eu por mim gósto immenso d'ella. N'esse caso... se nada ha entre os dois senão um namorico... vais para Madrid.

— Perdão! isto não é um namorico; é o meu primeiro, o meu unico amor! é a minha felicidade futura. Mãe querida, não me negue a mão de Beatriz!...

— Não t'a nego; mas como estou a sangue frio, tenho obrigação de te fazer notar os inconvenientes graves das uniões entre classes differentes...

— Não, pelo amor de Deus! não toquemos n'esse ponto. Então não eram classes differentes a minha e a de Patrocinio? Pois eu, filho certamente da mais alta classe média, posso competir com a elevada fidalguia dos Lancastres? Pois o mundo em que vive a snr.ª D. Maria Victoria não é muito mais alto que o meu? Pois a minha modesta arvore genealogica pode acaso comparar-se com a de Patrocinio? E comtudo, minha santa mãe protegia a minha união com uma neta de Reis. Ellas lá, consentiam em descer; minha mãe ambicionava que eu subisse. Ah! minha mãe, não falemos em classes. Se eu era digno de me entroncar na arvore Real dos Lancastres, tambem Beatriz é digna de se entroncar na minha familia, visto que tenho por terceiro avô um moleiro.

— Como disseste bem tudo isso, meu filho! — exclamou D. Maria enlevada — Pois bem; não te exaltes; eu, que te adoro, estou por tudo quanto fôr a tua felicidade. De mais a mais, tu já pediste Beatriz, não é verdade?

— Pedi.

— Então, cumpre.

XL

A' chegada de Graça aos Pombaes, tudo lá se achava em grande confusão. Tinha sido chamado de Odivellas o medico a toda a pressa, porque Beatriz dava mostras de estar gravissimamente enferma. As commoções da tarde tinham aluido e aniquilado aquelle organismo. O medico, cheio de tristeza, declarou-a nas ultimas. Um dos irmãos da doente, correndo para a quinta de Santo Antonio, a avisar sua mãe, que se sabia ter ido para lá, encontrou a na estrada, e disse-lhe:

— O' mãe, venha depressa, que a nossa cachopa está muito mal.

A pobre mãe correu allucinada.

Beatriz pediu um Padre. Chegou o bondoso Prior de Odivellas, que desde pequenina a conhecia, e ouviu de confissão aquella alma pura. Armou a valorosa Maria da Graça, por suas mãos, uma especie de altar sobre a commoda, com um Crucifixo e duas velas. A moribunda recebeu os Sacramentos na presença da sua pobre familia ajoelhada e em lagrimas.

A mãe assistiu, sem poder chorar, a todas as commovedoras scenas do ritual catholico, e sentiu na sua dor brutal um conforto extraordinario, ao ouvir os labios do indulgente Parocho

proferirem as palavras latinas da Egreja, e explical-as depois n'uma pratica cheia de uncção.

Beatriz, muito serena, sentada entre almofadas na cadeira de braços, contemplava com os seus grandes olhos azues esgazeados as ceremonias, e recebia com muita fé

> .... *o pão celeste*
> *provimento e conforto á gran viagem*,

como diz Castilho. N'um estado indizivel de fraqueza e esfacellamento, aguardava com um valor sobrehumano o chamamento de Deus.

Quando o Prior sahia, acompanhado dos saloios de casa e de alguns visinhos, disse á Graça:

— Console-se, pobre mãe; era um Anjo do Ceo.

*

Sobre a madrugada um dos rapazes, de ordem da mãe, correu a Santo Antonio.

Uma hora depois, D. Maria do Rosario, a mãe heroica, levava o filho, e precedidos do Vicente com uma lanterna, penetravam na pobre casa, mezes antes tão feliz e despreoccupada.

Raiavam os primeiros clarões da madrugada. Tinha n'esse intervallo voltado o medico, e receitára não sei o quê por descargo dos seus amargos deveres profissionaes. Graça, com os

olhos a luzir de febre, acarinhava a enferma, e ministrava-lhe de quando em quando um confortativo qualquer.

Triste alvorada de Março! celebravam-n-a os passarinhos nas arvores da horta com o seu chilreado cantico da manhan.

O valle acordava sorrindo; o dia frio e claro entornava ondas de luz sobre os matagaes da serra, e os moinhos uivavam a sua serena canção do trabalho rural.

. . . .

De joelhos junto a Beatriz, o allucinado João nem via nem ouvia. Agarrado á mão d'ella, que lhe sorria ainda, chorava.

Graça, como insensivel, olhava com olhos de quasi louca. O pae e os irmãos pareciam estatuas.

D. Maria do Rosario presidia silenciosa a tudo, prestava os derradeiros serviços á sua pupilla, e limpava-lhe carinhosa o suor da agonia. A doente estremecia inconsciente nas convulsões derradeiras.

Badalavam Trindades em Odivellas, quando a alma de Beatriz se levantou n'um adejo, e voou para Deus.

. . . .

D. Maria do Rosario tirou do seio inanimado e ainda tépido de Beatriz a medalhinha da Senhora do Amparo, e dando-a a João na presença de Graça, disse:

. . . .

— Toma, João, e guarda-a sempre comtigo. Dei-lhe eu isto a ella, tendo toda a fé em que a ideia que esta pequenina Imagem representa havia de amparal-a. Não me enganei. Oxalá te proteja tambem a ti, filho da minha alma!

O rapaz, soluçando e arrecadando a medalha, respondia:

— Obrigado, mãe querida! esta medalha já a salvou a ella, e a mim!...

*

No dia seguinte o Prior acompanhou os restos mortaes da desditosa rapariga ao cemiterio, seguido de um cortejo de camponezes; entre elles ia João todo de lucto, em pranto.

Quem hoje entra n'esse cemiterio, vê a um canto uma campa raza muito ennegrecida do tempo. Jaz ali Beatriz. Em volta não ha rosas, nem violetas; ha umas hortigas e umas gramíneas bravas semeadas pelo vento. A pobre morta já não tem familia; toda morreu, ou a esqueceu no seu cantinho do cemiterio.

Por isso é que o autor d'estas paginas as escreveu; quiz recordal-a, e quiz dal-a a conhecer a quem não a viu.

E como este, quantos outros infortunios virtuosos e ignorados não jazem sepultos nas vallas e nas campas! A morte é um grande abysmo, e um grande descanço tambem.

. . . .

Não me perguntem mais. Se os nomes dos personagens d'esta narrativa são ficticios, quanta somma de verdades não ficou ahi sepultada, como sob a sua campa ennegrecida dos invernos jaz a affectuosa e resignada Beatriz!

XLI

Ultimas palavras

De todas as historias humanas, analysadas á luz da philosophia, podem deduzir-se leis. Os factos são consequencia de ideias e factos, e geram por sua vez outros factos, e outras ideias.

N'esta breve chronica do viver de umas familias muito nossas, temos que aprender. Assistimos ao teor da vida dos lares portuguezes desunidos pela guerra civil; uns personificavam a tradição, os outros a evolução em nome de aspirações novas. Dissociados a principio, vimol-os unir-se, fundir-se a pouco e pouco, pelas tolerancias mutuas.

Roque de Sousa, fiel á sua crença absolutista e dynastica, morre abraçado á sua bandeira, transigindo comtudo em conviver com os adversarios da vespera.

Sua viuva, mulher austéra, filha, esposa, e mãe exemplar, mantém no coração os principios

absolutistas, mas o amor maternal obriga-a a transigir.

O Conego forma a transição em nome da Religião; as senhoras Lancastres formam a transição em nome da sociabilidade elegante; D. Antonio de Castro forma a transição em nome das nobres ambições do talento.

João é o producto hybrido do terreno social em que nasceu, e do centro em que vive. Deixando de receber, como devia, uma educação propria do seu tempo, vegéta ocioso; essa ociosidade perde-o. Como tinha tido por primeiro leite a Religião, essa Religião salva-o. Vencedor de si mesmo, pelo affecto a sua mãe e pelo amor a Beatriz, ergue-se á verdadeira altura de um homem moral.

Sua mãe, collocada entre o culto da viuvez e a dedicação maternal, representa a abnegação suprema.

Beatriz é o amor puro e immaculado, mantido na sombra pelo pudor e pela dignidade, salvo pela ideia religiosa, e preferindo morrer, como o arminho, a macular-se.

Vimos scenas das familias mais humildes; entrámos nos lares da alta classe média, e nos da aristocracia realista.

Servem estas paginas para conservar aos vindoiros, se acaso lá chegarem, uma especie de camara optica de usos e costumes do seculo XIX; e além d'isso para mostrar, que na familia por-

tugueza as transigencias reciprocas, de sessenta annos a esta parte, realisaram milagres; acabaram os odios politicos; e se ha divergencias na doutrina dynastica, já se não revelam em malquerenças e improperios.

Essas divergencias existem, e hão-de existir. Tudo n'este mundo é sujeito a discussões. Ha em Hespanha os carlistas; ha em França os orleanistas, que representam hoje a linha dos Bourbons; ha na Russia os annexados da Polonia;

Servi siam, si, ma servi ognor frementi;

ha em Roma os partidarios estrénuos do Poder Pontificio ligado ao Poder Temporal; ha no Brazil os fieis imperialistas, adversos á republica; ha em Portugal os miguelistas, que não acceitam a dynastia legitima da Rainha. Respeitemos esses nobres isolados, quando sinceros.

Esperemos que as boas crenças religiosas acabem de completar o que falta; esperemos que a energica attitude dos Governos prohiba a propaganda infrene de impiedades, com que alguns lamentaveis e inqualificaveis energumenos jornalisticos e socialisticos se não envergonham de envenenar o nosso bom povo. A liberdade de imprensa e a de associação teem limites.

Oxalá que, auxiliando os Governos, os paes de familias se convençam d'esta verdade séria:

sempre que uma educação juvenil tem por alicerce a Religião, ha-de, cedo ou tarde, triumphar n'essa educação a moralidade.

Oxalá assim o comprehendam todos os educadores! oxalá não seja banida da escola a unica salvação possivel da sociedade: a Cruz!

Quinta da Victoria, SACAVEM
8 de Fevereiro de 1900, 11 h. da noite.

P. S.

Se me perguntam pelo destino dos personagens d'esta historia, direi:

O Conego Netto de Macedo, cada vez mais carinhoso, não desamparou o seu joven amigo; a sua companhia e os seus conselhos serviram de immenso a João de Sousa.

D. Antonio de Castro nomeado d'ali a mezes, graças á protecção de Saldanha, Enviado extraordinario e Ministro plenipotenciario para a Belgica, salvo erro, foi representar dignamente a sociedade portugueza entre os diplomatas mais conspicuos do seu posto.

A snr.ª D. Maria Victoria e sua gentil filha ficaram em Lisboa na sua nobre casa de S. Vicente, recebendo de vez em quando as phalanges realistas, e as constitucionaes.

As fieis senhoras Refoyos continuaram con-

templando o retrato do seu Rei, e esperando em vão o advento da sua causa. Curvo sempre o joelho diante d'estes grandes isolados, martyres de uma crença.

João, graças á influencia de sua mãe, resignou-se; as perigosas brilhaturas da carreira diplomatica esvahiram-se por então como fumo. A morte de Beatriz, sua mulher perante Deus, deixou lhe na alma um profundo sulco de tristeza. Tomou a peito o seu papel de filho, encheu de alegrias o coração da snr.ª D. Maria do Rosario, e tornou-se administrador serio e homem de probidade.

Deus escreve direito por linhas tortas. O que nos parece só desgraça, contém novas provas da bondade celestial. Esperar, sem comprehender, é que se chama resignação.

Quem salvou este moço? pergunto outra vez.

A Religião que bebêra com o leite, e o amor dedicado da melhor das mães.

N'outro livro, que tenciono escrever se tiver vida, continuarei a narrar o mais que succedeu, e de que esta primeira parte foi apenas o alicerce.

FIM

NOTAS

Pag. 172 lin. 26:

O chafariz do Loreto

Duas palavras ácerca d'este vistoso chafariz, que no largo do Loreto campeou oitenta e tantos annos, enfeitando com uma bella obra de arte aquella praça pobre.

Segundo o livro de Velloso de Andrade *Memoria sobre chafarizes*, comprou a Camara, depois do terremoto de 1755, por 24.638$200 réis os terrenos que ficaram formando o largo, que até então não existia. A rua do Outeiro vinha morrer á face da rua das Portas de Santa Caterina, assim como a do Thesoiro velho, que então se chamava da Cordoaria nova (ambas foram modernamente chrismadas não sei em quê). Demolidas as muitas casas que existiam n'essa area, deu-se ordem á edificação do chafariz. Vejamos as compras:

Ao Conego Romão Rodrigues da Veiga, por 18 palmos de chão na rua do Outeiro, a 6$000 réis o palmo, deram-se..	108$000
A' extincta Congregação de Nossa Senhora da Doutrina, por 24 palmos na rua do Picadeiro, a 6$000 réis............	144$000
Somma..........	252$000

Transporte.......	252$000
A' Congregação de Nossa Senhora da Boa-morte, situada na Casa professa de S. Roque de Jesus, por umas casas na rua direita das Portas de Santa Caterina, frente para a rua do Outeiro..........	4:000$000
A' mesma, por outras casas na rua do Outeiro............................	10$000
Ao capitão Domingos Ferreira da Veiga e Castro, por umas casas na rua da Cordoaria nova ás Portas de Santa Caterina.................................	4:000$000
A' Meza da Irmandade do Santissimo da freguezia da Encarnação, por umas casas na rua do Outeiro.................	3:600$000
A' mesma por outras casas..............	176$200
A Francisco da Fonseca e Sousa, por umas casas na rua do Outeiro...............	6:000$000
A José da Silva de Almeida, por umas casas na rua das Portas de Santa Caterina, frente para a rua da Cordoaria nova	6:600$000
Total............	24:638$200

Não sei ao certo quem delineou o chafariz, que era de veras elegante, com dois tanques ao rés da rua, entre escadarias que levavam a um plano superior onde havia outros tanques, em volta de um pedestal elevado, sobre o qual agitava o seu tridente, n'uma postura academica cheia de movimento, um Neptuno coroado, obra de Machado de Castro executada em Carrara, na Italia, no anno de 1771 [1]. Foi, por signal, o notavel Anselmo José da Cruz, homem rasgado e amador da arte, quem se encarregou de mandar fazer essa esculptura, e de a mandar vir por Genova. Custou 201$070 réis [2].

Pela Resolução de 8 de Outubro, e Alvará de 20 de Dezembro de 1782, concedeu-se metade dos sobejos da agua a Joaquim Pedro Quintella, e por outra Resolução e Alvará de 3 de Setembro de 1784, se fez mercê

---

[1] Cyrillo Wolkmar Machado — *Memorias* — pag. 267.

[2] Velloso de Andrade — obra citada — pag. 1, e pag. 373 e segg.

da outra metade a Antonio Rodrigues de Oliveira. Consta que em 1851 os recebia todos o Conde do Farrobo no seu palacio da rua do Alecrim, palacio que hoje pertence por compra ao sr. Antonio Augusto Carvalho Monteiro.

Era formoso o aspecto do chafariz monumental do Loreto; tinha lindissimas linhas, e um todo arrogante e enthusiastico; dizia bem ali, mas melhor diria n'uma praça mais vasta, onde podesse ser contemplado de frente, e onde não obstruisse a passagem, como com effeito veio a obstruir, quando o movimento sempre crescente d'aquella nossa *Puerta del Sol* obrigou a Camara a destruil-o. Foi pena. A agua alegra sempre uma praça. Podia ter-se collocado n'outra parte o chafariz, se não convinha ali; mas preferiu-se aniquilal-o. E' costume nosso: instituição ou edificio que precise reforma, deita-se a terra; é mais barbaro, e mais commodo. As Ordens religiosas e os Morgados que o digam.

Aquelle chafariz, cujas bicas se transferiram para o miseravel tanque da rua do Thesoiro velho, foi um ponto de concorrencia de todos os aguadeiros... do mundo ia eu dizer; e parece incrivel, antes da Companhia das aguas, o numero de *açacaes* que ali tinham praso-dado, e que ora ás bicas, ora á vez, sentados nos seus barris ao longo da rua, davam, pela algazarra guttural das suas disputas pouco rhetoricas, um aspecto de parlamento *sui generis* ao sitio. Elles, e os bulieiros de niza e chapeo alto de oleado com as suas seges de chocalhada memoria, que ali tinham *praça*, difficultavam a passagem do publico, e toda a gente sensata approvou o mandado de despejo. O peor foi que o Neptuno, apesar de mudo, tambem se achou envolvido na mesma proscripção.

E' do mez de Agosto de 1852 a primeira investida que me consta da Vereação contra o chafariz. N'uma sessão da Camara o Vereador Julio Pimentel propoz a demolição; foi remettida a proposta ás Commissões de aguas e de embellezamentos [1].

Não sei quando veio a baixo o monumento; creio que em 1859. O Neptuno foi transportado para o canto da Mãe d'agua ás Amoreiras; via-se da rua todo tom-

[1] *Synopse dos princ. act. adm. da C. M. de L.*, em 1852 — pag. 67.

bado. Depois passou para a Real Associação dos Architectos e Archeologos; vejo que em officio de 19 de Fevereiro de 1866 o digno Presidente Possidonio da Silva agradece á Camara o *emprestimo* que lhe fez da dita estatua para o seu museu [1], annuindo ao pedido do mesmo Presidente em officio de 28 de Janeiro.

Em sessão da Camara de 24 de Outubro de 1867 o Vereador Dr. Rodrigues da Camara propoz que o Neptuno se collocasse no chafariz da praça de Alcantara, em logar do *Neptuninho* que lá está. Foi approvado, mas felizmente não se transportou [2].

Em sessão de 16 de Agosto de 1881 resolveu a Camara reclamar da Associação dos Archeologos o Neptuno, a fim de ser emprestado á Companhia das aguas para o seu edificio dos Barbadinhos [3].

Ao menos concederam decente aposentadoria á obra do grande Machado de Castro. Nem sei como tal fizeram; aquillo britado dava uns poucos de metros cubicos de pedra para qualquer avenida de alguma illustre nullidade.

Ao Neptuno do Loreto deve applicar-se um distico de Petronio:

DE NEPTUNO MARMOREO AGUAS FUNDENTE

Quam melior, Neptune, tuo sors ista tridente!
Post pelagus dulces hic tibi dantur aquæ.

Pode talvez paraphrasear-se d'este modo:

A UM NEPTUNO DE MARMORE QUE JORRAVA AGUAS

Neptuno, melhorou-se o teu destino.
Presidia ao salgado o grão tridente.
Hoje preside a um veio crystallino,
que no doce fluir restaura a gente.

---

[1] *Archivo mun. de Lisb.* — 1866 — n.º 322 — pag. 2581.
[2] *Archivo mun. de Lisb.* — 1867 — n.º 411 — pag. 3322.
[3] *Archivo mun. de Lisb.* — 1881 — pag. 455.

ou assim:

Se ao vasto mar salino
presidiu teu tridente,
Neptuno, de repente
melhorou teu destino:
de agua doce e corrente
presides hoje a um veio crystallino.

ou assim:

Neptuno, é melhor tua sorte
que a de outr'ora,
quando andavas os Oceanos
a reger.
Em vez das ondas salgadas
tens agora
lymphas puras, aguas doces
a correr.

ou assim:

Quam melhor, ó Neptuno, é tua sorte agora!
regia o teu tridente o salso mar outr'ora.
Hoje, em descanço, vês jorrar a lympha pura,
e gosas n'um poleiro a grata sinecura.

ou talvez assim:

Grande Neptuno,
meus parabens
pelo despacho
que hoje ahi tens!

Co'a tua barba,
co'o teu tridente,
eras dos mares
o presidente.

Hoje presides
ás doces lymphas;
pelo Chiado
bispas as nymphas;

e entre os gallegos
do chafariz
passas os dias
a encher barrís.

Pag. 193 lin. 10:

Garrett e o amanuense

O caso que dou como acontecido entre o Visconde de Almeida Garrett e o amanuense, é, repito, de todo o ponto verdadeiro. Podem os biographos do grande poeta acceital-o como authentico sob a garantia da minhá palavra. Se algum escrupuloso me objectar, que em 17 de Agosto de 1852 sahira Garrett do Ministerio, e que o despacho de João de Sousa devia ter-se dado nos principios de Novembro, visto que o theatro de S. Carlos se achava aberto, responderei: é certo; o nome e a pessoa do amanuense são ficticios. O facto deu-se pois antes d'aquella data; ao romancista conveio essa pequena quebra na chronologia. Quem era o sujeito? isso é que não importa; que tambem era (e é) *João*, não tem duvida nenhuma; e ufano-me de o contar no numero dos meus mais velhos, melhores, e mais queridos amigos.

Pag. 196 lin. 28:

Os casebres do Loreto

Duas palavras em additamento ao que já disse n'outro livro, relativamente aos chamados casebres do Loreto.

N'esses *casebres* tinha o correr dos annos transformado o magnifico palacio que defronte da antiga porta de Santa Caterina possuiam os Marquezes de Marialva; não sei desde que tempo, mas calculo que desde o segundo quartel, pelo menos, do seculo XVII. E não tinham escolhido mal os fundadores do predio; o sitio era alto, lavado de ar, mesmo junto a Lisboa, e entre as amenidades campestres que os Alteros de Andrada tinham começado a arrotear e a utilisar, em proveito do publico, e seu. Bellas vistas, ainda então não interceptadas de telhados; ao sul a *horta-secca* dos Pinas; ao norte um bairro novo, alinhado e elegante; ao nascente a velha e magnifica Lisboa, onde se penetrava por uma nobre artéria operosa e commercial, a rua das portas de Santa Caterina e o Chiado. Essas mesmas portas torrejadas, da cerca d'el-Rei D. Fernando, estavam prestes a ser demolidas, por inuteis, e com

effeito vieram a baixo em 1702. Vinte annos andados, em 1723, quando Frei Domingos Teixeira escrevia a sua *Vida de D. Nuno Alvares Pereira*, já ellas pertenciam á historia velha da Capital. Diz o chronista (Liv. I, § 41):

...«As portas de Santa Caterina, de que, ainda ex«tinctas até ás ruinas, duraram as memorias perdura«veis entre os dois soberbos templos da Encarnação e «do Loreto.»

Etiam periere ruinæ.

O averiguado é que no seu palacio defronte do Loreto morava em Maio de 1651 o Marquez de Marialva, então Conde de Cantanhede, e fazia obras, que em Novembro de 1652 ainda continuavam. Isso consta por incidente de certas phrases de Henrique Tavares, pagem do Conde de Villa Franca, aos Inquisidores de Lisboa. Vejamos.

Tinha-se instaurado no Santo Officio o horroroso processo do miserando Conde de Villa Franca, D. Rodrigo. Temendo os parentes do dito Conde, que os depoimentos do pagem podessem aggravar a triste situação do prezo, trataram de inutilisal-o prendendo-o; e diz elle proprio, quando depois consegue apresentar-se:

...«Que elle confitente veio da dita ilha — (S. Miguel) — para esta cidade com o mesmo Conde — (de Villa Franca) — e em sua casa quando o trouxeram prezo...... no dia seguinte resolveu elle confitente de se vir apresentar;...... mas antes de o poder fazer, sendo ainda pela manhan cedo, lhe foi falar D. João Lobo, cunhado do Conde de Cantanhede, e perguntar se sabia alguma coisa do Conde de Villa Franca;... e respondendo elle confitente que sim sabia, o dito D. João mandou levar a elle confitente por dois creados do Conde de Cantanhede a uma sua casa onde faz obras junto ao Loreto, e ahi o entregaram a Agostinho de Ciabra — (sic) — fechado em uma casa, e este tinha o cuidado de dar o necessario a elle confitente. Ali esteve coisa de quatorze ou quinze dias, no fim dos quaes, sendo já noite, vieram cinco homens de uma caravella, e levaram a elle confitente, e o embarcaram.....»

«Agostinho de Seabra, morador em Lisboa, disse que, na occasião em que foi prezo o Conde de Villa Franca, levou Antonio de Aguiar, que é agora Juiz do crime d'esta cidade, dois homens a casa da testemunha, não estando elle ali; e quando voltou os achou

entregues a João ou Manuel de Seabra, seus filhos... com recado que o Conde de Cantanhede, a quem elle serve, e do qual eram as casas em que então morava, e estavam no sitio em que agora —(24 de Novembro de 1652) — faz as novas, mandava dizer que tivesse ahi comsigo aquelles dois homens até elle Conde ordenar outra coisa......

«João de Seabra, solteiro, filho de Agostinho de Seabra, disse que no dia seguinte ao da prisão do Conde) de Villa Franca — (a prisão foi a 26 de Maio de 1651 —pelas 10 horas da manhan foi a casa de seu pae Antonio de Aguiar..... » etc.

D'esses paragraphos conclue-se pois que:

1.º — em Maio de 1651 o Conde de Cantanhede tinha obras nas suas casas do Loreto;

2.º — essas obras parece eram reedificação de predio antigo, já ali existente não se sabe desde quando;

3.º — n'um aposento do palacio foi detido, como em carcere privado, até ser levado para o mar, o pagem Henrique Tavares, assim raptado para o impedirem de comprometter seu amo com as delações que premeditava [1].

Certamente com o intuito de ampliar o edificiô, o Marquez de Marialva aforou á Camara de Lisboa um chão ao Loreto [2].

Durante a guerra com Hespanha em seguida á restauração, o povo, tanta vez injusto, desfeiteou as familias de alguns generaes quando a sorte das armas não acompanhava os votos da nação. Logo depois da perda de Evora, amotinou-se em Lisboa a plebe, saqueou algumas casas, e entre ellas este palacio do Marquez de Marialva. A Marqueza e suas filhas tiveram que fugir pela banda da travessa dos Gattos [3].

---

[1] Estas noticias do celebre processo fôram-me communicadas pelo douto escriptor, e meu particular amigo, Anselmo Braamcamp Freire, que dedicou ao tenebroso caso do desgraçado Conde a mais interessante monographia, onde a historia do tempo, as alfaias, os usos e costumes das familias aristocraticas, etc., se apresentam com muita viveza de côr, e em estylo elegante e apurado. E' obra de estudo, e para estudo. O processo de Tavares é na Torre do Tombo o n.º 975 da Inquisição de Lisboa

[2] Cartorio municipal — Liv. 6.º do Principe D. Pedro, fl. 302, 406, 375. — Liv. 7.º, fl. 268, 366, 313. — Liv. 8.º, fl 37. 150.

[3] D. Antonio Caetano de Sousa — *Hist. gen. da C. R.* — T. VII, pag. 381.

N'este palacio celebrou-se uma grande festa com theatro e baile, em honra do 22.º anniversario natalicio da 3.ª Marqueza de Marialva, D. Joaquina Maria Magdalena da Conceição de Meneses[1].

A essa festa dedicou Thomaz Pinto Brandão um *romance*, em alguns pontos inintelligivel: *Fazendo annos a Ex.ma senhora Marqueza de Marialva, houve comedia em sua casa e danças com bizarro estrondo*[2].

Segundo o tombo da cidade levantado depois do terremoto, o palacio era regular, comprehendido entre quatro ruas; e por estar distincto se não mediu. Foi pena, porque algumas minucias de descripção do predio teriam ficado.

Segundo as minhas lembranças, e dois desenhos que tirei eu proprio, collocando-me no adrosinho que então (14 de Setembro de 1859) tornejava nas duas faces da egreja do Loreto, a fachada principal deitava para o largo das duas Egrejas. Compunha-se para essa banda (nascente) de um portão monumental corrido de uma cornija, que seguia da larga pilastra do cunhal da esquina sobre a rua do Loreto até outra pilastra, que tomava justamente o meio d'esta face do quarteirão. Sobre o portão erguia-se uma grande sacada entre ornamentos severos mas elegantes, tendo aos dois lados outras duas saccadas, todas tres adornadas de cornija, e gradeadas á antiga. No alto tres mezaninos, sobre os quaes a agua-furtada e os telhados. A pilastra do norte, na esquina, era enfeitada com tres brasões, que infelizmente não copiei. Isto são as linhas geraes, porque a verdade é que o traçado primitivo da architectura se achava interpolado de miserandos accrescentos; exemplos: o portão grande, que era de uma taberna, via-se dividido ao meio, e a cada parte tinha uma portinha de vidraça, e uma janella; para o lado da esquina tinham rompido outra porta curva; para o lado opposto via se um armario, onde trabalhava um barbeiro; dos dois lados do portão tinha havido duas janellas oblongas, talvez de claridade para a loja da entrada; achavam-se mascaradas.

O que fosse antigamente o seguimento para o lado do sul, não me atrevo a decidir; calculo seria talvez um pequeno jardim, no genero do do palacio Palmella

[1] *Hist. gen.* · T. V, pag. 286.
[2] *Pinto renascido* — pag. 312.

ao Calhariz; a existencia da pilastra de outro cunhal parece me excluir a ideia de que outras sacadas continuassem. Isso ahi era uma casinhola baixa, de tres sacadas mesquinhas, onde habitava um dentista; depois um casarão com taberna, a cuja porta se via uma castanheira.

A fachada da rua do Loreto ainda mostrava sacadas, talvez nove, quatro sobrepojadas de mezaninos como as da outra frente; mas como visivelmente isso tudo tinha sido muito arruinado, o desenho primitivo achava-se interpolado de habitações pobres.

Jeronymo de Barros Ferreira, architecto, e pintor de flores, ornato, assumptos architectonicos, e miniaturas, executou as pinturas do tecto da casa de jantar d'este palacio [1]. Como nasceu em 1750 e falleceu em 1803, aos ultimos annos do seculo XVIII ou logo ao principio do XIX é que deve attribuir-se tal pintura; o que mostra que a ruina causada pelo terremoto não foi tão grande como geralmente se pensa.

Eis tudo quanto posso restituir do vasto solar dos Marialvas. Da frente para a travessa dos Gattos mal me lembro; eram ruinas, officinas de ferrador, pouco mais. A da rua da Horta secca ainda em 1837 contava *sete janellas*, talvez sacadas. Em Abril d'esse anno a Camara mandou intimar os proprietarios a apeal-as, o que de certo se fez [2].

N'esse mesmo anno alvorecia no Municipio a ideia da demolição dos *casebres*, visto que em Outubro a Camara officiou aos cidadãos Joaquim Antonio dos Santos, Raphael José da Cunha, Anacleto José da Silva Conde do Farrobo, José Ferreira Pinto Junior, Manuel Corrêa Gomes de Oliveira, e Ignacio Rufino de Almeida, convidando-os a reunirem-se em 24 na casa da Camara, para se tratar da formação de uma praça no sitio onde existiam esses pardieiros, que então eram do Duque de Lafões [3].

Alguma coisa se deliberou, visto ter a mesma Camara approvado os tres primeiros artigos de uma indicação apresentada pelos convocados sobre o modo da

---

[1] Raczynski — *Diccionario*, citando Taborda e Cyrillo.

[2] *Synopse dos princip. act. admin. da C. M. de L.* em 1837 pag. 5.

[3] *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1837, pag. 27

formação da tal nova praça [1]. Resolveu-se officiar ao Duque de Lafões offerecendo lhe pela expropriação a quantia de 4 contos de réis, que os proprietarios d'aquellas circumvisinhanças estavam promptos a dar do seu bolsinho; sendo desde logo admittido a tratar com a Camara o procurador do Duque, e obrigando-se a fazer evacuar todas as habitações até ao fim do anno [2].

Parece que nada se ultimou; e assim chegamos a 1850, sem que a immunidade d'estes vergonhosos pardieiros tivesse sido atacada. Em Dezembro d'esse anno resolveu a Camara representar ao Governo notificando-lhe o desejo de adquirir aquelle terreno afim de embellezar o sitio pelo modo que melhor parecesse, e pedindo ao mesmo Governo comprasse os casebres, descontando essa somma na divida antiga do Municipio [3].

Nada se fez. Veio a Lei de 10 de Agosto de 1854, e logo outra de 16 de Julho de 1855 auctorisando a expropriação por utilidade publica, e *com urgencia*, a fim de arrazar ahi uma praça; mas tudo ficou como estava.

Em sessão camararia de 17 de Fevereiro de 1859 o vereador Rodrigues da Camara fez uma exposição minuciosa do estado do negocio, e propôz se officiasse ao Governo pedindo-lhe empregasse todos os meios para se levar a effeito o projecto [4]; proposta que a mesma Camara approvou em sessão de 24 [5].

Em 28 subiu o officio da Camara ao Ministerio do Reino.

Como em Portugal tudo anda a compasso, e ninguem tem pressa, em 3 de Setembro de 1859 perguntava o Ministerio das Obras publicas á Camara, se lhe convinha mandar demolir por sua conta os casebres; no caso affirmativo, os materiaes ficariam pertencendo á Camara, á qual o Governo concedia 50 dias para a demolição [6].

Em sessão de 5 a Camara acceitava [7].

---

[1] *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1837, pag. 27.
[2] *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1837, pag. 29
[3] *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1850, pag. 21.
[4] *Ann. do Mun. de Lisb.* 1859. n.º 27, pag. 226.
[5] *Ann. do Mun. de Lisb.* 1859, n.º 28, pag. 233.
[6] *Ann. do Mun. de Lisb.* 1859, n.º 52, pag. 427.
[7] *Ann. do Mun. de Lisb.* 1859, n.º 51, pag. 417.

Em 6 o Director das Obras publicas communicava á Camara que o Governo resolvera fazer por sua conta a demolição [1].

Em 7 o mesmo Director officiava a Camara dizendo-lhe que a demolição havia de principiar em 8; e tendo o Governo determinado que o entulho servisse no aterro da Boa-Vista, pedia á Camara marcasse um sitio entre a Moeda e o Caes do Sodré, onde o architecto Feliciano de Sousa Corrêa encarregado da demolição podesse mandar atirar o mesmo entulho [2].

Em sessão da Camara, de 12, leu-se o officio de 9 em que o Ministerio das Obras publicas dizia que o Governo ratificava o offerecimento que fizera para a mesma Camara se encarregar da demolição; deu então o Municipio as suas providencias para serem as obras por sua conta, e correrem depressa [3].

Em sessão de 29 resolveu a Camara annunciar a arrematação dos materiaes provenientes da demolição [4].

Em sessão de 6 de Outubro d'este anno de 1859 o vereador Esteves de Carvalho participou ter mandado entregar á Irmandade do Santissimo da freguezia do Soccorro 3:300 telhas do desmancho dos casebres pagas pelo preço da venda das restantes [5].

Em sessão de 13 o mesmo Vereador apresentou as avaliações dos diversos materiaes provenientes dos predios demolidos, no valor de 1:767$480 [6].

Em sessão de 20 a Camara deu ordem para se proceder no dia 25 á arrematação dos materiaes, ficando a alvenaria para as obras do aterro [7].

Em sessão de 27 de Outubro o Vereador Esteves de Carvalho apresentou uma relação de objectos vendidos provenientes da demolição, e communicou ter annunciado o resto [8].

Em sessão de 3 de Novembro d'este mesmo anno 1859, tomou a Vereação conhecimento de uma memo-

---

[1] *Ann. do Mun. de Lisb.* 1859, n.º 52, pag. 427.
[2] *Ann. do Mun. de Lisb.* 1859, n.º 52, pag. 427.
[3] *Ann. do Mun. de Lisb.* 1859, n.º 52, pag. 425.
[4] *Ann. do Mun. de Lisb.* 1859, n.º 53, pag. 435.
[5] *Ann. do Mun. de Lisb* 1859 n.º 54, pag. 442.
[6] *Ann. do Mun. de Lisb.* — 1859, n.º 55, pag. 450.
[7] *Ann. do Mun. de Lisb.* — 1859, n.º 56, pag. 457.
[8] *Ann. do Mun. de Lisb.* — 1859, n.º 56, pag. 459.

ria, apresentada por Joaquim Antonio Nunes de Oliveira sobre o embellezamento do novo largo[1]

N'essa mesma data o Fiscal, propoz se dessem á Irmandade do Santissimo de S Mamede, doze pedras do cunhal dos predios demolidos[2]. Approvou-se.

Em sessão de 12 de Dezembro, mandaram-se dar á mesma Irmandade quatro vãos de caixilhos dos mesmos edificios[3].

Não sei se o projecto de Nunes de Oliveira seria rejeitado; o que vejo é que em sessão de 16 de Janeiro de 1860 o Vereador Moraes Mantas apresentou outro, na ideia de se estabelecer na nova praça um mercado de flôres e plantas.

Propunha o Vereador;

1.º — que no largo se estabelecesse um mercado de flôres;

2.º — n'esse mercado, mediante licença e renda, se venderiam flôres, arbustos, e tambem aves exoticas;

3.º — para se aproveitar a disposição do terreno, e offerecer um bonito ponto de vista para o largo das Duas Egrejas, se estabeleceria da banda da travessa dos Gattos uma galeria elliptica com dois pavilhões nos extremos, os quaes não excederiam os dois terços do paralellogrammo da praça; galeria e pavilhões de ferro e vidraça, tudo em compartimentos, para aluguel, e no centro ajardinado um grande tanque com repucho[4].

N'este meio tempo, em 1860, o escultor Victor Bastos compozera o projecto do monumento a Camões, e a Commissão achava-se creada; achava-se tambem funccionando outra Commissão promotora do monumento ao Duque da Terceira; ambas desejavam collocar o seu heroe na nova praça. Em sessão de 6 de Agosto de 1860 a Camara ouviu ler o relatorio e orçamento da sua repartição technica sobre o difficil problema do nivelamento do chão, fosse qual fosse o monumento para ali escolhido. Depois de discussão dicidiu se:

1.º — consultar o Governo;

2.º — ouvir o Intendente das Obras publicas;

3.º — ouvir a mesma repartição technica sobre estar

---

[1] *Ann. do Mun. de Lisb.* — 1859, n.º 57, pag. 465.
[2] *Ann. do Mun. de Lisb.* — 1859, n.º 57, pag. 466.
[3] *Ann. no Mun. de Lisb.* — 1859, n.º 63. pag. 514.
[4] *Arch. mun. de Lisb.* — 1860, n.º 3, pag. 18 e 20.

ou não executado com todas as regras da architectura o projecto do monumento a Camões[1].

A proposito, direi o seguinte:

Castilho, membro da grande Commissão, expôz n'uma das sessões que, embora applaudindo do fundo da alma a ideia de se erguer um condigno padrão ao grande poeta, lhe parecia menos acertada a escolha da praça em frente das duas egrejas; Camões cantor das nossas glorias navaes, queria-se ao-pé do mar; assim, ficaria a sua estatua como uma saudação eloquente aos viajantes, e a sua figura, vendo a entrada e sahida dos navios nacionaes e estrangeiros, completaria o pensamento dos *Lusiadas*. O não se encontrar em Lisboa, ao rez do Tejo, praça ampla para tal collocação, não era argumento; lá estava o aterro em construcção; ahi poderia traçar-se um largo symetrico, com bello fundo para o monumento. Houve discussão, mas a ideia de Castilho foi reprovada. Não foram levados em conta os seus argumentos; e em vez de se edificar o monumento junto ás *Tagides minhas*, optou se por uma praça desegual e semsabor, e longe das aguas, o que (dizia Castilho) nos dava *um Camões de sequeiro.*

Palavras textuaes de Castilho na nota *Honras posthumas* da 2.ª edição do seu *Camões* (T. III, pag. 187):

......«A pena é que obra por tantissimos annos esperada, e que tinha de ser paga por taes mãos, não lograsse o que era de tudo o menos difficil: uma collocação conveniente. Fados de Camões, que até no triumpho o hão-de perseguir!

«O mais nautico de todos os poetas do mundo, o cantor do Gama, o namorado do Tejo e de suas nymphas, poseram-n-o de sequeiro, d'onde nem sequer ao longe podesse enxergar nem rio nem horizontes! e onde? n'um largo de todo o ponto prosaico, burguez, e plebeu; sem assomo de architectura, de regularidade, ou de graça; n'um plano inclinado; n'um taboleiro por todas as partes desegual; em sitio finalmente tão extranho, que nem ao menos era ainda pertença da Cidade no tempo do poeta.

«Não estava ali a chamar pelo marinheiro épico a praça dos Remolares? Responderam-me, quando na Commissão a propuz, que era muito pequena. Não es-

---

[1] *Arch. mun. de Lisb.* — n.º 33, pag. 258.

tava o largo de Belem a reivindical-o? Redarguiram-me que era muito grande.

«Pois bem: não se podia riscar á vontade uma praça nova, do tamanho que lhes aprouvesse, no aterro á beira do Tejo? fazel-a moldar dos tres lados com edificios que não enxovalhassem por mesquinhos o monumento? Eram logo dois beneficios para a Cidade em logar de um. Ahi sim, que se entendêra o homem dos *Lusiadas;* dominaria as ondas, receberia as saudações dos nautas descendentes dos que elle acompanhou; hospedaria os navegantes estrangeiros, que todos em suas linguas o admiraram, e, primeiro que a nenhum outro objecto, o procurariam com a vista ao remontarem a corrente.

«Queria-se um Camões borrifado da salsuge marinha, que esse era o verdadeiro Camões, e não coberto de nuvens de poeira, entre o estrepito dos carros e a vozeria dos vendilhões.

«Paciencia; d'aqui mais a trezentos annos o trasladarão; é bom deixar sempre aos netos alguma coisa que emendar.»

Sendo Governador Civil do Districto de Lisboa o Conselheiro Antonio Cabral de Sá Nogueira, promulgou um edital de 12 de Outubro de 1860 denominando isso *Praça de Luiz de Camões.*

Em sessão camararia de 15 de Janeiro de 1861 o Presidente apresentou o orçamento da despeza que havia de fazer se em terraplanar e affeiçoar a praça, na importancia de 4:526$000 réis. Foi approvado [1].

Em sessão de 25 de Fevereiro approvou a Camara a despeza de mais 792$000 réis, em varios melhoramentos na praça [2].

Os engenheiros Joaquim Julio Pereira de Carvalho e Pedro José Pezerat propunham não sei que escadarias, creio que sobre a rua das Flores; a Commissão technica reprovou-as [3].

A grade em volta custou 1:674$180 réis [4], a cantaria para o revestimento das cortinas, 394$887 réis [5]. O forro para a cortina da praça foi arrematado por Antonio Moreira Rato, em hasta publica, a rasão de 22$500 réis

---

[1] *Arch. mun. de Lisb.* — 1861, n.º 56, pag. 441.
[2] *Arch. mun. de Lisb.* — 1861, n.º 61, pag. 483.
[3] *Arch. mun. de Lisb.* — 1861, n.º 91, pag. 724.
[4] *Arch. mun. de Lisb.* — 1861, n.º 83, pag. 659.
[5] *Arch. mun. de Lisb.* — 1861, n.º 74, pag. 586.

cada metro cubico, incluindo sete sóccos. Germano José de Salles arrematou os degraus, por 4$950 cada metro cubico, e o guarda-chapim e pilares a 28$000 tambem por metro cubico [1].

Tendo sido, como acima disse, rejeitada a ideia de Castilho, de que a estatua de Camões fosse collocada na visinhança do mar que elle tanto amou, parece que outra proposta se discutia tambem contraria á nova praça. Em sessão da Camara de 23 de Janeiro de 1862 apresentou-se um officio do Duque de Saldanha, de 20, em que, na sua qualidade de Presidente da Commissão do monumento, e constando-lhe que alguns Vereadores opinavam pela collocação da estatua na praça á entrada do Passeio publico, elle pedia o parecer da Camara. Houve largo debate; o vereador José Mendes da Assumpção manifestou desejo de que fosse consultada a Academia das Bellas Artes. Por fim decidiu a Camara não conceder a praça do Passeio, e que assim se officiasse ao Duque [2].

Em 20 de Fevereiro de 1862 determinou a Camara mandar fazer a surriba necessaria para a plantação de arvores na praça de Luiz de Camões [3].

Em 28 de Junho d'esse anno toda Lisboa presenceou a collocação da pedra fundamental do monumento de Luiz de Camões, assistindo el-Rei D. Luiz, a grande Commissão, a Academia, e toda a Côrte. Levaram a padiola Antonio Feliciano de Castilho, José da Silva Mendes Leal, José Maria Eugenio de Almeida, e Antonio da Silva Tullio.

Em 13 de Novembro approvou a Camara a construcção da calçada em volta da praça, e o passeio de lagedo na importancia de 707$663 réis [4].

Parece que se não tinha ainda arborisado a praça, porque em 26 de Fevereiro de 1863 se determinou outra vez a sua arborisação [5].

Em 9 de Outubro de 1867 foi inaugurado com grande esplendor o monumento de Camões, obra do insigne Victor Bastos.

«A praça de Luiz de Camões — diz um competen-

---

[1] *Arch. mun. de Lisb.* — 1861, n.º 65, pag. 514.
[2] *Arch. Mun. de Lisb.* 1862, n.º 109 pag. 865.
[3] *Arch. Mun. de Lisb.* 1862, n.º 113, pag. 898.
[4] *Arch. Mun. de Lisb.* 1862, n.º 151, pag. 1206.
[5] *Arch. Mun. de Lisb.* 1863, n.º 166, pag. 1324.

tissimo technico, já fallecido com grande dôr da engenharia nacional — é de figura rectangular allongada; terminando nos extremos leste-oeste por curvas circulares, apresenta assim a figura aproximada de uma ellipse. O eixo maior tem 64 metros, e o menor 30. Descontando a area occupada pelo monumento, fica a sua superficie reduzida a 1:700 metros quadrados. Adoptando um desenho elegante, mas medianamente difficil, póde obter-se uma calçada-mosaico de agradavel aspecto pelo preço de 1.500 réis o metro quadrado, ou 2:550$000 réis por toda ella [1]»

Ahi ficam archivadas algumas curiosas noticias sobre esta praça hoje celebre. Agradarão aos camonianos em especial, e a elles as dedico.

Pag. 234 lin. 1:

Verdades e illusões

O soneto de D. Lupercio de Argensola (1565-1613) é este:

Te quiero confesar, Don Juan, primero,
que aquel blanco y carmin de Doña Elvira
no tiene de ella mas, si bien se mira,
que el haberle costado su dinero.

Pero tambien que me confieses quiero
que es tanta la beldad de su mentira,
que em vano a competir con ella aspira
belleza igual de rostro verdadero.

Mira! ese cielo azul que todos vemos,
ni es cielo, ni es azul. Lastima grande
que no sea verdad tanta belleza!

Que mucho es pues que yo perdido ande
por un engaño tal, pues que sabemos
que nos engaña asi naturaleza!

---

[1] Miguel Paes — Folhetim *Empedramento das praças* — no *Diario de Noticias*, n.º 6267 de Julho de 1883.

. . . .

Eis aqui uma traducção tal qual do soneto:

Escuta-me, Dom João; dir-te-hei primeiro,
que a alva tez e os carmins de Dona Elvira
são d'ella (no dizer de quem a mira),
só por terem custado o seu dinheiro.

Logo depois, confessem-me, requeiro,
ser tal o encanto d'essa atroz mentira,
que em balde a competir com ella aspira
lindeza egual em rosto verdadeiro.

Repara! o ceo azul que todos vemos,
nem é *ceo*, nem *azul*. Lastima grande
ser falsa a sua esplendida belleza!

Que admira então que eu namorado me ande
por um engano tal, se percebemos
illudir-nos d'est'arte a Natureza!

INDICE

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
50-52, Rua Augusta, 52-54
LISBOA